

UNIVERSIDADE DO GRANDE RIO – UNIGRANRIO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HUMANIDADES, CULTURAS E
ARTES

Mônica Campos Santos Mendes

O ADULTO MADURO E A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: desafios e motivações
para uma graduação *on-line*

Duque de Caxias

2020

Mônica Campos Santos Mendes

**O ADULTO MADURO E A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: desafios e motivações
para uma graduação *on-line***

Dissertação apresentada à Universidade do Grande
Rio Prof. José de Souza Herdy, como parte dos
requisitos parciais para a obtenção do grau de Mestre
em Humanidades, Culturas e Artes.

Área de concentração:
Educação, Linguagem e Cultura

Orientador: Prof. Dr. Márcio Luiz Corrêa Vilaça

Duque de Caxias

2020

Aos meus avôs, Antônio Carlos de Souza Campos e
Horiosvaldo Bispo dos Santos, que foram exemplos
de alguém que sempre busca o conhecimento, sempre
dedicados à leitura, ao estudo.

AGRADECIMENTOS

A Deus por me conceder o direito à vida, o dom e a oportunidade de aprender e a conviver com pessoas tão queridas.

Ao meu marido, Antonio, que soube compreender os diversos “não posso... tenho que estudar” e foi o apoio sempre presente e incondicional.

Aos meus pais, Adelina e Edmundo César, os melhores que Deus poderia me conceder e que me fizeram ser quem sou.

Aos meus irmãos e irmã, aos meus sobrinhos e demais familiares, pois cada um contribuiu para que eu me tornasse quem sou.

Ao meu orientador, Prof. Márcio Vilaça, que, mesmo antes de o ser, já me abria as portas do saber com as suas importantes aulas.

A todos os professores do Programa, os que ali permanecem e aos que já seguiram novos caminhos.

Às professoras Jurema, Rosane e Kátia, que gentilmente aceitaram compor a banca examinadora e contribuíram para a qualidade desta pesquisa.

Às amigas Cleusa Faustino, Fernanda Fernandes que dedicaram parte do seu tempo à leitura e trocas para a melhoria deste trabalho. E à Camila Mór que realizou a importante revisão final.

Aos alunos que aceitaram participar da minha pesquisa e que dedicaram o seu tempo para responder o questionário com as suas valiosas contribuições, conferindo um valor especial a este estudo.

Aos colegas do mestrado, que tornaram esta caminhada mais prazerosa com as suas agradáveis companhias e amizades.

À UNIGRANRIO, que um dia me aceitou como sua colaboradora, permitindo que conhecesse pessoas especiais, na posição de alunos, que me instigaram a fazer este trabalho.

À Professora Márcia Lock, por me conceder a permissão em fazer esta pesquisa onde originalmente ela nasceu.

À Beatriz Azevedo, Rodrigo Bragança e Danielle Villar, que me apoiaram para que os alunos tivessem acesso ao questionário de pesquisa.

Aos muitos amigos que a vida me brindou, mas que o espaço não me permite listar, inclusive para não deixar nenhum de fora.

A vida segue um curso muito preciso e a natureza dota cada idade de qualidades próprias. Por isso a fraqueza das crianças, o ímpeto dos jovens, a seriedade dos adultos, a maturidade da velhice são coisas naturais que devemos apreciar cada uma em seu tempo.
(Marco Túlio Cícero, 106-43 a.C.)

RESUMO

Chegar à idade adulta com muitos projetos e sonhos a realizar constitui-se algo bastante desafiador. Sabe-se que para realizar estes sonhos é preciso determinação, dedicação e preparo para vivenciar os desafios que os envolvem, além de acreditar que é um sonho possível. Inserida na Linha II – Educação, Linguagem e Cultura, a presente pesquisa tem como objetivo geral, na perspectiva da Andragogia, identificar quais são os desafios vivenciados pelo adulto maduro, pessoas com idade a partir dos 40 anos, ao cursar uma graduação a distância *on-line* e suas percepções quanto às mudanças em sua vida. Especificamente, identificar qual a compreensão dos sujeitos pesquisados quanto às mudanças ocasionadas em suas vidas com a retomada dos estudos e analisar os sentidos atribuídos por estes alunos à sua trajetória nesta graduação, comparando os resultados entre os grupos respondentes com idade acima dos 40 anos e os com idade abaixo dos 40 anos. A fundamentação teórica compreende estudos sobre a Educação de Adultos no Ensino Superior, Andragogia, Educação a Distância, Adulto Maduro, Longevidade e Envelhecimento. Foi desenvolvido um estudo tendo como sujeitos de pesquisa os alunos de graduação dos cursos *on-line* de uma Instituição de Ensino Superior privada da Baixada Fluminense. Fez-se uma avaliação comparativa dos dados da pesquisa qualitativa, desenvolvida a partir das informações geradas por meio de questionário *on-line* disponibilizado aos sujeitos pesquisados por meio do Ambiente Virtual de Aprendizagem – AVA. A análise dos resultados apontou para duas questões relevantes: o acolhimento e o acompanhamento adequados às necessidades específicas destes sujeitos – diferentes processos e pessoas que se articulem com o propósito de possibilitar diferentes alternativas para que esses alunos possam vivenciar uma caminhada que lhes permita potencializar as mudanças desejadas para as suas vidas. Constatou-se que a escolha pela educação a distância *on-line* se deu por diversos fatores, sendo os mais recorrentes: insegurança para voltar à sala de aula depois de muitos anos, baixo custo, comodidade, disponibilidade e aproveitamento de tempo. Foi possível identificar variados motivos que os impediram de buscar a formação no tempo regular [de acordo com as políticas públicas para a Educação no Brasil], sendo, então, comum que o adulto maduro busque, nesta etapa da vida, realizar este desejo. O destaque desta pesquisa são os relatos dos respondentes, surpreendentes, emocionantes e reveladores. Por fim, espera-se como benefício uma melhor compreensão do fenômeno pesquisado, além de possíveis melhorias futuras na prática docente. Entende-se que, com os resultados obtidos, seja possível pensar estratégias de ensino e aprendizagem que atendam às especificidades do adulto maduro.

Palavras-chave: Adulto Maduro; Educação a Distância; Educação *On-line*; Andragogia; Educação de adultos; Desafios; Motivações.

ABSTRACT

Reaching adulthood with many projects and dreams to fulfill is quite challenging. It is known that to make these dreams come true, it takes determination, dedication and preparation to experience the challenges that surround them, in addition to believing that it is a possible dream. Inserted in Line II - Education, Language and Culture, the present research has as general objective, in the perspective of Andragogy, to identify what are the challenges experienced by the mature adult, people aged over 40, when taking a distance graduation on - line and your perceptions of changes in your life. Specifically, to identify the understanding of the researched subjects regarding the changes caused in their lives with the resumption of studies and to analyze the meanings attributed by these students to their trajectory in this graduation, comparing the results between the respondent groups aged over 40 years and the under the age of 40. The theoretical foundation comprises studies on Adult Education in Higher Education, Andragogy, Distance Education, Mature Adult, Longevity and Aging. A study was developed with research subjects from undergraduate students of the online courses of a private Higher Education Institution in Baixada Fluminense. A comparative evaluation of the qualitative research data was carried out, developed from the information generated through an online questionnaire made available to the subjects surveyed through the Virtual Learning Environment - VLE. The analysis of the results pointed to two relevant issues: the reception and the follow-up adequate to the specific needs of these subjects - different processes and people that articulate themselves with the purpose of enabling different alternatives so that these students can experience a journey that allows them to potentiate the changes desired for their lives. It was found that the choice for online distance education was due to several factors, the most recurring ones: insecurity to return to the classroom after many years, low cost, convenience, availability and use of time. It was possible to identify several reasons that prevented them from seeking training in regular time [according to public policies for Education in Brazil], and it is then common for mature adults to seek, at this stage of life, to fulfill this desire. The highlight of this research is the respondents' reports, which are surprising, exciting and revealing. Finally, a better understanding of the researched phenomenon is expected, as well as possible future improvements in teaching practice. It is understood that, with the results obtained, it is possible to think about teaching and learning strategies that meet the specificities of the mature adult.

Keywords: Mature Adult; Distance Education; Online Education; Andragogy; Adult education; Challenges; Motivations.

LISTA DE ABREVIATURAS

ALV – Aprendizagem ao Longo da Vida

ART - Artigo

EAD – Educação a Distância

EJA – Educação de Jovens e Adultos

AVA – Ambiente Virtual de Aprendizagem

IES – Instituição de Ensino Superior

LMS - *Learning Management Systems*

LISTA DE SIGLAS

ABED – Associação Brasileira de Educação a Distância

ANATED – Associação Nacional de Tutores de Ensino a Distância

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEDERJ – Centro de Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro

CEFOR – Centro de Referência em Formação e em Educação a Distância

CIAED – Congresso Internacional ABED de Educação a Distância

FURNAS – Furnas Centrais Elétricas S/A

IFES – Instituto Federal do Espírito Santo

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

JOVAED – Jornada Virtual ABED de Educação a Distância

LAB60+ – Movimento LAB60+

LANTE – Laboratório de Novas Tecnologias de Ensino

LDBN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MEC – Ministério da Educação e Cultura

OAB – Ordem dos Advogados do Brasil

SENAED – Seminário Nacional ABED de Educação a Distância

UFBA – Universidade Federal da Bahia

UFF – Universidade Federal Fluminense

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

UNISEB – Centro Universitário UNISEB Interativo

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Pirâmide Etária 2020	38
Figura 02 – Pirâmide Etária 2060 Projeção	39
Figura 03 – Proporção da população, por grupos de idade, em relação ao total da população Brasil 1940/2050	40
Figura 04 – Contínuo Pedagógico-Andragógico	59
Figura 05 – Matrículas em cursos regulamentados totalmente a distância	64

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 – Faixa etária dos respondentes	84
Gráfico 02 – Motivos para a escolha de uma graduação a distância <i>on-line</i>	91
Gráfico 03 – Dificuldades com o Ambiente Virtual de Aprendizagem	99

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – As gerações e suas características	42
Quadro 02 – Suposições sobre os aprendizes adultos	57
Quadro 03 – Projeto Minerva e Telecurso 2º Grau	68
Quadro 04 – Educação a Distância no Brasil	70

LISTA DE ANEXOS

Anexo 01 – Oferta de Bolsa Maturidade	136
Anexo 02 – Símbolo de preferência do idoso	137
Anexo 03 – <i>Blog</i> Papo de Adulto Maduro	138
Anexo 04 – Aos 73 anos, idoso faz ENEM para tentar vestibular	139
Anexo 05 – Idoso se forma em História aos 79 anos de idade.....	140
Anexo 06 – Idosa de 86 anos cursa último ano de Educação Física	141
Anexo 07 – Universitário de 92 anos se adapta à tecnologia para assistir aulas na quarentena: ‘vai passar’	142
Anexo 08 – Carta de Anuência	143

SUMÁRIO

Introdução	16
1 Contextos da longevidade e do aprendizado formal na idade madura	27
1.1 O ADULTO MADURO CONTEMPORÂNEO	27
1.2 O ADULTO MADURO E A LONGEVIDADE.....	36
1.3 EDUCAÇÃO AO LONGO DA VIDA.....	46
1.4 O ADULTO MADURO APRENDIZ NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: COMO RECEBÊ-LO?	48
1.5 ANDRAGOGIA: UMA TEORIA SOBRE A APRENDIZAGEM DO ADULTO	52
1.5.1 Uma breve apresentação dos princípios andragógicos	56
1.5.2 Compreendendo o contínuo pedagógico-andragógico.....	58
2 Educação a Distância	61
2.1 CRESCIMENTO DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: DADOS ESTATÍSTICOS	63
2.2 O QUE É EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA?	65
2.3 AS GERAÇÕES DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA	67
2.4 LEGISLAÇÃO DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA.....	71
2.5 MEDIAÇÃO NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA	73
3 Trajetória, resultados e análise: perspectiva de uma educação para adultos 78	
3.1 LOCAL DA PESQUISA.....	78
3.2 CAMINHOS DA PESQUISA.....	79
3.3 INSTRUMENTO DE GERAÇÃO DE DADOS.....	82
3.3.1 Questionário Piloto	83
3.3.2 Questionário Oficial	84
3.4 ANÁLISE GERAL DOS DADOS.....	87
3.4.1 O perfil do aluno EAD: o que dizem os autores e o que revelou nossa pesquisa	87
3.4.2 Motivação para a escolha da graduação a distância on-line	90
3.4.3 Dificuldades tecnológicas e educacionais	93
3.4.4 Sobre a satisfação ou insatisfação em estudar a distância on-line	100
3.5 AS VOZES QUE “ESCUAMOS”	102
3.6 COMPREENSÕES E ENCAMINHAMENTOS	104
3.6.1 Acesso e utilização dos recursos do AVA	109
3.6.2 Receio de enfrentar a sala de aula.....	111
Considerações Finais	113
Referências bibliográficas	119
APÊNDICE A – Instrumento de geração de dados – Questionário Oficial	127
ANEXO 01 – Oferta de Bolsa Maturidade.....	136
ANEXO 02 – Símbolo de preferência do idoso	137

ANEXO 03 – <i>Blog</i> Papo de Adulto Maduro.....	138
ANEXO 04 – Aos 73 anos, idoso faz ENEM para tentar vestibular	139
ANEXO 05 – Idoso se forma em História aos 79 anos de idade	140
ANEXO 06 – Idosa de 86 anos cursa último ano de Educação Física	141
ANEXO 07 – Universitário de 92 anos se adapta à tecnologia para assistir aulas na quarentena: ‘vai passar’	142
ANEXO 08 – Carta de Anuência.....	143

Introdução

A nossa vida é permeada por experiências ruins e boas que nos constituem enquanto sujeitos. São muitos os caminhos e as escolhas, que, por sua vez, resultam no que somos. Na minha história de vida não foi diferente, e esta pesquisa surge muito forte disto.

O interesse pelo tema e posterior elaboração do projeto e submissão ao Programa veio da experiência docente em Educação a Distância, atuando nos cursos de graduação na Unigranrio, quando identifiquei alunos com o perfil que desejava pesquisar, com destaque para um senhor e duas senhoras que tinham uma energia contagiante – eram meus alunos no curso de Gestão de Recursos Humanos. Também lembro de uma senhora de 72 anos que estava cursando uma pós-graduação *lato sensu*, na qual fazia uma disciplina *on-line*. Tive o privilégio de ser professora destes e de mais alguns outros que estavam ali realizando um projeto, um sonho há muito adormecido.

É interessante destacar o exemplo de um egresso de graduação EAD Unigranrio, Edvaldo Barros da Silva, que declarou, em depoimento ao *Blog “Papo de Adulto Maduro”*¹, ter buscado uma graduação na EAD aos 66 anos. Hoje é Tecnólogo em Gestão de Recursos Humanos pela Unigranrio e já está cursando uma pós-graduação.

Durante aproximadamente cinco anos fui Tutora Presencial do Centro Universitário UNISEB Interativo, e lá também tive alguns alunos com idade acima dos 40 anos, com destaque para dois casais. Um desses casais atuava no ramo Imobiliário, bem-sucedidos, mas não tinham graduação, eram alunos do curso Negócios Imobiliários, a distância. O outro casal, ambos faziam Administração, ela funcionária de uma empresa e ele ex-funcionário da mesma Organização, mas, naquele momento, desempregado. O sonho acalentado era ter uma graduação. Ela mais falante, por muitas vezes me confidenciava que para as pessoas dizia ter formação superior, pois sentia-se envergonhada por não ter.

Todos estes fatos nos levam a perceber que cada indivíduo tem a sua história, suas motivações, seus anseios, seus sonhos, suas inquietações e desafios a vencer. E assim esta pesquisa ganha um propósito, um significado especial. Portanto, tornou-se uma escolha natural realizá-la com alunos da modalidade de ensino a distância, por ser esta a realidade profissional quando a pesquisa se iniciou.

Outra questão relevante para este estudo é a longevidade do ser humano. De forma análoga, a longevidade do ser humano também tem aumentado e despertado a atenção de alguns

¹ Blog *Papo de Adulto Maduro*. Link: <https://papodeadultomaduro.wordpress.com/>

pesquisadores (BALBINOTTI, 2012; GUSMÃO, 2015; NERI, 2016; MAZZAFERRO e BERNHOEFT, 2016; ROCHA, 2016; ABREU, 2017, dentre outros). Assim, diante da realidade de que a população está vivendo mais, conseqüentemente surgem novas demandas – de serviços, educação e saúde, dentre outros. Por outro lado, despontam também novas perspectivas, oportunidades e projetos de vida que colocam estas pessoas diante de importantes desafios.

Percebem-se perspectivas de novas oportunidades de trabalho que, por sua vez, demandam interesse para realizar a primeira formação em nível de graduação, o retorno aos bancos escolares depois de anos, para alguns até mesmo décadas. A perspectiva de reconhecer-se parte de um mundo que antes acreditava não ter tempo, não ter merecimento. Isso poderá ser verificado em uma breve pesquisa nos veículos de comunicação, jornais e revistas impressos e, também, na *internet*, que cada vez mais divulgam histórias de pessoas que, a despeito da idade, lançaram-se ao desafio de fazer uma graduação, no entanto, isto não será realizado, pois não é o objetivo desta pesquisa.

Este cenário tão dinâmico nos permite inúmeros estudos, mas para a presente pesquisa é considerado “Adulto Maduro²” pessoas com idade a partir dos 40 anos em sua necessidade educacional, no contexto da educação a distância *on-line*. No capítulo 1 discutiremos quem é este “adulto maduro”.

Há relativamente poucos estudos sobre o adulto no contexto da educação a distância, sendo grande parte referente à EJA – Educação de Jovens e Adultos, que não é objeto desta pesquisa. Em relação às publicações encontradas exclusivamente sobre adultos, boa parte é da área médica, da psicologia e da gerontologia.

Dessa maneira, atuando em cursos de graduação a distância nos últimos quatro anos, chama-nos a atenção os relatos dos alunos desta faixa etária, para os quais acreditamos que deve haver um olhar mais cuidadoso e novas abordagens didáticas, considerando, para este fim, os princípios andragógicos.

A andragogia compreende o universo de possibilidades para se desenvolver práticas e estratégias de ensino para a aprendizagem do adulto. É mais centrada no aluno, permite mais independência, dando-lhe também a possibilidade de gerir a sua aprendizagem, pois prioriza-se aprender o que terá aplicação na vida prática.

A referência ao “Adulto Maduro” ampara-se principalmente em Balbinotti (2012). Ao ler quatro dos seus cinco livros, foi possível relacionar esta denominação ao sujeito desta

² Adulto Maduro: o fator idade não é o único que define ou caracteriza este adulto. Isso será devidamente esclarecido no decorrer deste estudo, em tópico específico.

pesquisa. Segundo a autora, esta é uma “etapa de vida, cujos sinais iniciam aos 40 anos” (BALBINOTTI, 2012, p. 21). Também encontramos em Neri (2014/2016) e Gusmão (2015) importantes contribuições acerca do sujeito desta pesquisa. Considerando os dados estatísticos divulgados pelo IBGE, acerca do aumento da longevidade, compreendemos que tal recorte deveria ser reavaliado, sem dúvida, com a contribuição das diversas áreas da ciência que estudam e pesquisam o tema.

Também há autores atentos ao adulto nos diversos espaços escolares (d’ÁVILA; VEIGA, 2012; BARROS, 2013; MASETTO, 2015). No entanto, ainda há uma significativa possibilidade de pesquisas, especialmente no âmbito do ensino superior a distância.

Muitas instituições de ensino superior têm oferecido graduações na modalidade a distância *on-line* a fim de incluir não apenas o aluno distante dos *campi*, como também aquele que busca formação numa fase mais adiantada da sua trajetória e, também, aquele que busca uma segunda graduação. Este estudante tem expectativas e necessidades específicas sobre as quais nos debruçamos neste estudo.

Sabemos que, apesar de lançarem-se ao desafio de estudar, muitos alunos nesta faixa etária percebem-se “velhos” para esta caminhada. O comentário mais recorrente diz respeito à falta de experiência com os recursos tecnológicos, ou seja, meios pelos quais a educação a distância cumpre o seu propósito de ensino e aprendizagem. Portanto, são exemplos: vídeos, *chats*, fóruns, etc., usados nesta modalidade, incluindo a navegação no AVA – Ambiente Virtual de Aprendizagem.

Torna-se oportuno esclarecer que o contexto desta dissertação se limitou ao público adulto da educação superior na modalidade a distância. Em nenhum momento pretendeu-se abordar o público da EJA – Educação de Jovens e Adultos. Convém lembrar que, segundo a LDBN 9394/96, a EJA e a EAD são modalidades de ensino; já a educação básica e a superior caracterizam-se como níveis de ensino. Desta forma, o público da EJA difere do público desta pesquisa de mestrado, pois o primeiro refere-se aqueles que não tiveram ou não deram continuidade aos estudos nos ensinos fundamental e médio na idade própria, com idade mínima de 15 anos para o fundamental e 18 para o ensino médio, de acordo com o Art. 37 da LDBN 9394/96.

O público desta pesquisa são pessoas acima dos 40 anos que concluíram o ensino fundamental e médio, mas que, por questões diversas, buscaram uma graduação na modalidade a distância *on-line* e não a tradicional, presencial, que teoricamente está mais de acordo à sua

geração³ com base na época em que nasceram. Segundo Gabriel (2018), geração é um conceito usado desde a Antiguidade, que tem por finalidade identificar grupos de pessoas cujo nascimento se deu em circunstâncias culturais e históricas específicas e são utilizadas para diferenciá-las e compará-las. Ainda segundo a autora, este estudo das gerações envolve diversas outras áreas do conhecimento segue apresentando vários exemplos de estudos e publicações acerca do tema .

Este estudo englobou todos os cursos ofertados pela Unigranrio na modalidade EAD. No questionário que foi aplicado, perguntou-se qual o curso atual, que relevou quais os cursos mais procurados pelos respondentes. Embora não seja a questão central, é interessante tomar conhecimento dos cursos mais procurados por este público.

Esta dissertação é o resultado de uma pesquisa qualitativa, pois “apresenta um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, trabalha com o universo de significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (MINAYO; DESLANDES; GOMES 2010, p. 21), que serão evidenciados por meio das vozes dos sujeitos respondentes.

Os passos metodológicos que foram desenvolvidos ao longo deste trabalho incluíram questionário piloto e questionário semiestruturado final, este composto de 36 perguntas, abertas e fechadas, sendo ambos elaborados no *Google* Formulários e disponibilizados aos respondentes por meio do AVA – Ambiente Virtual de Aprendizagem.

Há a compreensão de que a educação a distância deve preparar-se para receber este novo aluno de forma eficaz, de modo a contribuir para o seu aprendizado com o uso adequado das tecnologias e com uma mediação que atenda aos seus anseios, para que se sinta acolhido e integrado ao grupo. Desta forma, deseja-se que os resultados apresentados nesta dissertação possam despertar o interesse por mudanças e adequações em projetos e mediação adequados ao adulto maduro.

Pretende-se que a educação de adultos seja percebida como uma oportunidade emancipadora do indivíduo e não, única e exclusivamente, como proposta de atendimento aos quesitos do mercado de trabalho. Fazemos nossas as palavras de Barros (2013, p. 15) “[...] a Educação de Adultos apresenta-se como o recurso que permite lidar com os desafios e complexidades do mundo atual e tornar as pessoas mais humanas”.

Pensar em educação de adultos requer considerar as diferenças destes em relação às crianças e aos jovens, especialmente ao grupo específico de adultos aqui apresentado e no

³ Expressão utilizada para denominar grupos de pessoas nascidas em determinada época: geração *baby boomers*, geração X, geração Y, geração Z.

contexto em que se aprofundou este estudo. Para tanto, antes de iniciar o Capítulo 1, é relevante fazer algumas considerações acerca da interdisciplinaridade que permeia toda esta pesquisa.

Além das diferentes áreas, como psicologia, sociologia e administração, vale também destacar a formação de alguns autores, que, ao ser verificada, revelou-se uma interdisciplinaridade que não se havia pensado. Tem-se DeAquino, engenheiro que trouxe importante contribuição para ampliar o entendimento sobre andragogia; Masetto, filósofo, conhecido pela sua experiência em docência do ensino superior, com diversas publicações sobre o tema; Paulo Freire, advogado, inquestionável a sua contribuição para a educação, especialmente de adultos.

Sendo esta pesquisa na Linha 2 – Educação, Linguagem e Cultura, esperava-se ter como alicerce autores nesta área, contudo, confirmou-se que os livros utilizados que tratam sobre educação, grande parte de seus autores não tem formação original nesta área, especificamente em Pedagogia, no entanto, vários foram buscar este conhecimento e tornaram-se mestres ou doutores em Educação. Isso evidencia a grande e significativa oportunidade que a educação oferece para quem busca ampliar seus saberes, sua formação.

Há importantes estudos de autores que tratam sobre a longevidade, sobre o envelhecer, com destaque para Helena Balbinotti, cuja formação original é em Administração e Psicologia, especializou-se como psicoterapeuta psicanalítica, e pós graduou-se em Psicogerontologia. Sua contribuição foi essencial para o entendimento do envelhecer, juntamente com outros autores, a exemplo de Norbert Elias, Hermann Hesse, Simone de Beauvoir, Bauman e Maria Célia de Abreu.

A necessidade de interdisciplinaridade na produção do conhecimento funda-se no caráter dialético da realidade social que é, ao mesmo tempo, una e diversa e na natureza intersubjetiva de sua apreensão (JANTSCH; BIANCHETTI, 2002, p. 27).

Concordamos com os autores Jantsch e Bianchetti (2002) ao afirmarem que a interdisciplinaridade se configura como um mediador que possibilita a compreensão do tema estudado com base nos diferentes olhares das ciências que cooperam entre si, tornando-se um importante instrumento com propósito mais crítico e criativo entre as ciências que aqui se fazem presentes, sem, contudo, evidenciar uma separação entre estas ciências, o que colocaria em descrédito a própria interdisciplinaridade.

A pesquisa foi desenvolvida com a hipótese de identificar os desafios vivenciados pelo aluno adulto maduro, com idade a partir dos 40 anos, ao cursar uma graduação a distância *on-line* amparada pela *internet* e suas percepções quanto às mudanças proporcionadas em sua vida. Especificamente, pretendeu-se identificar qual a compreensão dos sujeitos pesquisados quanto

às mudanças ocasionadas em suas vidas com a retomada dos estudos e analisar os sentidos atribuídos por estes alunos à sua trajetória na graduação a distância *on-line*.

Acreditava-se existir variados motivos que impediram estes adultos maduros de buscar a formação no tempo regular, sendo, então, comum que o adulto maduro busque, nesta etapa da vida, realizar este desejo. Infere-se que a escolha pela educação a distância *on-line* possivelmente ocorre por diversos fatores: baixo custo, comodidade, disponibilidade e aproveitamento de tempo.

Esta pesquisa baseia-se numa abordagem qualitativa e quantitativa, pois, conforme as autoras Schneider, Fujji e Corazza (2017),

a pesquisa qualitativa pode ser apoiada pela pesquisa quantitativa e vice-versa, possibilitando uma análise estrutural do fenômeno com métodos quantitativos e uma análise processual mediante métodos qualitativos (SCHNEIDER; FUJJI E CORAZZA, 2017, p. 570).

Considerando o procedimento teórico para embasar este estudo, buscamos publicações de pesquisadores e documentos que, embora não tenham sido pensadas para o objeto desta pesquisa, podem contribuir significativamente, ou seja, teorias que irão servir de referência geral e conceitos que vão delimitar a compreensão deste estudo, guiando o nosso olhar sobre a educação para adultos maduros em nível de graduação.

Paulo Freire, notadamente conhecido como educador de adultos, poderá apresentar contribuições relevantes, contudo, é importante ressaltar que seu objeto de estudo foi a alfabetização de adultos, conforme também afirma Nogueira (2009):

Embora a realidade tenha mudado, ainda há poucos estudos sobre a aprendizagem de adultos “já alfabetizados”. É importante fazer essa ressalva, pois há autores, como Paulo Freire, que tomaram como tema a alfabetização de adultos (NOGUEIRA, 2009, p. 90).

Parte das publicações sobre o adulto na educação superior traz uma análise pedagógica, muitos sequer mencionam a andragogia. Como já esclarecido, não se pretende fazer oposição entre ambas, e sim, incluir a andragogia neste debate.

Como já mencionado, durante os anos no exercício da docência, na Unigranrio, em cursos de graduação totalmente *on-line*, o contato diário com alunos mais velhos, seus relatos em fóruns, mensagens de *e-mail* e em aulas inaugurais presenciais, despertou o interesse em conhecer um pouco mais sobre estes alunos. Foi possível uma aproximação maior com alguns que contaram um pouco da sua história de vida. Assim, iniciou-se a busca por publicações que relatassem fatos semelhantes, algumas foram encontradas, porém, ainda faltavam algumas

questões a serem respondidas: o que motivou estar em uma graduação *on-line*? O porquê desta escolha? Quais os desafios vivenciados durante a graduação a distância *on-line*?

Com algumas leituras e conversas com estes alunos, foi surgindo a necessidade de contar um pouco sobre este fenômeno. Assim, foi possível publicar alguns trabalhos. Em 2017, ainda como docente na Unigranrio, em parceria com uma colega de trabalho, foi realizada uma análise do perfil dos alunos do curso de Teologia. Com base nos dados apurados, foi identificado que 38% dos respondentes tinham idade acima dos 40 anos, 41% entre 31 e 40 anos, e apenas 26% entre 26 e 30 anos. Esse resultado confirmou o interesse em pesquisar e conhecer mais e melhor este aluno, este sujeito. E, finalmente, em 2018 veio a oportunidade de fazer esta pesquisa de mestrado.

Como relatado na Introdução, todos estes fatos têm forte relação com a vida pessoal da pesquisadora. Há uma relação afetiva muito forte e uma necessidade de fazer algo efetivo para entender e oferecer uma mediação mais próxima, mais afetiva e efetiva, considerando as especificidades deste público. Embora o recorte seja a partir dos 40 anos, foi possível perceber que há uma tendência para pessoas ainda mais maduras fazerem parte deste grupo. Isso também foi possível perceber nos anos de trabalho na referida Instituição.

Se a população está envelhecendo mais, vivendo mais, também é importante atender às demandas que surgem, e a educação está fortemente inserida nesta nova realidade. Embora ainda haja questionamentos quanto à validade do que é publicado em redes sociais, não se pode furtar a perceber e validar um debate onde pessoas maduras questionavam o fato de os produtos e serviços, especialmente educação, que foi o fio condutor da conversa, não atender às expectativas e necessidades. Assim foi se formando a justificativa e relevância para esta pesquisa. É premente ouvir estas pessoas, validar suas demandas, atender às suas expectativas. A figura do aposentado ou aposentada que fica em casa para ajudar os filhos e cuidar dos netos tem ficado cada vez mais no passado. Hoje fala-se de um envelhecimento ativo, as pessoas ou desejam continuar trabalhando ou querem, após a aposentadoria, realizar sonhos, e dentre estes está fazer uma graduação, retornar aos estudos. Estas questões serão debatidas ao longo deste estudo.

Todo o trabalho, desde a sua etapa inicial ao seu final, aqui apresentado, foi pautado em muita leitura e composto pela análise de dados gerados por meio de respostas apresentadas pelos 225 respondentes, onde G01-52 corresponde ao sujeito da pesquisa e G02-173 aos demais respondentes, com idade fora do perfil de corte, mas que serviram de parâmetro para alguns pontos específicos, sendo um deles o percentual de alunos com idade a partir dos 40 anos, recorte para a pesquisa.

Essa dissertação está assim organizada: a introdução apresenta uma breve contextualização de minha vida pessoal e profissional, onde relato como se deu o interesse pelo tema e menciono a experiência com alguns dos meus alunos adultos maduros, que me proporcionaram pensar o projeto que resultou na pesquisa aqui apresentada.

Diante do exposto, surge uma inquietação em saber quais são os maiores desafios que este aluno adulto maduro vivencia em um curso totalmente *on-line*, pois há a alternativa de realizar o curso no modelo tradicional, presencial, o que a princípio parece ser uma opção natural em função da necessidade do uso de recursos tecnológicos para se estudar na modalidade a distância. Ao obter a resposta para esta questão, entende-se que reside aí uma importante oportunidade para se conhecer melhor o perfil deste aluno. Espera-se que outras perspectivas possam emergir das respostas apresentadas nos questionários e que estimulem outras pesquisas.

Da compreensão da diversidade de idades e gerações em uma mesma turma de EAD, foi possível entender as expectativas destes alunos, o que pode contribuir para subsidiar o repensar desde a sua chegada para candidatar-se ao vestibular, passando pelo acolhimento no início das aulas, indo até o acompanhamento e estratégias de ensino e de mediação em um Ambiente Virtual de Ensino e Aprendizagem.

No Capítulo 1, especificamente, discutiremos sobre quem é este adulto maduro contemporâneo, e encontramos em Balbinoti (2003/2005/2007/2012), Neri (2014/2016), Oliveira (2016), Gusmão (2015), Margis e Cordioli (2001) os esclarecimentos e entendimentos necessários, destacando que não é o fator idade que o determina ser um adulto maduro, mas implica questões biológicas e psicológicas. Ressaltamos que, aos olhos da psicologia, como afirma Oliveira (2016), em relação aos ciclos ou etapas de vida – infância, adolescência, idade adulta e velhice –, por desconsiderar os aspectos da história cultural e da história individual dos sujeitos, deixa de contemplar a multiplicidade de possibilidades do desenvolvimento humano. A autora complementa, “Mas será importante dar substância a esses ciclos de vida, atrelando-os aos modos concretos de inserção dos sujeitos no seu mundo social, em situações histórico-culturais específicos” (OLIVEIRA, 2016, p. 365). Portanto, esclarecemos mais uma vez que a opção de identificar o sujeito de pesquisa por “adulto maduro” se deu pela necessidade de nominar e ser esta expressão a que encontramos na literatura dando suporte ao seu uso.

Neste capítulo os temas foram andragogia, seus princípios e o contínuo pedagógico-andragógico; o fenômeno da longevidade; um entendimento sobre quem é este adulto maduro; e aprendizagem formal na idade madura.

Nossa compreensão de que esta pesquisa deveria ser pensada considerando a andragogia foi acompanhada das contribuições da psicologia, o que nos permitiu diversos entendimentos. O que nos deixa mais próximos da compreensão de Danis (2001), quando a autora afirma que

No contexto de pesquisas conjuntas em andragogia e em psicologia do desenvolvimento, principalmente, um estudo do impacto que poderiam exercer diversos tipos de conteúdos, bem como diversas modalidades de aprendizagem, sobre o desenvolvimento da identidade pessoal e profissional do adulto, parece-nos mais prometedores (DANIS, 2001, p. 73).

Os seis princípios andragógicos “se aplicam a todas as situações de aprendizagem de adultos, desde que elas sejam consideradas de acordo com outros fatores presentes” (KNOWLES; HOLTON, SWANSON, 2009, p. 3). Ou seja, para os autores, a andragogia oferece melhores resultados de acordo às particularidades dos alunos e da situação de aprendizagem. Portanto, esta deve respeitar as especificidades dos alunos, os seus estilos de aprendizagem e a sua história de vida.

O fenômeno da longevidade é comprovado pelas estatísticas, a pirâmide etária tem se modificado significativamente, conforme será demonstrado no Capítulo 01 desta dissertação. É um fenômeno mundial e que tem provocado inúmeras mudanças nas relações sociais. Fazemos parte de uma população que vive mais, que renova seus projetos de vida em idade mais avançada, muitos guardados por anos. Busca-se uma velhice ativa, produtiva, saudável. Surge, então, desafios econômicos, atender a esta população que demanda produtos e serviços específicos à sua idade, não mais o idoso aposentado, à margem da sociedade, que vive apenas para tomar remédios e aguardar o fim da vida. Não deixamos de ver este idoso, que ainda existe em grande número, mas também, o idoso, ou adulto maduro, que trabalha, estuda, diverte-se, viaja, pratica esportes e muitas outras atividades. Portanto, a longevidade, o envelhecimento, deve ser entendido como um fenômeno de natureza multidisciplinar, saúde, economia, demografia, políticas públicas, etc. Finalmente, não podemos permitir que estas pessoas tenham a pior morte, mencionada por Norbert Elias como a morte do abandono, do descaso, da solidão.

Pensando neste adulto e em como se constitui a sua identidade, trouxemos contribuições de Hall e Castells, e para complementar concordamos que “[...] existe uma ligação estreita entre aprendizagem e desenvolvimento, saber e identidade” (SOLAR, 2001, p. 148), constatação que também se fez por meio das respostas obtidas dos sujeitos pesquisado e já mencionados nesta dissertação.

Para entender quem é este adulto maduro foi necessário recorrer à psicologia, sempre ressaltando que o aspecto idade não é suficiente para o definir, questões biológicas e sociais

também devem ser consideradas. “O tempo deve ser, para o psicólogo do desenvolvimento, apenas uma escala conveniente na qual são ordenados os componentes e assinaladas as mudanças” (BIAGGIO, 2016, p. 19), o que contribui na justificativa de recorte da idade dos sujeitos pesquisados. E esta ser a partir dos 40 vem do entendimento que encontramos em Balbinotii, já mencionado nesta dissertação, que afirma que este processo se inicia nesta idade, sem, contudo, ter uma outra para encerrar, estendendo-se até a morte.

O centro do nosso debate é a aprendizagem da idade madura, quais os desafios e motivações, mais especificamente no contexto da Educação a Distância *On-line*. O Capítulo 2 foi dedicado exclusivamente à Educação a Distância, no qual apresentaremos alguns dados estatísticos sobre o seu crescimento, analisaremos algumas das suas definições propostas pelos autores, traremos uma breve contextualização histórica e concluiremos discutindo a mediação, um dos fatores mais relevantes para esta pesquisa.

Um aspecto que desejamos enfatizar é sobre a nomenclatura – Educação a Distância, que é discutida de forma recorrente. Dentre as propostas de mudança, a que entendemos melhor evidenciar o seu real significado é a de Stavros (2019): “Educação por Aproximação Digital”. Para o nosso entendimento esta denominação reflete mais fidedignamente o que ocorre de fato, é a tecnologia aproximando pessoas com um mesmo propósito – ensino e aprendizagem.

A mediação e o acompanhamento no AVA são primordiais, especialmente se nas etapas que antecedem a chegada deste aluno ao ambiente de aula ele não tenha sido notado pelos profissionais que o atenderam. Outro fator relevante quanto à mediação é a aproximação do docente com os alunos, o estabelecimento do diálogo, pois este “estabelece uma relação com o saber, que se torna em desenvolvimento na medida em que há liberdade de expressão e princípios éticos que regem a comunicação” (DANIS; SOLAR, 1998, p. 285), ressaltando, principalmente, a importância da empatia, que estabelece confiança e gera vínculo entre docentes e discentes, essencial para uma relação de confiança e reciprocidade.

O crescimento da Educação a Distância *On-line* e seu potencial de continuar a crescer também foram aqui abordados, portanto, os seus projetos devem primar pela qualidade, além de pensar e considerar o seu público, que também vem se diversificando. Fato que ganha novos e importantes contornos com o advento da pandemia pelo Corona Vírus – COVID-19, que tem provocado um aceleração quanto ao seu emprego nos diversos níveis de educação, resultante do isolamento social, onde as escolas tiveram que suspender as aulas presenciais e lançar mão de recursos tecnológicos para manter o ensino, grande parte realizando uma educação remota, que difere da educação a Distância propriamente dita. São diversos os aspectos a serem analisados e este não é o foco deste trabalho, contudo, entendemos ser importante fazer este

registro, pois é um fato histórico que mudará as relações sociais, a economia, as relações de trabalho e a educação, com destaque para a Educação a Distância, pois os docentes que não faziam uso das novas tecnologias se viram diante do desafio de utilizá-las para continuar dando suas aulas, sendo obrigados a aprender fazendo.

No Capítulo 3 apresentaremos a trajetória, que inclui os aspectos metodológicos e éticos que ampararam e nortearam a pesquisa, os instrumentos de pesquisa, a análise geral dos dados e os resultados obtidos. Também serão relatados, em detalhes, os obstáculos vivenciados e como foram solucionados. Será informado o porquê das decisões e escolhas feitas e seus propósitos. Um tópico foi dedicado à fala dos sujeitos de pesquisa, e, para concluir o capítulo, algumas compreensões e encaminhamentos.

As Considerações Finais trazem uma reflexão geral sobre a pesquisa, suas etapas e seus resultados, especialmente sobre os objetivos que, confirmadamente foram alcançados. Para evidenciar serão apresentados alguns depoimentos obtidos por meio do questionário de pesquisa. Serão listadas algumas sugestões para futuras pesquisas na mesma temática, inclusive com recomendações para contribuir com os futuros pesquisadores na condução de seus trabalhos.

Será apresentada uma sugestão para os adultos maduros que desejam ingressar em uma graduação a distância *on-line* e algumas recomendações para as Instituições de Ensino Superior, para que possam ir além do oferecimento de bolsa maturidade.

Para finalizar, serão demonstradas algumas das expectativas desta pesquisadora sobre as possíveis contribuições para a educação, fruto deste estudo, que é um dos seus mais relevantes trabalhos.

1 Contextos da longevidade e do aprendizado formal na idade madura

Esse capítulo compõe-se de um panorama sobre o adulto maduro contemporâneo, pois este difere em relação ao adulto maduro do século passado. Relaciona-se esta mudança à questão da longevidade, uma realidade que transforma significativamente as relações sociais.

Em seguida, apresenta-se reflexões sobre a educação ao longo da vida, que também vem sofrendo com a nova perspectiva do ser humano, e algumas considerações sobre como as Instituições de Ensino podem pensar suas ações para este novo cenário. É abordada a questão do longo na educação a distância *on-line*, uma modalidade de ensino que, embora pareça complexa para algumas pessoas com idade mais avançada, se revelou uma importante opção para retomar os estudos.

Também é apresentado um painel sobre a andragogia e sua importância para a educação de adultos. Faz-se um breve relato da sua história, na sequência uma análise dos seus princípios e um entendimento sobre o contínuo pedagógico-andragógico.

A longevidade, a andragogia e a educação a distância são três elementos importantes para entender a realidade deste sujeito, aqui denominado adulto maduro, e a sua forma de se posicionar no mundo atual, portanto, relevantes para compor o primeiro capítulo desta pesquisa.

1.1 O adulto maduro contemporâneo

O adulto maduro, pessoa acima dos 40 anos, é o sujeito desta pesquisa, que tem como objetivo principal identificar os fatores que o motiva a optar por uma graduação *on-line*.

Uma das primeiras dificuldades que foi sanada pela leitura das publicações de Balbinotti foi nomear o sujeito desta pesquisa, pois simplesmente adulto parecia faltar algo. No entanto, ao utilizar “adulto maduro” é importante esclarecer a origem do termo.

Primeiro recorreu-se ao Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, e foram identificados quatro vocábulos cujos significados trazem sentido e relação à expressão adulto maduro:

Adulto “Diz-se do indivíduo que atingiu o completo desenvolvimento e chegou à idade vigorosa; que atingiu a maturidade (FERREIRA, 2004, p. 56)
Madureza “Estado do que está plenamente desenvolvido; amadurecimento, maturidade (FERREIRA, 2004, p. 1247)
Maduro “Plenamente desenvolvido; completamente formado: indivíduo maduro” FERREIRA, 2004, p. 1247)
Maturidade “madureza; idade madura (FERREIRA, 2004, p. 1295)

Para Gusmão (2015) e Balbinotti (2003), a maturidade envolve uma série de transformações físicas, psicológicas e afetivas resultantes das experiências vividas pelos sujeitos sociais ao longo da vida. Assim, vai se confirmando e sendo definido o entendimento da expressão aqui utilizada para nominar e identificar o sujeito desta pesquisa. Contudo, uma observação se faz necessária, e apesar das considerações acerca da maturidade, é importante ressaltar que tornar-se um sujeito maduro não está determinantemente ligado à idade. Há outros fatores que indicam quando uma pessoa atingiu ou não a maturidade, aqui percebida como forma de encarar e viver a vida, em que também concorda Gusmão (2015). São diversos os aspectos e fatores que influenciam e determinam a maturidade de uma pessoa. Conclui a autora: “no mundo moderno, atingir a idade madura, a maturidade, significa ter adquirido uma bagagem, um estado de completo desenvolvimento” (GUSMÃO, 2015, n.p.). E, mais uma vez, a autora reforça que esta maturidade pode vir desvinculada da idade avançada, “a maturidade supõe um processo permanente de aprendizagem, troca e continuidade, embora no mundo moderno nem sempre tais relações se efetivem, como tal, estabeleçam um lugar para o velho e a velhice” (GUSMÃO, 2015, n.p.). Falar sobre maturidade é algo complexo e que requer cuidado e atenção específicos, fez-se aqui uma contextualização para o entendimento de quem é o sujeito que se pesquisa.

Outra contribuição importante vem de Balbinotti (2003/2005). A seguir são transcritos, literalmente, os trechos onde a autora faz alusão à possível origem da expressão “adulto maduro”:

Essa nova etapa da vida, que ora denominamos de *adulto maduro*, embora tenha uma idade para iniciar, não tem idade para encerrar, podendo estender-se até a morte (BALBINOTTI, 2003, p. 34)

O termo adulto maduro surge de um novo pensar e procura abranger todas as pessoas, a partir dos quarenta anos de idade, não tendo idade para se encerrar (BALBINOTTI, 2003, p. 143)

Uma das primeiras preocupações do Clam⁴ foi denominar esse período de adulto maduro, cujo início ocorre aos 40 anos, estendendo-se até a morte (BALBINOTTI, 2005, p. 69)

O termo “adulto maduro” também foi encontrado em artigo de autoria de Margis e Cordioli (2001), cujo entendimento é de pessoas em transição de adulto jovem para meia idade, compreendendo dos 40 aos 60 anos. Os autores não fazem referência à origem do termo, apenas fazem uso deste.

⁴ Clam – Clínica de Atendimento ao Adulto Maduro, dirigida pela Dra. Helena Balbinotti.

De todas as leituras feitas, com relação a entender e identificar o sujeito desta pesquisa, Balbinotti foi a que melhor nos atendeu. Seus livros abordam a idade madura de forma ampla. É uma leitura esclarecedora e informativa, de fácil compreensão e identificação, com fatos observáveis no dia a dia. Ao ler seus livros, tem-se a impressão, em muitos momentos, de estar lendo sobre a vida de pessoas próximas, inclusive a própria vida. Não é uma linguagem rebuscada, com termos técnicos, a qual só entenderiam profissionais da área, pelo contrário, é de fácil entendimento.

Balbinotti faz breves considerações acerca dos termos ou expressões em que se denominam as pessoas adultas com idade avançada; ela informa que o termo **terceira idade** surgiu há aproximadamente 40 anos, na França, cuja repercussão gerou uma “conotação socioeconômica que envolvia os aposentados e pensionistas *com baixo poder de consumo e produtividade* denominados *sujeitos passivos*” (BALBINOTTI, 2005, p. 94). Já em 1994, a Organização Pan-americana da Saúde⁵ mudou o termo para **adultos maiores**, este compreendendo todas as pessoas acima de 65 anos.

As publicações de Balbinotti são um aporte relevante com viés psicológico-comportamental. A autora faz uma importante reflexão acerca da maturidade e da personalidade do adulto maduro e foi quem, dentre as indispensáveis contribuições para este trabalho, apresentou o conceito de *adulto maduro*, conferindo mais especificidade e esclarecimentos para esta pesquisa. Recorremos também aos estudos de Rita Barros, outra importante contribuição, os quais proporcionaram compreensões valiosas para o direcionamento desta pesquisa.

Em relação ao tema, Balbinotti (2003, p. 38) faz um importante esclarecimento: o senil é considerado apenas um idoso que não vivencia situações de mudança e reformulações inerentes ao envelhecimento, portanto, não é considerado adulto maduro.

Outra autora que desenvolveu estudo sobre o adulto é Marta Kohl de Oliveira, porém, em seu livro *Cultura & Psicologia: questões sobre o desenvolvimento do adulto*, a autora revela que os caminhos da sua pesquisa a levaram a estudar sobre adultos trabalhadores com baixa escolaridade. Ainda assim, sua pesquisa trouxe contribuições a este estudo.

A idade adulta é marcada por diversas questões. Balbinotti (2003, p. 25) esclarece que “O que define psicologicamente uma pessoa como *adulto maduro* é seu estado de saúde física, psíquica e intelectual”. Outro esclarecimento relevante, ainda segundo a autora, é que embora esta etapa da vida tenha uma idade para iniciar, só se encerra com a morte.

⁵ Organização Pan-Americana da Saúde: <https://www.paho.org/bra/>

Em suas pesquisas, Balbinotti (2003, p. 24) concluiu que, embora existam diversos estudos sobre o envelhecimento, ainda há muito por conhecer sobre a personalidade do adulto maduro contemporâneo. Foi possível confirmar o que diz a autora, pois esta foi uma das dificuldades encontradas para o desenvolvimento desta pesquisa.

Essas contribuições oferecem oportunidade para compreender um pouco mais sobre o adulto maduro contemporâneo, especialmente com base nas constatações da referida autora:

Identificar-se com as necessidades dessa época (tais como manter-se atualizado intelectualmente, socialmente participativo, afetivamente satisfeito, ativo e com hábitos saudáveis) é um desafio que os adultos maduros, na atualidade, deverão enfrentar para um convívio intergeracional adequado (BALBINOTTI, 2003, p. 25).

Conhecer melhor este sujeito, esta etapa da vida, é o propósito deste tópico. Importante ressaltar a dificuldade que tivemos para encontrar literatura que abordasse o tema. Existem muitas publicações, porém, mesmo na área da psicologia, é difícil traçar o perfil deste indivíduo, e as publicações na área da educação, como já mencionado, focalizam o adulto maduro sem ou com baixa escolaridade.

As questões do envelhecer têm mudado ao longo dos anos. A concepção de velhice tem ganhado novas leituras e pesquisas. Às vezes parece que estar “velho” ficou na moda, encontram-se variados movimentos direcionados a este público. O “ser velho” hoje difere do “ser velho” há pouco mais de 20 ou 30 anos. Refletindo sobre estas questões e

Considerando o princípio do processo de envelhecimento aproximadamente aos 40 anos, momento em que o corpo apresenta sinais de perdas biológicas, com repercussões psicológicas importantes, diferenciando, dessa forma, da etapa do adulto jovem, na qual a procriação tem seu apogeu. É um período que pode se estender até a morte e é dividido em três momentos, com características de personalidade, emoções e ansiedades distintas (BALBINOTTI, 2005, p. 95).

Mas quem aos 40 anos se percebe chegando à velhice? Hoje muitas pessoas vivem mais, têm mais anos de vida ativa e acabam por não se dar conta de que o tempo passou e uma nova etapa de vida está se iniciando. Afinal, a percepção de ficar velho também tem mudado ao longo dos anos. “A experiência de ficar velho é nova. Por isso, é premente a necessidade de se renovar o modelo hoje existente e o modo como os idosos são vistos e tratados” (BALBINOTTI, 2005, p. 81). Pode parecer que este assunto não tenha relação com a pesquisa, porém, durante os meus anos na docência, tive experiência com alunos acima dos 50 anos, o que demonstra a pertinência desta análise.

Balbinotti (2003, 115) informa que esta etapa da vida corresponde a uma transitoriedade iniciada lentamente, após a fase adulto jovem, e que é marcada por uma maior necessidade de novas buscas na expectativa de resgatar o que sempre teria desejado.

Nos encontros do LAB60+⁶, dos quais participo, há depoimentos interessantes. Pessoas que se dão conta da idade quando alguém cede o lugar no transporte público; outra por ter deixado de pintar o cabelo e perceber o tratamento diferente vindo das mesmas pessoas com as quais convive há anos; algumas por se darem conta da limitação física para algumas atividades, e assim as histórias se apresentam. Inclusive esta pesquisadora, que só se deu conta, efetivamente, quando alguns fatos chamaram a atenção. Um deles foi ter sido convidada para gravar um depoimento sobre o envelhecer. “Eu? Tem certeza? Sim, gravei e me senti feliz. Afinal sou uma jovem senhora bastante ativa”.

A Psicologia e a Neuropsicologia estão atentas às questões do envelhecimento. Existem alguns livros publicados, e dois deles são utilizados nesta pesquisa: *Psicologia do Envelhecimento: uma perspectiva cognitiva* e *Neuropsicologia do Envelhecimento: uma abordagem multidimensional*. Embora estas obras tenham um contexto voltado para a saúde, podem contribuir para a compreensão de como se dá a aprendizagem com o avançar da idade, se há comprometimentos da memória, dentre outras questões. Mais uma vez recorremos a Balbinotti para compreender como se dá esse envelhecer.

Vejamos, a seguir, quais são estas fases: a primeira, quando ocorrem os primeiros sinais de envelhecimento, em decorrência do leve declínio do corpo físico e psíquico, e incremento da interioridade, conhecida como a fase da idade média; a segunda, caracteriza-se por perdas biopsíquicas e sociais cognitivas, além de mudanças na percepção do tempo vivido e a viver, em função da conscientização da finitude, uma vez que esta fase se inicia por volta dos 65 anos, porém estas mudanças não interferem na manutenção da autodeterminação; e, a última e terceira fase corresponde àqueles que apresentam maiores limitações, estendendo-se até a morte. Nesta fase as perdas são mais significativas. Não há referência à idade, apenas às condições e mudanças que ocorrem neste período.

Outra questão surge: o corpo até parece envelhecer, mas a mente está tão ativa. Como isso pode ser explicado?

Os estudos indicam que as capacidades para pensar, conhecer e criar são aprimoradas com o passar dos anos e que a maturidade implica a consagração do conhecimento

⁶ Movimento LAB60+: trata-se de um movimento que reúne pessoas, de todas as idades, para discutir sobre a longevidade e propor ações para uma melhor condição de vida nesta etapa da vida. Link: <https://www.lab60.me/>

resultante da experiência e da erudição, conforme Adduci (2004) (BALBINOTTI, 2005, p. 24).

Será este um dos fatores que revelam uma demanda por pessoas maduras que voltaram aos bancos escolares? Esta pesquisa foi desenvolvida no contexto da educação a distância no ensino superior, mas é possível identificar a presença dos adultos maduros em outras modalidades e níveis de ensino. Mais uma vez temos alguns esclarecimentos vindos de Balbinotti (2005), a autora ressalta que ocorrem mudanças importantes nesta fase da vida, quando também se resgatam antigas fontes de prazer, inclusive a curiosidade pelo saber. A autora segue afirmando que “[...] os desejos, nessa nova fase, são impulsionados para outras situações como os recomeços de atividades ou a busca de novos interesses” (BALBINOTTI, 2005, p. 43), o que também ocorreu com esta pesquisadora, relato feito na Introdução desta dissertação.

Alguns diálogos ocorridos com alunos que estão nesta etapa de vida, bem como alguns registros escritos, resultantes de mensagens de *e-mail* e relatos em fóruns de debate, no transcorrer de anos antes de iniciar esta pesquisa, evidenciam que o projeto estudar ficou guardado por anos. Os motivos são diversos, e já com outras obrigações cumpridas, a exemplo da criação dos filhos, é chegada a hora deles. É como se agora “eu posso me permitir viver a minha vida e não a do outro”. Isso é mais comum com as mulheres, embora, em menor número, ocorra também com os homens. Nos movimentos para a longevidade que esta pesquisadora participa, há pessoas com relatos diversos sobre o viver a maturidade, dar-se o direito a realizar projetos antigos.

Espera-se contribuir para que outras pesquisas surjam, que as pessoas interessadas no assunto possam ser beneficiadas pelos caminhos trilhados e os resultados obtidos durante este estudo e que não tenham a mesma dificuldade que vivenciamos para encontrar material que nos orientasse. E que este e outros futuros estudos se revertam em ações que atendam às expectativas do aluno adulto maduro, no que tange a minimizar os desafios que estes têm enfrentado durante a sua formação por meio de cursos a distância *on-line*.

Concordamos que é importante compreender quem é este sujeito que pesquisamos.

Pensar na articulação do adulto maduro em relação à maturidade é ampliar o horizonte do sujeito, é ressignificar o sentido de cada etapa, integrar subjetividades e se incluir em uma dimensão verdadeiramente humana, de aprendizagem continuada, que surge do encontro consigo mesmo e com o outro. O saber, o educar, o psicanalisar entrelaçam a consciência e a responsabilidade individual e coletiva (ROLLA, 2005, p. 11).

Sabe-se que as pessoas são diferentes, que suas experiências de vida as conduzem para caminhos também diferentes. Sabe-se ainda que crianças e adultos se diferem em vários aspectos, inclusive na forma de aprender. Mas como entender o modo do adulto aprender? O que muda com a maturidade, com as questões do corpo e da mente?

O amadurecimento e o envelhecimento são rodeados por uma áurea de mitos, e muitos são esclarecidos ao longo de leituras e estudos realizados, parte deles vindo das publicações de Helena Balbinotti. Um destes mitos é de que a inteligência diminui com a idade. A autora esclarece que “[...] a realidade constatada nas pesquisas é a de que a maioria dos idosos mantém a capacidade funcional, e o declínio depende não do fato de a pessoa ter envelhecido, mas de problemas de ordem biológica ou psicológica, social ou estresses outros” (BALBINOTTI, 2005, p. 87). Esta informação pode ser facilmente comprovada pelos inúmeros exemplos de pessoas “idosas” ativas, nas diversas áreas, tais como educação, saúde, política, arte, e que estão em plena atividade. Esta informação abre espaço para o debate sobre o adulto maduro na sala de aula, no caso desta pesquisa, na sala de aula virtual.

É importante compreender os ciclos de vida do ser humano, inicialmente esclarecer que “No contexto da psicologia essa ideia remete aos estágios de desenvolvimento humano, um modo de organização das etapas da vida humana” (OLIVEIRA, 2016, p. 360/361). Para tanto, o trabalho desenvolvido por alguns autores é essencial, e compreender a contribuição que estes trouxeram para entender a fase adulta é fundamental no desenvolvimento desta pesquisa. Ressaltando que, conforme Oliveira (2016), a expressão “ciclo de vida” no contexto da educação é mais adequada para compreender o desenvolvimento do indivíduo do que os estágios de vida, como utilizado na psicologia. A autora ressalta ainda que “é importante dar substância a esses ciclos da vida, atrelando-os aos modos concretos de inserção dos sujeitos no seu mundo social, em situações histórico culturais específicas” (OLIVEIRA, 2016, p. 360/361), é o que apresentamos nas análises dos dados, uma relação entre as motivações e desafios que os sujeitos pesquisados apresentaram com o seu momento cultural específico de vida.

O pesquisador Erick Erikson lançou em 1982 *O Ciclo de Vida Completo*, uma análise das fases de vida do indivíduo, indo além das apresentadas por Freud. O autor lista oito fases, denominadas de Estágios de Desenvolvimento Psicossocial, que são: Período de Bebê, Infância Inicial, Idade do Brincar, Idade Escolar, Adolescência, Idade Adulta Jovem, Idade Adulta e Velhice (ERIKSON, 1998, p. 52), sendo estas duas últimas as fases de interesse desta pesquisa. O ciclo VII, Idade Adulta, é marcado, segundo o autor, pela generatividade e/ou estagnação; o ciclo VIII, Velhice, integridade e desespero.

Abreu (2017, p. 63) entende que a caracterização das fases propostas por Erikson é mais qualitativa do que quantitativa. A autora entende que estas foram baseadas em informações descritivas e não na idade cronológica, que segundo a autora é “um critério subjetivo e difícil de ser avaliado” (ABREU, 2017, p. 63), pois está relacionada às descrições realizadas pelo próprio sujeito e não pelas características inerentes à idade cronológica do indivíduo. Inclusive, a autora encerra este capítulo do livro propondo ao seu leitor que reflita sobre sua história de vida e identifique em que fase da vida se encontra.

Os estágios de desenvolvimento apresentados por Freud (1969/2002) limitam-se ao período da infância à puberdade. O primeiro é o Estágio Oral (0 – 12/18 meses), seguido dos Estágios Anal, Fálico, de Latência, sendo o último o Estágio Genital (depois da puberdade). Importante ressaltar que Freud os identifica como “as fases de desenvolvimento da organização sexual” da criança, em seu livro *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade*.

Biaggio (2016) faz uma análise das propostas dos dois estudiosos e afirma que “Erikson distingue-se de Freud também por estender esse desenvolvimento por estágios até a senescência⁷” (BIAGGIO, 2016, p. 115). Da análise de cada fase apresentada pela autora, merece destaque a fase do adulto maduro, que vem ampliar um pouco o que foi encontrado nas publicações de Helena Balbinotti, embora não esclareça a origem da expressão. Portanto, segundo Biaggio (2016, p. 117), na fase adulto maduro há uma crise de geração *versus* estagnação. Segue esclarecendo que, segundo Freud, a propagação no adulto maduro é o foco do instinto sexual, e que Erikson vai além, pois fala da importância de criatividade do senso de ter criado algo no trabalho ou na família.

Neri (2016) apresenta dois biomarcadores do envelhecimento, um da idade biológica e outro da idade funcional:

Idade biológica é a estimativa da posição do indivíduo, com respeito ao seu potencial de vida residual, isto é, numa certa idade, quantos anos ainda lhes restam de vida; idade funcional é conceituada em termos da capacidade de adaptação do indivíduo ao ambiente (NERI, 2016, n.p).

Oliveira, Rego e Aquino (2016), em sua pesquisa, fazem uma análise sobre ciclo de vida e idade de diversas culturas, e apontam suas particularidades. Disso resulta a seguinte compreensão:

Se a questão da idade como dimensão da cultura fica evidente a partir de descrições etnográficas, nas quais os pesquisadores documentam estágios de desenvolvimento

⁷ Senescência: esperança *versus* desespero. Nesta fase, a falta de integração do ego leva ao desespero, enquanto uma integridade do ego leva ao senso de união com a humanidade, sabedoria e esperança (BIAGGIO, 2016, 117-118).

identificados nas mais diversas comunidades, tal questão também deve ser destacada quando se examinam propostas de periodização do desenvolvimento produzidos em âmbito das sociedades contemporâneas, escolarizadas e referidas ao desenvolvimento científico e tecnológico próprio desse momento histórico (OLIVEIRA; REGO; AQUINO, 2016, p. 426).

A citação acima traz um entendimento de que esta pesquisa, no âmbito da educação a distância *on-line*, está alinhada ao entendimento dos autores, pois se analisa um fenômeno social contemporâneo, tendo relação com questões de escolarização considerando os avanços tecnológicos do momento histórico atual. Todas estas questões estão diretamente relacionadas com a identidade do indivíduo, como ele se percebe e como ele acredita que é percebido pelo outro. Hall (1992-2006) afirma que o conceito de “identidade”, além de complexo, não está desenvolvido e compreendido na ciência social contemporânea, motivo pelo qual não desse ver posto à prova. O autor apresenta três concepções de identidade: sujeito do iluminismo, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno, que merecem uma atenção e análise deste sujeito adulto maduro na contemporaneidade.

Concordamos com o autor quando afirma que, “à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis” (HALL, 1992-2006, p. 13). Ao ler Castells (2018), sobre a construção da identidade, foi possível perceber que para este autor a identidade se constrói por meio de um processo individual, que tem significados para o sujeito. Este autor traz ainda a concepção de identidade marcada por relações de poder: identidade legitimadora, identidade de resistência e identidade de projeto.

Hall e Castells nos mostram o que se comprova nos diferentes comportamentos assumidos neste ou naquele ambiente, com destaque atualmente para a vida real e a vida virtual, onde muitos criam um *segundo eu* para agradar a uma plateia composta por muitos estranhos, amigos virtuais que nunca tiveram um breve encontro presencial na vida real. Então fica a questão, qual é a identidade deste adulto maduro no Ambiente Virtual de Aprendizagem? As respostas apresentadas ao questionário e a leitura de Hall e Castells foram importantes para compreender sobre a identidade destes sujeitos.

1.2 O adulto maduro e a longevidade

Nos últimos cem anos vem ocorrendo um significativo avanço no tempo de vida dos seres humanos, dentre os diversos fatores que contribuíram estão a evolução da medicina, uma melhor nutrição, a redução dos índices de mortalidade infantil, dentre outros. Há um significativo volume de publicações, em áreas diversas, que abordam a temática, e grande parte é unânime em afirmar que ainda há muito por estudar e pesquisar sobre a fase adulta. Muitos estudos e eventos vêm sendo realizados, e a gerontologia ganhando espaço.

Quando se busca pesquisas sobre os ciclos de vida, ou fases, o termo varia de acordo o pesquisador, tem-se muito mais material sobre infância e adolescência, e em menor número sobre esta que até então era entendida, por muitos, como a última etapa da vida. Continua a ser, contudo ganhou outras percepções, inclusive sobre a sua duração.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE registra que, “de 1940 a 2015, a expectativa de vida no Brasil para ambos os sexos passou de 45,5 anos para 75,5 anos, um aumento de 30 anos” (IBGE, 2016). A pesquisa apresenta outros dados, que para as mulheres a expectativa é mais alta do que para os homens e que a mortalidade infantil também apresentou leve redução. Estes dados serão aqui apresentados e analisados para contextualizar adequadamente a proposta de trazer a longevidade para esta pesquisa. Afinal, o sujeito aqui estudado é fruto deste evento social.

As mudanças na vida dos indivíduos têm sido tão relevantes que merecem uma atenção especial. A longevidade é algo comprovado pelas estatísticas e até o Estatuto do Idoso está revendo suas determinações. Surge a prioridade especial para os maiores de 80 anos, é o que determina a Lei 13.466/2017⁸. O autor, deputado Simão Sessim, pautou a justificativa para tal dispositivo legal no aumento da expectativa de vida. Nesta linha de mudanças, o símbolo que representa o idoso nos espaços públicos para a prioridade também sofreu mudanças. Antes era uma figura arqueada, segurando uma bengala e com uma das mãos sobre as costas. A imagem atual apresenta um indivíduo em pé, sem nenhum acessório de apoio e com a indicação 60+. É o que sugere o Projeto de Lei do Senado nº 126/2016⁹. Esses são alguns dados preliminares que convergem para a proposta desta pesquisa.

Importante fazer um registro sobre o corte de idade para se considerar uma pessoa idosa, conforme o Estatuto do Idoso. Em seu Art. 1º menciona: É instituído o Estatuto do Idoso,

⁸ Lei 13.466/2017 – Link: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/L13466.htm

⁹ Projeto de Lei do Senado nº 126/2016 – Link:

<https://www12.senado.leg.br/ecidadania/visualizacaomateria?id=125262>

destinado a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos. Já no Art. 34 do Capítulo VIII, que trata da assistência social, tem-se “Aos idosos, a partir dos 65 (sessenta e cinco) anos [...]”. Deixo uma questão para futuros debates: É considerada idosa a pessoa a partir dos 60 (sessenta) ou dos 65 (sessenta e cinco) anos?

O referido Estatuto lista alguns direitos garantidos por Lei, indiscutivelmente essenciais e que devem ir além de um documento impresso, que se faça valer na vida prática, diária. Não é objetivo desta dissertação analisar ou avaliar o referido documento, no entanto, é imperioso trazer estas considerações para deixar evidente ao leitor a atenção dedicada ao tema indo além do enfoque da educação.

Para um melhor entendimento do movimento da longevidade, é importante a análise de alguns dados demográficos que evidenciam, por exemplo, a alteração da pirâmide etária, a influência das taxas de fecundidade e mortalidade, dentre outros fatores que estão contribuindo para o envelhecimento populacional. Uma breve análise das últimas quatro décadas permite perceber as importantes mudanças com relação ao envelhecimento populacional. Alguns fatores contribuíram para que isso ocorresse, e é o que será agora analisado, tendo por base alguns gráficos elaborados pelo IBGE e outras informações relevantes que permitirão o entendimento deste recente fenômeno. Vale destacar que a faixa etária indicada nesta pesquisa tem aumentado significativamente.

É inegável que mudanças vêm ocorrendo no perfil demográfico brasileiro. A queda na taxa de fecundidade vem reduzindo significativamente o número de crianças e o envelhecimento da população.

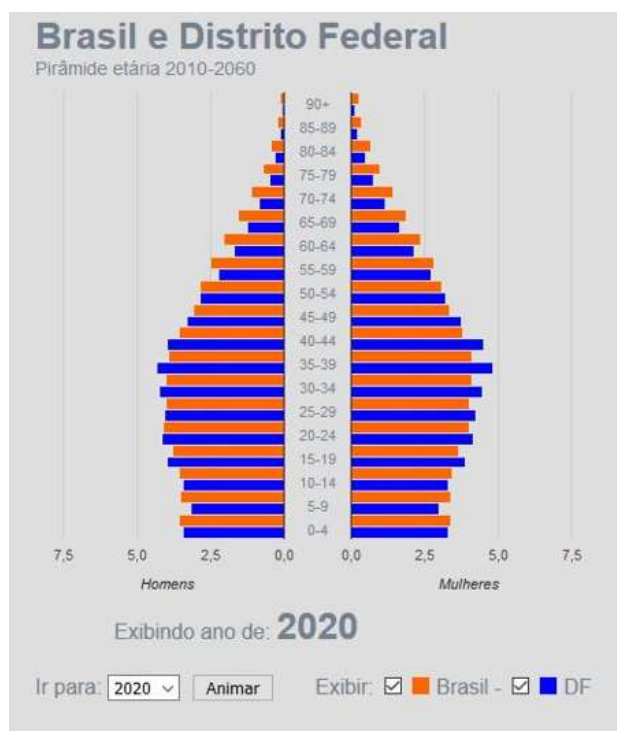
A projeção para a década de 2060 evidencia ainda mais estes fenômenos, o formato da pirâmide altera-se drasticamente. Hoje grande parte da população está na faixa etária entre 15 e 39 anos, porém, a cada ano esta realidade se altera.

Na sequência, duas pirâmides etárias¹⁰: a primeira de 2020, ano atual, e a segunda uma projeção para a década de 2060. Ao observar as Figuras 01 e 02 a seguir, é possível perceber facilmente como as curvas da pirâmide se alteram. A base composta pelas idades de 0 a 39 anos, por exemplo, seguem diminuindo; as faixas onde estão as idades de 40 a 90+ crescem, alterando significativamente o formato da pirâmide.

¹⁰ Simulador IBGE, projeção da pirâmide etária por sexo e grupo de idade, disponível em: <https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/box_piramideplay.php>.

Esses dados parecem frios, porém retratam uma realidade muito atual e importante, afinal, todos os aspectos da vida de uma pessoa devem ser considerados, e a idade e a longevidade também devem ser objetos de atenção.

Figura 01 – Pirâmide Etária 2020



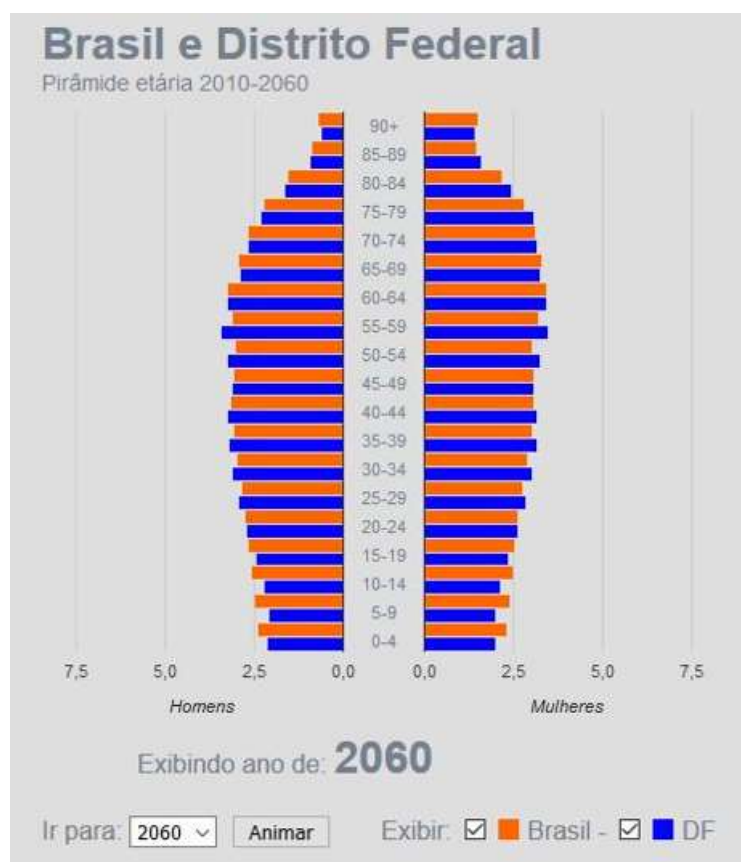
Fonte: https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/box_piramideplay.php. Acesso em: 20 dez. 2019.

Ainda sobre a Figura 01, é possível identificar que as idades acima dos 40 anos seguem aumentando progressivamente, é o que revelam as pirâmides analisadas. É cada vez mais natural viver mais de 80 anos, e em condições físicas e psicológicas adequadas a uma vida ativa.

Na Figura 02, a seguir, tem-se uma projeção para a década de 2060, onde é possível perceber a evolução no número de pessoas com mais de 90 anos. Se hoje o Estatuto do Idoso já promoveu adequações para os acima de 80, temos, portanto, que rever muito em breve outros aspectos deste Estatuto, especialmente quanto à definição de idade que marca o início aos referidos direitos.

Importante alertar que 2060 não está muito distante, há um intervalo de tempo de apenas 40 anos, o que para a natureza das informações, dos fatos, passa muito rápido. Portanto, qualquer ação considerando a longevidade deve ser pensada e posta em prática hoje, agora, imediatamente.

Figura 02 – Pirâmide Etária 2060 – Projeção



Fonte: https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/box_piramideplay.php. Acesso em: 20 dez. 2019.

É importante repetir que este é um fato social importante e que exige políticas públicas adequadas urgentemente. As empresas públicas e privadas necessitam rever seus produtos e serviços, bem como é imprescindível que entendam a importância de ouvir as pessoas. Há muita iniciativa para os longevos, sem, contudo, entender o que buscam e o que querem. Li uma matéria onde June Fischer, CEO da Anging 2.0, dizia “Criem comigo, e não para mim!”, e nos eventos sobre longevidade é muito o que se houve dos longevos.

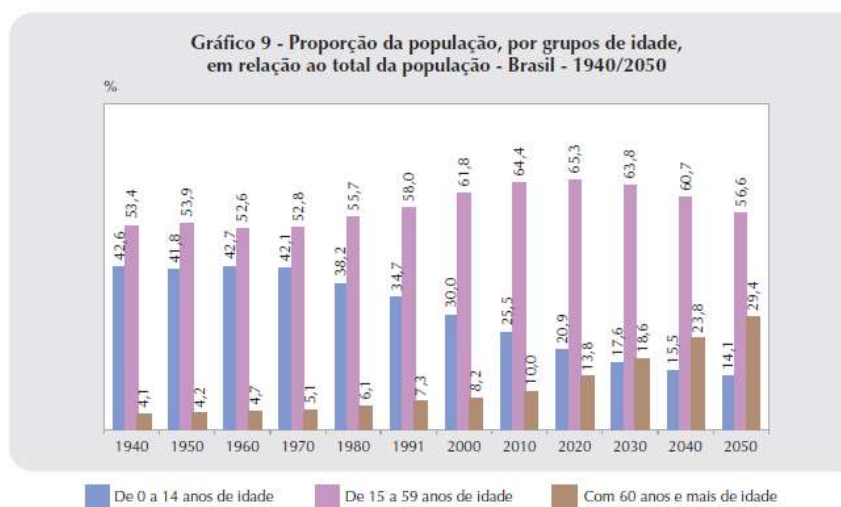
Ao analisarmos os dados publicados pelo IBGE, verificamos significativa alteração na Pirâmide Etária. Se observarmos as idades acima dos 40 anos, identificamos seu importante crescimento. O estudo apresenta uma pirâmide de projeção até os anos 2060 e evidencia um volume maior nas idades de 55 a 64 anos, portanto, confirma muito do que vem sendo analisado nesta pesquisa.

São muitas as publicações acerca da projeção do envelhecimento populacional no Brasil e no mundo. Essa não é uma questão exclusiva do nosso país, mas mundial, e exatamente por

isso muitos são os olhares para esta questão. Surgem estudos de toda natureza e a gerontologia está cada vez mais em evidência.

A Figura 03, a seguir, traz um panorama desde a década de 1940 com uma projeção para a década de 2050. São impressionantes o envelhecimento populacional e a redução significativa no número de crianças, evidenciado de forma inquestionável, os números são explícitos.

Figura 03 – Proporção da população, por grupos de idade, em relação ao total da população – Brasil – 1940/2050



Fonte: Simões (2016). Acesso em: 20 dez. 2019.

É importante repetir que este é um fato social importante e que exige políticas públicas adequadas urgentemente. Saúde, educação, segurança pública, dentre outros fatores devem atender adequadamente à população, portanto, ajustes são prementes. Cada faixa etária tem suas necessidades específicas.

Um aspecto interessante evidenciado na Figura 03 é que a população com idade economicamente ativa tem um crescimento quase regular em relação às crianças e aos com 60 mais. Questão relevante para a economia de um país, especialmente para questões de políticas públicas, com destaque para a previdência social, quem tem atendido aquém do que deveria aos seus beneficiários.

Voltando à longevidade, ela coloca os sujeitos diante de importantes desafios: o que fazer com o tempo que ainda dispõem? Como aproveitar o tempo de vida que ainda têm, continuar trabalhando ou aproveitar a aposentadoria? Realizar antigos sonhos?

A juventude passa, muitas vezes, sem que estas questões sejam pensadas e planos sejam feitos. Grande parte anseia a aposentaria para aproveitar a vida, mas será que quando este momento chega é isto mesmo o que acontece?

Nesta etapa da vida cada indivíduo segue seu próprio caminho, por desejo ou por necessidade, por possibilidade real ou por imposição das circunstâncias da vida. Há os que se agarram ao trabalho, não querem parar, é exatamente esta questão que Mazzaferro e Bernhoeft (2016) tratam no início do seu livro. Os autores abordam as decepções que muitos passam com o advento da aposentadoria, expectativa pelo fato de a sociedade não reconhecer como produtivas determinadas atividades que também vêm desvinculadas de símbolos de *status* proporcionado pelo vínculo a determinadas empresas. Os autores seguem fazendo análises das diferentes possibilidades de reações diante da aposentadoria, mencionam a tranquilidade financeira, educação (envolvendo diversos aspectos) e saúde. Segundo eles, estes são os três fatores mais relevantes para uma aposentadoria de sucesso.

Uma pergunta surge: qual a relação com o propósito deste trabalho? Simples, se as pessoas estão vivendo mais, novas demandas, novos planos e projetos de vida surgem, e a educação após determinada idade está se revelando algo desejado e real, e já sendo vivido por muitos. Portanto, analisar a relação entre longevidade e o surgimento desta demanda por uma graduação, e especificamente pela modalidade *on-line*, é algo pertinente sob a perspectiva desta pesquisa.

Há uma significativa faixa de idade já considerada “idosa”, embora o entendimento de velhice venha sofrendo alguns ajustes. Ou seja, a “velhice deixou de ter um caráter de estágio terminal da vida para ser uma etapa que permite ao ser humano elaborar e viver muitos projetos de vida” (ROCHA, 2016, p. 15), o que tem sido possível comprovar na prática por esta autora, que em 2017 teve uma aluna de 70 anos. Em trabalho¹¹ apresentado no 23º CIAED, traz este e outros registros de alunos com idade acima dos 50 anos. Para ilustrar, há outros exemplos pesquisados e incluídos nos anexos desta pesquisa.

Komatsu (2003) é um dos autores que, com seu estudo para a formação dos profissionais em saúde, com um olhar sensibilizado para o idoso, nos trouxe considerações relevantes para este trabalho. O autor afirma que “O envelhecer em si, como fenômeno de natureza biopsicossocial complexa, repercute fundo no íntimo de cada um de nós, interagindo com nossas estruturas e processos interiores” (KOMATSU, 2003, p. 07). Para compreender o sujeito

¹¹ Metodologias Ativas: sua aplicação na EAD com alunos adultos da geração Baby Boomers, 2017. In. 23º CIAED – Congresso Internacional ABED de Educação a Distância. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2017/trabalhos/pdf/75.pdf>>.

desta pesquisa, faz-se importante também conhecer os diversos aspectos da velhice. Mas, quando a velhice inicia?

Abreu (2017) diz haver um consenso deste iniciar-se, por volta dos 60 ou 65 anos de idade, “com algumas variações, conforme o nível de desenvolvimento socioeconômico, o sexo, a cultura ou outros fatores” (ABREU, 2017, p. 38). A autora alerta que observar a idade cronológica do indivíduo é importante, contudo, “não se pode fazer afirmações sobre ele baseando-se apenas na idade cronológica. Outras variáveis precisam ser levadas em consideração” (ABREU, 2017, p. 38). Este é um alerta fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa. Portanto, coletou-se dados que evidenciam diversos aspectos da vida dos sujeitos estudados. Neste contexto, é relevante retomar o conceito de geração e apresentar quatro dentre as já identificadas e nomeadas pelos pesquisadores:

Quadro 01 – As gerações e suas características

<i>Baby boomers</i>	São os nascidos de 1946 a 1964	Aspiram segurança no trabalho; priorizam as relações olho no olho, frente a frente.
Geração X	São os nascidos entre 1960 e início de 1980	Aspiram equilíbrio entre vida e trabalho. São leais à profissão e já estão mais inteirados das tecnologias e aceitam certas comunicações mediadas por elas.
Geração Y	São os nascidos entre 1980 e início da década de 2000	Aspiram liberdade e flexibilidade. Ainda mais familiarizados com as novas tecnologias, uso de <i>smartphones</i> e <i>tablets</i> .
Geração Z	São os nascidos a partir do início da década de 2000	Aspiram segurança e estabilidade. Fazem mais uso das novas tecnologias para comunicarem-se.

Fonte: Baseado em Gabriel (2018, p. 105) e Lima; Lobato (2019, p. 36-37)

Como pode ser notado no Quadro 01, o sujeito desta pesquisa são os da geração X e os *Baby boomers*, sendo o recorte a partir dos 40 anos, ou seja, os que nasceram em 1979, já no final do período da geração X.

Lima e Lobato (2019) fazem uma importante contextualização sobre o momento histórico de cada uma das gerações acima. Para esta pesquisa destacamos o contexto da geração *Baby boomers*, em que a *internet* ainda não era popularizada e as tecnologias mais utilizadas eram a televisão e o telefone. Enquanto a geração X já se iniciou na tecnologia móvel, ainda não era completamente inteirada a ela, ressaltando-se que muitos não tinham acesso em função do seu alto custo. É nesse contexto que hoje se vive. São muitas gerações vivendo os fenômenos

da longevidade, dos avanços tecnológicos. Como equacionar as diferenças? Como manter a abertura e o diálogo? Como resolver os conflitos geracionais? Essas são algumas questões que surgem, embora não sejam as principais deste estudo.

Ainda sobre gerações e a passagem do tempo, o amadurecer, Norbert Elias (1897-1990) e Hermann Hesse (1877-1962) são dois autores que trazem contribuições valiosas sobre o assunto. Ambos falam um pouco de suas experiências, e destas leituras é possível concluir que a passagem do tempo é um desafio para todos que chegam à idade mais avançada, porém é uma caminhada solitária, por mais que se tenha muitas pessoas à volta, pois cada um vive a sua própria experiência. Alguns podem notar a passagem de tempo mais cedo, outros mais tarde. Alguns vão querer aproveitar este caminhar do tempo para realizar antigos projetos, outros vão se deixar levar, não assumirão o controle de suas vidas.

Mas como era percebida a chegada da velhice no século XIII? E no século XX? Elias (1897-1990) faz esta referência e afirma que “Entre os cavaleiros do século XIII, um homem de quarenta anos era visto quase como um velho; nas sociedades industriais do século XX, ele é considerado quase jovem” (ELIAS, 1982-2001, p. 14). Estamos no século XXI e é possível perceber que o entendimento quanto à velhice, em grande parte, é entendida da mesma forma que Elias se refere ao século XX, afinal, passaram-se apenas alguns anos quanto a esta mudança de século, e esta percepção vem mudando vagarosamente, embora o tema *longevidade* esteja presente em muitos debates. Para o autor, a velhice não é compreendida e abordada com base na própria experiência. Tem o entendimento de que o jovem não poderá falar sobre o envelhecimento se não o viveu, pois “há dificuldades especiais que impedem a empatia” (ELIAS, 1982-2001, p. 80). Para confirmar seu entendimento, ele relata a própria experiência, que estranhava o caminhar de uma pessoa idosa, seu posicionamento torna-se especialmente compreensível quando afirma:

Agora que estou velho sei, por assim dizer, pelo outro lado, quão difícil é para as pessoas jovens ou de meia-idade entender a situação e a experiência dos velhos (ELIAS, 1982/2001, p. 81).

Na atualidade fala-se muito da intergeracionalidade, da importância da relação das diferentes gerações. Como podemos levar esta questão para o contexto da educação a distância *on-line*? Essa discussão é ampla, e fazendo um paralelo entre o que dizia Elias e o que é possível verificar atualmente, é possível identificar conflitos intergeracionais nos diversos contextos sociais. Embora o movimento da longevidade venha contribuindo para a valorização e o respeito aos mais velhos, essa é uma questão que precisa ser amplamente trabalhada e discutida.

Ainda se percebe muita verdade na afirmação de Elias (1897-1990): “o poder e o status das pessoas mudam, rápida ou lentamente, mais cedo ou mais tarde, quando elas chegam aos sessenta, aos setenta, oitenta ou noventa anos” (ELIAS, 1982-2001, p. 83).

O autor menciona a importância do Estado em preparar o jovem para respeitar os mais velhos. No contexto desta pesquisa, entende-se ser importante que as Instituições de Ensino se preparem para receber estas pessoas e, também, preparem os mais jovens para esta convivência. Ficam as perguntas: e nos espaços escolares, como se dá esta relação? Será que ocorre esta perda de status? Será que este é um dos desafios que os mais velhos estão enfrentando quando resolvem voltar aos bancos das faculdades? Como as Instituições estão se preparando para receber estes alunos mais velhos?

Elias (1897-1990) apresenta reflexões sobre o envelhecer e morrer. Ele fala da morte pela solidão, para ele a pior forma de morrer, especialmente se a pessoa se encontra moribunda. Ele também coloca a questão de a longevidade representar o adiamento da morte, o que se aproxima ao objeto desta pesquisa. Por viver mais, e supor-se longe de morrer, as pessoas buscam novas formas de ocupar seu tempo, buscam realizar projetos, buscam a confirmação de que ainda estão vivas e com muito tempo à sua disposição.

Hermann Hesse (1877-1962) faz uma afirmação muito pertinente no início do seu livro *Com a maturidade fica-se mais jovem*: “Assim como é bela a juventude, a época da efervescência e das lutas, a velhice e a maturidade também possuem seus encantos e suas alegrias” (HESSE, 1877-1962, 2018, p. 26). E com a constatação da longevidade, dos anos que ainda têm para viver, não estariam estes longevos em busca de novas alegrias? Não as encontrariam nos bancos das faculdades?

Assim como Elias, Hermann Hesse também faz várias reflexões sobre o envelhecer e morrer. Ambos fazem importantes contribuições sobre uma boa velhice, e que a atenção quanto a esta etapa da vida não deve ocorrer quando ela chega, e sim, deve-se pensar na velhice ainda jovem, a fim de preparar-se melhor e entender os que já estão nesta etapa da vida. O autor também faz algumas reflexões sobre a relação entre jovens e velhos. Para ele, “a velhice não é pior do que a juventude” (HESSE, 1877/1962, 2018, p. 40). Dar sentido à vida, tem-se falado muito sobre isso nesta pesquisa, o que torna pertinente trazer mais uma afirmação de Hermann Hesse: “Assim como todos os nossos irmãos mais novos, os velhos de cabelos brancos, também temos uma tarefa que dá sentido à nossa existência” (HESSE, 1877/1962, 2018, p. 57). E quão desafiador é para muitos buscar ou identificar este sentido à própria existência? Muitos, por anos, viveram o sentido da vida do cônjuge, dos filhos, etc., e só depois de libertos desta obrigação pensam na própria vida. É importante informar que em seu livro, já mencionado,

Hermann Hesse também fala das dores e dos problemas do envelhecer, no entanto, preferiu-se destacar o que há de positivo nesta etapa da vida, o que pode vir a ser motivo de alegrias e possibilidade de ter uma idade madura e envelhecimento mais ativo e feliz.

Simone de Beauvoir (1908-1986) deixou um legado importante sobre a questão do envelhecer. Seu livro *A Velhice*, publicado em 1970, merece destaque. Para a autora, “[...] a velhice não poderia ser compreendida senão em sua totalidade; ela não é somente um fato biológico, mas também um fato cultural” (BEAUVOIR, 1970/2018, n.p). Em sua belíssima obra, a autora apresenta questões relevantes sobre a temática que está cada vez mais atual. Questões como o preconceito, o descaso e o desrespeito ao idoso são tratados com muita responsabilidade e evidenciam a postura da nossa sociedade que percebe o idoso como um fardo, “um objeto incômodo”, e muitos acreditam que o são, que a idade é um empecilho para certos projetos, isso também ficou evidente em relatos apresentados pelos sujeitos desta pesquisa.

Sem dúvida que Simone de Beauvoir nos convida a uma reflexão muito realista e que, por certo, será o destino de todos que alcançarem a idade cronológica da velhice, deixando de vivê-la apenas aqueles que morrerem na idade da juventude.

Os relatos apresentados pelos sujeitos desta pesquisa nos remeteu ao conceito de “refugio humano” de Zygmunt Bauman (2005), que segundo o autor são pessoas que tiveram suas vidas conduzidas pelo “inescapável efeito colateral da construção da ordem e do progresso econômico”, e por força disso não tiveram muitas escolhas, tendo que abrir mão de ser, de fazer, de viver a sua própria vida, a sua própria história, seus desejos e aspirações para cumprir uma jornada que se impõe pela vida.

Essas pessoas trabalharam, lutaram pela sobrevivência e, ainda que tardiamente, assumiram o comando de suas vidas e foram ao encontro dos seus desejos, dos seus sonhos e ideais, representados aqui pela conquista de uma graduação, por uma formação em nível superior. Aqui abre-se uma discussão que merece especial atenção: que fatores sociais impediram estas pessoas de seguirem o curso normal de vidas, de dar prosseguimento aos estudos no momento oportuno da juventude? Por que este direito foi empurrado para a idade madura? Essas e outras questões emergem e demandam um olhar atento e criterioso para serem respondidas.

A obra do autor evidencia que a imposição da construção da ordem e do progresso econômico exclui grande parte da população, inclusive pelas diversas exigências de qualificação para o mundo do trabalho, às quais muitos não têm acesso e, portanto, submetem-

se a ocupações que exigem menos preparo e, por conseguinte, com menores remunerações e muitas vezes em condições precárias.

Apesar desta realidade, é possível afirmar que os sujeitos desta pesquisa são considerados felizardos, ainda que relativamente, pois, apesar de tardiamente, estão realizando o sonho da graduação, o que não ocorre com uma significativa parcela da população. E com isso podem vir a ter uma melhor oportunidade de trabalho, como muitos relatam sobre suas expectativas para após a conclusão da referida graduação.

Envelhecimento e “refugo humano” são questões que se aproximam bastante. Simone de Beauvoir e Zygmunt Bauman são dois autores que muito têm a contribuir sobre os desafios do envelhecer, sobre querer e merecer, poder e realizar. São tantos os aspectos que não caberiam aqui e, por certo, faria perder o objetivo deste trabalho, contudo, fez-se importante mencioná-los e lançar um convite ao debate futuro, porém breve, imediato.

1.3 Educação ao longo da vida

É relativamente fácil encontrar publicações sobre educação de adultos e educação ao longo da vida de autores lusitanos, a exemplo de Lima (2007) e Barros (2013). Estas e outras, em grande parte, referem-se aos adultos com baixa escolaridade ou não alfabetizados que debatem, exatamente, o direito e as dificuldades de acesso à educação. No entanto, a longevidade evidencia que também há pessoas com mais idade que são alfabetizadas, que já concluíram o ensino médio, antigo segundo grau, outros na graduação, e muitos já graduados, portanto, com bom nível de escolarização. Foi possível perceber este fato por meio das diversas leituras e eventos que participei ao longo dos últimos anos e evidências de alunos com os quais venho trabalhando.

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO é uma organização internacional voltada para o funcionamento e direcionamento de normativas educacionais no mundo e, assim, contribuindo com a educação em todos os países. Quando trata da educação de adultos, a UNESCO o faz como forma de inserção daqueles que não tiveram acesso à alfabetização e à escolarização mínima. Em outras palavras, sua preocupação volta-se para a redução do analfabetismo no mundo. Assim, embora a educação de jovens e adultos não seja o escopo desta pesquisa, as ações da UNESCO voltadas a esse público muito a esclarece e ampara. Suas publicações apresentam contribuições valiosas que servirão de suporte a diversas considerações, bem como respostas aos vários questionamentos que se pretende discutir ao longo deste trabalho.

Ao se buscar entender o adulto maduro contemporâneo na educação, requer, também, falar sobre educação ao longo da vida. Ao buscar autores que abordam a temática, foi possível trazer as contribuições de alguns. Vale ressaltar que muitas publicações abordam questões relacionadas à qualidade da educação, à acessibilidade igualitária para todas as pessoas, dentre outras questões, todas relevantes e que merecem atenção exclusiva. Sem dúvida que são debates que estão relacionados com esta pesquisa, no entanto, não serão aqui tratados em minúcias, apenas serão apresentadas algumas considerações relacionando-as diretamente com o foco do trabalho.

Para Lima (2007), a aprendizagem ao longo da vida (ALV) serve à empregabilidade e à performatividade competitiva, ou seja, está se dando mais atenção às demandas da economia, deixando de lado a sua raiz humanista e crítica, emancipados e conscientes, que era a lógica da educação popular de adultos. Com isso, não se forma mais sujeitos críticos, e sim, segundo o autor, prepara-se as pessoas exclusivamente para o mercado de trabalho. Essa posição do autor evidencia que quando se pensa a educação de adultos, faz-se relacionando-a em grande parte ao adulto não escolarizado, aquele que muitas vezes precisa ser alfabetizado.

Para Barros (2013), a aprendizagem ao longo da vida vai ao encontro de “necessidades globais e prementes como a coesão social e o acesso à educação para todos” (BARROS, 2013, p. 15). A autora, assim como Lima (2007), entende que a educação tem sido oferecida com objetivos de empregabilidade e competitividade econômica. Ambos defendem uma educação que permita ao sujeito integrar-se à sociedade com consciência dos seus direitos, da sua cidadania, que tenha condições de tomar suas próprias decisões com base em suas análises críticas e não ser manipulado por forças de poder.

Segundo o INEP (2017), o curso de Direito é o primeiro em número de matrículas, seguido de Pedagogia, Administração e Ciências Contábeis, e as mulheres são maioria nos quatro. Direito ainda não é ofertado na modalidade a distância, há uma disputa judicial¹² em função de ação judicial da OAB, que teve seu pedido indeferido¹³ em 28/02/2020. Outro dado relevante é que nos cursos de graduação a distância encontram-se idades mais elevadas em relação ao curso presencial. “Em média, as idades referentes à matrícula nos cursos a distância são de 32,3 anos e nos presenciais, 25,6 anos” (INEP/MEC, 2019, p. 42). A pesquisa do INEP/MEC demonstra que a modalidade a distância atende mais amplamente que o presencial

¹² OAB ingressou com pedido de liminar na 7ª Vara Cível da Justiça Federal do Distrito Federal requerendo inviabilidade da oferta de cursos de Direito a Distância. <https://www.oab.org.br/noticia/57702/oab-vai-a-justica-contra-graduacoes-a-distancia-em-direito>

¹³ A 7ª Vara Cível da Justiça Federal do Distrito Federal nega liminar OAB: <https://www.conjur.com.br/dl/justica-nega-pedido-oab-suspender.pdf>

em termos etários, o que evidencia a preferência pelos mais velhos por esta modalidade de ensino. Questão que merece um olhar atento, uma vez que esta modalidade de ensino acontece por meio da *internet* e é amparada pelas novas tecnologias digitais, importante entender, portanto, esta suposta dicotomia entre nativos digitais e imigrantes digitais, o que é abordado no capítulo 3, subtópico 3.4.3.

É interessante conhecer qual ou quais cursos estão na lista de preferências dos adultos maduros, pois iniciar uma carreira nesta época da vida é algo bastante desafiador, afinal, o mercado de trabalho ainda não evidencia estar pronto para recebê-los.

Placco e Souza (2006) também apresentam importantes contribuições acerca do ensino e aprendizagem do adulto. As autoras abordam a função da memória, os sentidos e significados e a metacognição na aprendizagem de adultos, que são aspectos relevantes para esta pesquisa.

1.4 O adulto maduro aprendiz na educação a distância: como recebê-lo?

O perfil do aluno da EAD muda constantemente, e não só no Brasil, conforme afirma Bates (2016, p. 71). Em muitos outros países nota-se que os mais velhos também estão presentes no ensino superior, diferente do que costumava ser. Nos movimentos sobre a longevidade em que participo, é recorrente a reclamação de que, com o avançar da idade, as pessoas da terceira idade são tratadas como crianças, ou seja, como se a idade madura os tornasse incapazes para determinadas atividades. É essencial que não se infantilize o adulto, que ele seja acolhido e tratado como adulto que é. Isso leva à reflexão em como conduzir as práticas docentes em um ambiente de estudo onde há gerações diferentes compartilhando o mesmo espaço. É necessário haver esta diferença de condução, de abordagem? Como receber e acolher este adulto maduro que está chegando aos Ambientes Virtuais da graduação *on-line*?

Já foi possível, até aqui, compreender que “Hoje se sabe que caracterizar uma pessoa como adulto maduro é atribuir-lhe a capacidade de manutenção da capacidade evolutiva” (BALBINOTTI, 2005, p. 87), e uma das alternativas desta manutenção da capacidade evolutiva está relacionada com a aprendizagem. Se fizermos uma relação com o momento em que vivemos, uma época efervescente quanto às diversas formas e caminhos de aprender e compartilhar conteúdo, tendemos a concordar com Balbinotti que, em 2005, afirmou que “Considerando a época atual, compreendida como a ‘década do cérebro’, e o fato de as pessoas atingirem idades mais avançadas que na época de Freud, os tradicionais paradigmas existentes necessitam ser repensados” (BALBINOTTI, 2005, p. 67), afirmação que entendemos muito coerente com os anos e situações atuais.

Mazzaferro e Bernhoeft (2016) argumentam que um dos motivos que mais influenciam na dificuldade de estudar na idade madura está relacionado a como se deram as experiências de aprendizagem nas fases anteriores. É possível identificar que muitos destes alunos maduros estão há anos longe dos bancos escolares, questão que também será mais bem compreendida em função das respostas apresentadas pelos respondentes do questionário que integra esta pesquisa. Os autores também afirmam que o sistema educacional é um dos responsáveis, pois não prepara as pessoas para que possam aprender através da própria vida. Esse entendimento, de certo modo, é fácil de comprovar observando no dia a dia o ambiente de ensino e aprendizagem, não só *on-line* e presencial, além da própria história de vida desta pesquisadora, que não recebeu este preparo.

Ao considerar as especificidades do público adulto maduro, o entendimento de Barros (2013) alinha-se com questões que se discutiu nesta pesquisa, que é compreender

O papel das experiências pessoais tornou-se determinante nos ambientes de aprendizagem dos adultos, uma vez que a adultez é a fase do ciclo vital mais longa e, como tal, implica descobertas recorrentes e tomadas de consciência que resultam das suas realidades emergentes (BARROS, 2013, p. 53).

Há, também, importantes contribuições vindas dos programas de mestrado em Andragogia: *Université* de Montreal e Universidade do Minho. A contribuição da *Université* de Montreal está presente na obra *Aprendizagem e desenvolvimento de adultos*, organizado por Danis e Solar (2001), e a Universidade do Minho, em *Educação/Formação de Adultos: com dimensão dinamizadora do sistema educativo/formativo* (SILVESTRE, 2003). Algumas questões sobre o aproveitar as experiências do aluno adulto para dinamizar as aulas encontram eco nas considerações de Balbinotti (2005), quando afirma que “[...] no envelhecimento, ocorre a necessidade de narrar a própria história; e tais narrativas são uma forma de ação sobre o passado, cujo objetivo é manter uma afirmação sobre o presente” (BALBINOTTI, 2005, p. 61), e de Placco e Souza (2003), quando afirmam que

Aprender significa aproximar-se do conhecimento oferecido, apropriar-se dele a partir da própria história pessoal e particular, em um processo de ressignificação que ocorre na interação com o grupo (PALCCO; SOUZA, 2003, p. 46).

Como relacionar todas estas questões ao adulto maduro na educação a distância? Esta é outra questão importante e se refere à intergeracionalidade, tema cada vez mais presente na sociedade atual. Atualmente, em um mesmo Ambiente de Aula, virtual ou presencial, é possível

encontrar pessoas mais maduras junto aos jovens. Há todo um debate em torno da intergeracionalidade no ambiente corporativo, e pouco sobre o ambiente escolar. Contudo, não é preciso fazer muito esforço para perceber que esta intergeracionalidade sempre fez parte da vida das pessoas. Pais convivem com filhos, avós com netos, tios com sobrinhos, professores com alunos, etc. No entanto a longevidade trouxe este debate para a pauta.

As diversas leituras e estudos que realizei ao longo da minha formação permitiram-me perceber que o processo de aprendizagem ocorre de forma diferente para cada pessoa, independentemente da sua idade. Cada indivíduo aprende o que é mais relevante e lhe desperta interesse, que faça sentido aos seus propósitos de vida e que realmente gere emoções, que torne a aprendizagem mais significativa.

As aprendizagens necessárias à ruptura não se podem fazer, sem certas alterações de paradigmas, que conduzem à nova estrutura intelectual. Para chegar à transformação, os aprendizes têm de se situar numa perspectiva de aprendizagem e de relação com o saber, que lhes permita rever os saberes à luz das suas experiências e adquirir daí novos saberes em resposta ao seu questionamento no que respeita, muito particularmente, aos domínios de saber que não instruídos e criá-los consoante as necessidades (SOLAR, 2001, p. 147-148).

A citação acima permite compreender que, ao lançar-se ao desafio de fazer uma graduação *on-line*, o adulto maduro procede mudanças de paradigmas que o entende como inábil para as tecnologias digitais, promovendo, portanto, uma transformação que lhe permite adquirir novos saberes, competências e habilidades, atendendo às suas mais íntimas necessidades e anseios.

Algumas evidências têm surgido. A matéria veiculada no *Diário dos Campos*, intitulada *Ensino Superior conquista a terceira idade*, ratifica o interesse de pessoas acima dos 50 anos em se manterem economicamente ativas e que, portanto, gera uma demanda por qualificação, uma vez que dados do MEC indicam que apenas 11% dos brasileiros entre 44 e 64 anos possuem Ensino Superior. A matéria ainda releva que, no Brasil, “A entrada do público idoso nas universidades é um movimento que está ganhando força. O acesso à *internet* é um dos fatores que tem aproximado a terceira idade do Ensino Superior” (Diário dos Campos, 2018). São recorrentes matérias como estas, com exemplos de pessoas que, a despeito das diversas dificuldades da idade ou falta de familiaridade com determinadas tecnologias amparadas pela *internet*, lançam-se a novos desafios, como a busca por uma formação e uma posição no mercado de trabalho, algumas são apresentadas nos anexos desta pesquisa.

identificar-se com as necessidades dessa época (tais como manter-se atualizado intelectualmente, socialmente participativo, afetivamente satisfeito, ativo e com

hábitos saudáveis) é um desafio que os adultos maduros, na atualidade, deverão enfrentar para um convívio intergeracional adequado (BALBINOTTI, 2005, p. 25).

Nesse sentido, é interessante destacar o exemplo de um egresso da graduação EAD Unigranrio, Edvaldo Barros da Silva, declarando em depoimento ao *Blog* “PapodeAdultoMaduro¹⁴” que aos 66 anos buscou uma graduação na EAD. Hoje é Tecnólogo em Gestão de Recursos Humanos pela Unigranrio e já está cursando uma pós-graduação.

Mendes e Faustino (2017), em análise dos alunos de Teologia da Unigranrio, constataram que entre as turmas de primeiro e quinto períodos houve uma redução no número de matrículas de alunos na faixa etária acima dos 50 anos. As autoras indagam sobre os possíveis motivos desta redução: “evasão natural ou dificuldade em adaptar-se à modalidade de ensino e às tecnologias que lhes são inerentes?” (MENDES; FAUSTINO, 2017, p. 156). São questões que as autoras lançam, sem, contudo, respondê-las. São perguntas importantes e que podem contribuir com esta pesquisa.

Para tanto, é necessário conhecer esse público, identificando suas expectativas, percepções e necessidades em quatro aspectos: 1) Tecnologia: identificar a desenvoltura com o uso do computador e seus acessórios para acesso ao AVA, às aulas e realização das atividades; 2) Comunicação e interação com colegas e professores: participação nos fóruns e *chats*, uso do *e-mail* disponível neste ambiente; 3) Mercado de trabalho: procurar identificar se a motivação pela graduação e a escolha da modalidade EAD estão relacionadas a projetos profissionais; 4) Reconhecimento pessoal/social: identificar se o ingresso na graduação se deu por questões de valorização e reconhecimento pessoal e social, que envolvem a autoestima, o sentimento de pertencimento e de inclusão social. Estas sugestões são baseadas na experiência desta autora, em anos anteriores a esta pesquisa, com alunos que têm o mesmo perfil dos sujeitos aqui pesquisados.

Concluindo este tópico e preparando para iniciar o próximo, sobre andragogia, é importante esclarecer que é ponto comum entre os pesquisadores da educação que se deve conduzir as práticas de ensino de acordo com o perfil do aluno. Há o entendimento de que cada indivíduo tem suas preferências, facilidades e dificuldades no processo de aprendizagem. Portanto, faz-se relevante conhecer as diferentes ciências e teorias da educação. Estudar e conhecer a andragogia, ainda uma teoria, mas que acreditamos caminhar para tornar-se ciência, voltada para a educação de adultos, torna-se tão relevante e natural quanto as demais teorias já estabelecidas e reconhecidas.

¹⁴ *Blog* Papo de Adulto Maduro. Link: <https://papodeadultomaduro.wordpress.com/>

O que temos observado e vivenciado é que as Instituições de Ensino Superior, de modo geral, ainda não se adaptaram às novas exigências e demandas da longevidade e não estão tão bem preparadas para atender ao adulto maduro. Para conhecer e entender melhor este despreparo é importante uma pesquisa abrangente com estas Instituições, buscando conhecer como têm conduzido esta questão.

Em seu artigo sobre o adulto maduro no contexto das universidades da terceira idade, Neri (2014) apresenta alguns pressupostos, e destes, vale destacar dois:

Necessita da criação, do desenvolvimento e da institucionalização de uma metodologia adaptada às características da clientela, considerando os aspectos cognitivos, afetivos e ambientais; a educação para adultos maduros e idosos deve pretender, no mínimo, incrementar os saberes e os conhecimentos teóricos, os saberes práticos, o saber-fazer, o aprender e seguir aprendendo e possibilitar o crescimento contínuo, as relações sociais e a participação social (NERI, 2014, n.p).

As considerações feitas pela autora na citação acima estão alinhadas com o que esta pesquisa evidenciou por meio das respostas obtidas no questionário.

1.5 Andragogia: uma teoria sobre a aprendizagem do adulto

A andragogia ainda é pauta de debates controversos. Há alguns adeptos e outros que ainda resistem em aceitá-la. Como resultado do interesse pelo tema, fez-se pesquisas e, inclusive, alguns artigos foram publicados. Nesta caminhada, algumas resistências ocorreram, até mesmo orientação para não submeter o projeto a processo seletivo em nenhum programa de mestrado aqui no Brasil, pois não teria êxito. Fato que se comprovou inverídico, pois no banco de teses e dissertações da CAPES é possível encontrar trabalhos sobre andragogia. Não se pretende entrar no mérito desta discussão, mas vale ressaltar que foi encontrado nesta teoria amparo para as percepções e entendimentos acerca da educação *de* e *para* adultos que se coadunam com o entendimento desta pesquisadora.

Buscou-se autores que amparam e validam estes entendimentos. Dentre estes estão Knowles, Danis e Solar, estas duas últimas, pesquisadoras em andragogia na Universidade de Montreal. O autor mais citado e pesquisado é Knowles¹⁵, embora já falecido há anos, seus textos ainda são amplamente utilizados em todos os livros, artigos e *sites* consultados para esta

¹⁵ Malcolm S. Knowles, o pai da Andragogia nos Estados Unidos, faleceu em 27 de novembro de 1997. Esta informação consta na dedicatória do livro *Aprendizagem de Resultados: Uma abordagem prática para aumentar a efetividade da educação corporativa*.

pesquisa. Boa parte das publicações trazem os resultados dos trabalhos deste autor, especialmente as publicações brasileiras.

É possível perceber que “existem relativamente poucas pesquisas científicas em Andragogia” (DANIS; SOLAR, 2001, p. 13). No momento, 2020, ainda há relativa dificuldade em encontrar trabalhos que se aprofundem no tema; especificamente livros são escassos, é mais comum encontrar alguns artigos e dissertações, mas que em sua essência pouco acrescentam aos avanços e reconhecimento da andragogia como ciência. Grande parte apresenta similaridade em seu escopo.

No campo de estudo da andragogia, as poucas obras teóricas e empíricas, que foram produzidas a este respeito, parecem na sua maioria, ter-se limitado à análise de conceitos dificilmente operacionalizáveis ou, ainda, à determinação de factores isolados (DANIS; SOLAR, 2001, p. 80).

A citação parece muito atual, a edição da obra é de 2001, o ano da primeira publicação é 1998. Este estudo desenvolve-se em 2020 e não se percebeu nenhum avanço, embora reconheça-se que para uma teoria tornar-se ciência demanda uma longa trajetória e pesquisas.

As autoras compreendem que as pesquisas em andragogia deveriam “permitir definir diferentes formas e processos, bem como os diversos objetos de reflexão, que caracterizam a aprendizagem dos adultos” (DANIS; SOLAR, 2001, p. 72). Há o entendimento, por parte desta pesquisadora, que se faz importante ampliar e aprofundar as pesquisas sobre a andragogia, para que esta possa ser amplamente aplicada à educação de adultos, bem como fazer parte da formação docente, o que ainda não ocorre.

O livro *A formação de adultos*, publicado no Brasil em 1981, apresenta argumentos bastante atuais. Seu autor, Mucchielli, em 1975, já questionava a importância de haver diferenciação entre a educação de crianças e jovens e os adultos. Embora haja questionamentos ao utilizar publicações mais antigas, o entendimento é que isso revela a importância do debate e que ainda há muito por avançar e realizar no que se refere à educação de adultos em nível de graduação e as contribuições que a andragogia pode proporcionar.

O autor discute o uso das terminologias “pedagogia de adultos” e andragogia, afirmando que não ocorre diferenciação entre elas, e que, na prática, são utilizados métodos tradicionais para os adultos, tratando-os igual às crianças (MUCCHIELLI, 1981, p. 9). Ele propõe o uso de métodos ativos, com propostas de trabalhos práticos no contexto da educação de adultos. Finalmente, o autor faz considerações acerca de uma “pedagogia de adultos”. Ainda no que diz respeito à terminologia, Mendes (2015) afirma que alguns autores que se propõem a discutir a

educação de adultos no ensino superior utilizam “pedagogia” em seus títulos. A autora cita o exemplo do livro *Pedagogia Universitária: caminhos para a formação de professores*, e enfatiza que “a maioria refere-se única e exclusivamente às práticas pedagógicas e nem mesmo cita a Andragogia” (MENDES, 2015, p. 84). Importante destacar que a autora não se opõe à pedagogia, e sim busca o espaço que entende a andragogia ser relevante. Em seu artigo *Andragogia e Pedagogia: uma EAD mais acolhedora*, a autora afirma:

Assim, nossa compreensão é que Pedagogia e Andragogia complementam-se em seus propósitos de orientar, conduzir e estimular. Isso porque, apesar de cada uma estar inserida em contexto específico de atuação (uma, infantil e, outra, adulto), há um limiar de proximidade quando identificados certos traços de personalidade de seus discentes (MENDES, 2015, p. 6).

Para a autora, pedagogia e andragogia não devem se contrapor. Ela entende que juntas possibilitam a ampliação e diversidade de práticas, oportunizando diversas formas de ensinar e aprender. Seu artigo aborda a andragogia no contexto da educação a distância, onde ela busca evidenciar que uma pode contribuir significativamente com a outra, pois entende que, na EAD, é importante buscar diferentes formas e recursos para a prática do ensino e, especialmente, a mediação, conclui que oportunizam abordagens que consideram a individualidade dos alunos.

A andragogia é compreendida como uma abordagem de ensino com foco na aprendizagem do adulto, que proporciona mais autonomia e participação do discente, dando-lhe a oportunidade de ser o líder da sua aprendizagem. Ela nos permite compreender que

A aprendizagem de adultos ocorre em diversos cenários, por motivos diversos. A Andragogia é um modelo transacional de *aprendizagem de adultos* desenvolvida para transcender as aplicações e situações específicas (KNOWLES, 2009, p. 152).

Para contextualizar, faz-se necessário entender a origem do termo. andragogia vem do grego *andra* (adulto) e *agogus* (líder), cuja tradução é “a arte de liderar adultos”, e difere da pedagogia, que advém de *paid* (criança) e *agogus* (líder), que significa “a arte de liderar crianças” (KNOWLES, 2009, p. 66). Segundo este autor, o termo andragogia foi cunhado pela primeira vez por Alexander Kapp, em 1833.

Iniciamos com um breve histórico da andragogia. Sabe-se que o termo foi difundido nos anos 1970 por Knowles, quando então afirmou que a andragogia é a arte e a ciência de conduzir os adultos à aprendizagem. O surgimento da andragogia se dá por um conjunto de fatos que culminam com a publicação do livro *The modern practice of adult education*, de Knowles. Embora Lindeman seja mencionado como um dos primeiros a realizar pesquisas sobre a andragogia, as publicações atuais indicam que no ambiente corporativo a andragogia é mais

aceita em relação ao meio acadêmico. Em 2012, Mendes et al. (2012)¹⁶ já propunham a inclusão da andragogia na formação de docentes do ensino superior.

Os princípios andragógicos quando aplicados com êxito no AVA produzem resultados ainda melhores, especialmente se os docentes agregarem atenção personalizada ao adulto aprendiz (MENDES et al., 2012, p. 07).

A andragogia surge como uma proposta de flexibilidade no processo de aprendizagem, uma vez que tem como suporte deste processo fatos da vida real do sujeito que aprende, conferindo ao estudante a oportunidade de ajustar o seu ritmo de aprendizagem. Há o entendimento do aprender fazendo, o que revela a tendência de tornar o aluno gestor do seu aprendizado. A atenção volta-se também para “[...] como acontece o processo de aprendizagem de adultos” (KNOWLES, 2009, p. 153), e este “como” está relacionado aos processos mentais, como se dá o processo de aprendizagem.

A adoção da andragogia resulta da valorização e do respeito aos adultos, permitindo-lhes seguir os seus anseios e vontade de aprender. Exercer o seu direito ao autodirecionamento e ser o comandante do seu desenvolvimento. Afinal, o pai da andragogia afirmou que “O modelo andragógico é um modelo processual, em oposição aos modelos baseados em conteúdo empregados pela maior parte dos educadores” (KNOWLES, 2009, p. 121), ou seja, é possível dinamizar o processo de ensino propondo metodologias que privilegiem a participação do aluno, e é exatamente isto que o adulto busca em seus momentos de aprendizagem.

O adulto busca aplicabilidade do conteúdo aprendido/estudado e, para tornar a aprendizagem mais ativa e interessante, é válido utilizar os exemplos trazidos pelos alunos, isso irá enriquecer este processo. É importante ir além de apresentar conteúdos, pois sabe-se que “[...]o modelo de conteúdo se ocupa de transmitir informações e habilidades, enquanto o modelo de processo se ocupa da provisão de procedimentos e recursos para ajudar os aprendizes a adquirir informações e habilidades” (KNOWLES, 2009, p. 122). Qualquer docente ciente do seu papel percebe esta diferença e busca melhorar a sua aula, o seu momento com os alunos, especialmente os adultos maduros, que têm muito a compartilhar.

No desenvolvimento desta dissertação pretendemos demonstrar que juntas, pedagogia e andragogia, podem tornar o processo de ensino e aprendizagem mais rico, mais dinâmico, mais engajador e com resultados mais efetivos. Entendemos ser importante perceber que a “Andragogia permite a combinação com outras teorias que se refiram aos objetivos e propostas,

¹⁶ MENDES et al. *Andragogia e a didática do ensino superior: novo lidar com o aprendizado do adulto em EAD*. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2012/anais/218c.pdf>>. Acesso em: 03 nov. 2019.

e [...] pode ser relacionada a vários conjuntos diferentes de objetivos e propostas” (KNOWLES, 2009, p. 153). A andragogia não se opõe, por exemplo, à pedagogia. Elas se complementam, e por esta razão será apresentado neste trabalho o Contínuo Pedagógico-Andragógico, proposto por DeAquino (2009).

É possível que ocorram questionamentos do porquê esta pesquisa não aborda a heutagogia. A resposta é que este estudo envolve o aluno adulto em uma realidade de aprendizagem onde existe a presença do professor, mediando e orientando. A heutagogia, segundo DeAquino (2009, p. 12), é uma abordagem em que não existe a presença de um professor, o aluno é o único responsável pela sua aprendizagem e o faz sozinho. Então resultaria em outra proposta de pesquisa, que difere totalmente desta.

Nesse contexto, é importante dar enfoque ao processo e não ao conteúdo, pois é importante priorizar como os alunos adultos preferem aprender. Para isso, é importante considerar e usar diferentes metodologias de ensino e aprendizagem.

O que há de mais importante é que a andragogia se insere como possibilidade de atender às especificidades deste público por meio da sua participação direta e ativa, pois deixa-se de haver imposição para a construção de uma proposta coletiva entre docentes e discentes. Este é um grande desafio, pois requer do docente sair da sua zona de conforto, de autoridade no ambiente de ensino e aprendizagem. Continua sendo importante nesta relação, porém o seu papel muda, agora ele não é mais quem dita as regras, é um mediador, um curador, que orienta e apoia.

1.5.1 Uma breve apresentação dos princípios andragógicos

Identificar e reconhecer a importância dos princípios andragógicos é fundamental para os profissionais da educação que atuam ou pretendem atuar na educação superior, é uma oportunidade de análise da aplicação prática da andragogia, pois estes esclarecem aspectos relevantes quanto ao como o adulto aprende, e ajudará o docente a sair do modelo pedagógico tradicional de ensino para lançar-se ao desafio do modelo andragógico de ensino.

Knowles et al. (2009) apresentam fundamentos-chave sobre a aprendizagem de adultos, identificados por Lindeman (1926), que alicerçam a andragogia. Para facilitar a identificação e análise, cada um deles será apresentado a seguir, com alguns esclarecimentos individuais.

Quadro 02 – Suposições sobre os aprendizes adultos

1	A motivação acontece em função da necessidade e interesse que a aprendizagem proporcionará.	Adultos são motivados a aprender à medida que experimentam que suas necessidades e interesses serão satisfeitos, por isso essas são as particularidades mais apropriadas para se iniciar a organização das atividades de aprendizagem do adulto.
2	A orientação para a aprendizagem é centrada na vida, na sua realidade.	A orientação de aprendizagem do adulto está centrada na vida, por isso as unidades apropriadas, para organizar o programa de aprendizagem, são as situações de vida e não as disciplinas.
3	A aprendizagem é mais significativa quando baseada em sua experiência de vida.	A experiência é a fonte mais rica para a aprendizagem do adulto, assim, a essência metodológica da educação do adulto é a análise das experiências.
4	Querem e sentem necessidade de protagonizarem a sua aprendizagem, querem ter o comando.	Adultos têm uma profunda necessidade de serem autodirigidos, por isso, o papel do professor é engajar-se no processo de mútua investigação com os alunos e não apenas transmitir-lhes o seu conhecimento e depois avaliá-los.
5	A idade revela importantes diferenças individuais que tendem a aumentar com o passar dos anos.	As diferenças individuais, entre as pessoas, aumentam com a idade, logo a educação de adultos deve considerar as diferenças no estilo, tempo, lugar e ritmo de aprendizagem.

Fonte: Adaptado de KNOWLES; HOLTON III; SWANSON (2009, p. 44)

Ao ter conhecimento dos princípios andragógicos, o docente poderá promover uma mediação mais adequada a este público. Assim, no próximo tópico faremos uma análise de cada um deles.

Em 1998, os autores propuseram seis princípios fundamentais, a saber:

1 - a necessidade do aprendiz de saber o porquê, o quê e o como; 2 - o autoconceito do aprendiz: autonomia e autodirigido; 3 - a experiência anterior do aprendiz; 4 - a prontidão para aprender; 5 - orientação para a aprendizagem; 6 - motivação para aprender (KNOWLES; HOLTON III; SWANSON, 2009, p. 44).

Compreendemos que, para o modelo andragógico de aprendizagem, o conteúdo deixa de ser o centro das atenções, também não mais o docente é o protagonista do ensino e da aprendizagem, passa-se a ter como centro das atenções o discente, aquele que aprende e que comanda a sua aprendizagem.

Há o entendimento, no contexto andragógico, que para os adultos é importante que a aprendizagem seja significativa, tenha uma aplicabilidade prática, e que especialmente utilize-se de experiências vividas por estes. Danis e Solar (2001) entendem que para que haja desenvolvimento os conteúdos devem ser significativos para os adultos, e que haver sentido é primordial. Para as autoras, o sentido torna as aprendizagens existenciais, inserindo o aluno adulto no seu meio físico e social.

É importante destacar que não se trata de excluir as práticas pedagógicas, e sim, aliar pedagogia e andragogia com o propósito de facilitar a autonomia do discente. Acreditamos que compreender e aplicar a teoria andragógica é adotar uma prática docente em sintonia com as especificidades de aprendizagem do adulto. Para isso, no próximo tópico analisaremos o contínuo pedagógico-andragógico.

1.5.2 Compreendendo o contínuo pedagógico-andragógico

O contínuo pedagógico-andragógico foi idealizado por DeAquino (2009), e tem como proposta entender o momento em que se encontra o aluno quanto às suas necessidades de aprendizagem. Compreender o “contínuo pedagógico-andragógico” é relevante para a condução do ensino e da aprendizagem do adulto maduro.

O contínuo de aprendizagem é um intervalo entre estratégias pedagógicas e estratégias andragógicas, cada uma posicionada em uma extremidade. Estando pedagogia e andragogia em cada uma das extremidades deste contínuo, significa dizer que a primeira extremidade tende a usar estratégias em que o aluno é mais dependente do professor e, na extremidade oposta, é importante considerar os princípios andragógicos e, portanto, o aluno é mais autônomo e menos dependente do professor, sendo este um mediador, um curador de conteúdo.

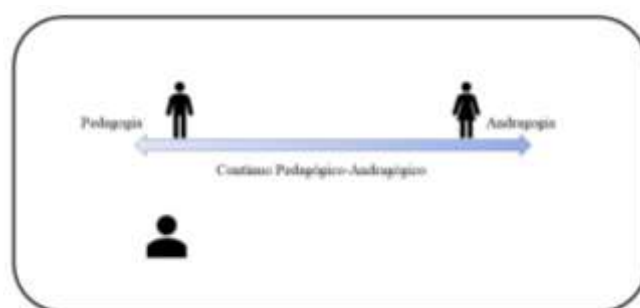
É importante identificar “Onde exatamente cada pessoa que está aprendendo se posiciona neste intervalo, em um dado momento” (DEAQUINO, 2009, p. 14). Para isso, o docente deverá levar em consideração algumas questões, como contexto social e cultural, emoções e como se lida com elas, e assim, como em uma escala entre duas extremidades, o docente identifica o momento do seu aluno, se tende mais para o lado pedagógico ou andragógico, para então definir suas estratégias de ensino. O que se propõe, portanto, é a complementariedade entre pedagogia e andragogia, conforme defendem Eboli (2004) e Mendes (2015):

As duas ciências referem-se ao mesmo objeto, que é o homem (criança, adolescente ou adulto) e ao mesmo objetivo, que é a educação do ser humano. A Pedagogia e a Andragogia utilizam o mesmo processo, mas se distinguem nas estratégias metodológicas de acordo com as características das diferentes etapas da vida do indivíduo em situação de aprendizagem (EBOLI, 2004, p. 33).

Pedagogia e a Andragogia não devem se contrapor, uma vez que não muda, em princípio, as questões presentes em cada uma, mas sim, permite a ampliação e a diversificação das melhores práticas, oportunizando o acesso às diversas formas de aprender (MENDES, 2015, p. 6).

Compreende-se que o contínuo pedagógico-andragógico pode ser aplicado a qualquer situação de aprendizagem; que é possível ao docente trabalhar qualquer estágio de maturidade do aprendiz; é importante fazer escolhas acertadas combinando estratégias pedagógicas e/ou andragógicas mais adequadas ao perfil do aluno. É importante considerar as experiências de vida do aluno, seu nível de desenvolvimento intelectual e o seu estilo de aprendizagem. Para Mendes (2015, p. 89), é essencial que o docente se utilize de sua experiência e conhecimento sobre ambas – pedagogia e andragogia, para conduzir e definir suas estratégias de ensino.

Figura 04 – Contínuo Pedagógico-Andragógico



Fonte: Adaptado de DeAquino (2009)

Segundo DeAquino (2009), existem alguns fatores que influenciam o posicionamento no contínuo de aprendizagem para tornar o processo de aprendizagem mais eficaz: o nível de desenvolvimento intelectual do aprendiz, as experiências educacionais anteriores do aluno, os estilos de aprendizagem e os objetivos educacionais, ambiente educacional e o ambiente externo.

Quanto ao nível de desenvolvimento, o autor baseou-se em Perry¹⁷ (1970). São três estágios, a saber: Estágio 1 - os alunos acreditam em uma verdade absoluta e atingível que deve ser transmitida pelo professor; Estágio 2 - há a crença em múltiplas verdades, conhecimento subjetivo não compreendido pelos discentes, veem o professor como detentor destas verdades e que os deve orientar; Estágio 3 - conhecimento processual, entende-se que cada indivíduo constrói o seu conhecimento com base nas suas experiências e reflexões pessoais. Neste último Estágio, o aluno deve refletir de maneira crítica e determinar qual a melhor solução para a situação em análise.

¹⁷ PERRY, W. *Forms of intellectual and ethical development in the college years: a scheme*. Nova York: Holt, Rinehart and Winston, 1970.

Ao considerar estes três estágios, percebe-se que o aluno cujo desenvolvimento intelectual se encontra no Estágio 1 tende a adequar-se melhor às estratégias Pedagógicas, e o aluno que está no Estágio 3 se frustraria se fosse conduzido da mesma forma, demandando, portanto, estratégias andragógicas, já que o seu desenvolvimento intelectual não estaria sendo bem aproveitado.

Os objetivos educacionais são trabalhados considerando a profundidade e o tipo de processamento de aprendizagem que se pretende trabalhar; portanto, considerando que o processamento mais superficial, com foco no conteúdo, tende mais para a extremidade Pedagógica, e que o processamento que requer mais habilidades mentais críticas tende à extremidade oposta, Andragógica. Outras posições, em regiões intermediárias, devem ser pensadas em gradações diferentes de conteúdos e processo.

A proposta deste tópico é ampliar estas questões e identificar como a andragogia poderá contribuir para a aprendizagem do adulto maduro. Afinal, um dos argumentos principais da andragogia é a experiência do aluno trabalhada em sala de aula, e quanta experiência tem o adulto maduro que poderá trazer diferencial para a prática de ensino e aprendizagem? Por certo, muitas. Portanto, é importante que o professor não use apenas as próprias experiências, e sim, priorize as dos seus alunos. Com isso, os alunos passam a ser instrumentos de sua própria aprendizagem e a troca entre os colegas dinamiza, valoriza e desperta interesse.

A importância da andragogia se dá em função de o aluno adulto precisar de ações para o hoje, para o agora, do pensar em um futuro mais próximo, que é construído em um presente urgente. Afinal, quando se fala em educação de adultos, está se referindo a indivíduos com uma bagagem de vida e um conhecimento construído socialmente. Portanto, é fundamental buscar desenvolver metodologias com atividades diferenciadas e instigantes, objetivando proporcionar aos alunos adultos o interesse e a motivação pela busca do conhecimento.

Concordamos com Mendes (2015), quando a autora afirma que o desafio que se coloca é como o docente irá conduzir a sua prática no deslocamento deste *contínuo*, “com um novo olhar, sobre o mesmo lugar, mas com uma nova percepção, uma nova compreensão, uma nova dinâmica” (MENDES, 2015, p. 89). Esta pesquisadora entende que as respostas, vindas dos alunos, apresentadas ao questionário desta pesquisa, poderão trazer alguns *insights*.

Depois de falarmos sobre o sujeito desta pesquisa, da breve apresentação da andragogia e de fazer uma sucinta análise do contínuo pedagógico-andragógico, é importante discorrer sobre a Educação a Distância, relatar um pouco da sua história, apresentar as suas gerações e destacar o perfil dos alunos que buscam estudar por esta modalidade de ensino.

2 Educação a Distância

As primeiras iniciativas de Educação a Distância se deram por meio de material impresso, seguido do rádio, que proporcionavam a oportunidade de estudo às pessoas geograficamente distantes dos grandes centros. Afirma Litto (2010) que o sistema de radiodifusão atinge um número significativo de pessoas dispersas numa vasta área geográfica, incluindo locais muito distantes dos grandes centros. Foi evoluindo e hoje é uma realidade também nas grandes capitais, a exemplo do Rio de Janeiro e São Paulo. Assim, neste caminhar de integrar, de oportunizar o acesso ao ensino superior de muitos outros excluídos, a educação *on-line* tem exercido um papel de grande importância.

O potencial tecnológico impõe aos sujeitos o domínio e a articulação no uso dos diferentes recursos e ferramentas digitais, muito presentes na EAD. Não é novidade a humanidade ter que se adequar aos avanços tecnológicos. Basta uma rápida observação na história e invenções que ontem surpreenderam a humanidade e hoje são naturalmente utilizadas, a exemplo da roda, da energia elétrica, do rádio, do telefone, mais recentemente do celular, da *internet*. Cada uma destas tecnologias marcou historicamente a humanidade, mas também foram alvo de desconfiança, incredulidade. Passar o dedo em tela e fazer com que “mude de página” era algo impensado, hoje qualquer criança passa o dedinho na tela do *smartphone* ou *tablet* para escolher seu desenho ou jogo preferido. É importante considerar que “usamos muitos tipos de tecnologias para aprender e saber mais e precisamos da educação para aprender e saber mais sobre as tecnologias” (KENSKI, 2016, p. 44). O que mais diferencia as novas tecnologias digitais é o modo de interação entre as pessoas. Hoje a comunicação entre indivíduos geograficamente distantes foi muito facilitada, acontece em tempo real. Estamos vivendo o que Bauman (2001)¹⁸ chamou de “modernidade líquida”.

As tecnologias digitais trouxeram consigo implicações nos diversos setores da vida, as relações sociais mudaram, a relatividade do tempo ganhou novas percepções, as profissões estão sendo diretamente atingidas, algumas extintas, outras surgem com novas possibilidades de atuação, muitas podendo ser exercidas de qualquer lugar, formando-se equipes virtuais e uma significativa parcela de pessoas atuando *home office*. Surgem novas configurações nas relações de trabalho. Estas e outras questões são amplamente discutidas por muitos autores.

Para entender a escolha por esta modalidade de ensino é importante conhecer alguns aspectos sobre ela, um pouco da sua história, da sua legislação, compreender a importância da

¹⁸ Modernidade Líquida, termo desenvolvido pelo sociólogo Zygmunt Bauman.

mediação e tomar conhecimento sobre alguns dados estatísticos de matrículas. Portanto, este capítulo visa contextualizar a educação a distância, por ser esta a modalidade de ensino onde está inserido o sujeito desta pesquisa, cujo objetivo é identificar os fatores motivacionais que os levaram a escolhê-la.

Aqui é considerada a influência destas tecnologias em relação à educação, que além de permitir uma nova forma de se fazer educação, também já vive novas relações de trabalho – hoje é possível encontrar docentes e outros profissionais atuando para a EAD como pessoas jurídicas. Esse foi o tema do trabalho apresentado no 24º CIAED, por Mendes e Araújo¹⁹ (2018) – *Contratação na EAD: CLT ou MEI? Desafios e possibilidades*. Discussão atual e importante, especialmente ao se pensar no vínculo entre o docente e a Instituição e as possíveis implicações na relação docente/aluno, mas esta é outra questão, que não será tratada aqui. Mas fica uma pergunta: como tem sido para o aluno adulto maduro a experiência de utilizar estas tecnologias para estudar *on-line*? Essa questão faz parte do questionário que os pesquisados responderam e obteve-se informações relevantes sobre este aspecto.

A EAD envolve conexão entre pessoas e recursos. Por meio dela é possível estimular a multiculturalidade e a diversidade, na medida em que usa diversas mídias a serviço desse compartilhamento de saberes.

No desenvolvimento desta dissertação um fato colocou esta modalidade de ensino ainda mais presente nos debates quando o assunto é educação – a pandemia provocada pelo COVID-19²⁰. Em função do afastamento social como medida de contenção da pandemia, emerge a necessidade de usar a tecnologia para manter as aulas. Em decorrência disso surgem debates sobre a eficiência da EAD enquanto modelo de educação, sobre os níveis de ensino em que é apropriada ou não, bem como outros debates sobre o que é EAD, Educação Remota e Educação Emergencial, se há diferenças ou não e o que caracteriza cada uma.

São inúmeros os *webinars* que acontecem quase todos os dias, são muitos profissionais da educação discutindo estas e outras questões relacionadas a esta modalidade de ensino e o que chamaria de suas derivações.

¹⁹ *Contratação na EAD: CLT ou MEI? Desafios e possibilidades*. In. 24º CIAED – Congresso Internacional ABED de Educação a Distância. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2018/anais/trabalhos/6788.pdf>>.

²⁰ COVID-19: <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca>

2.1 Crescimento da Educação a Distância: dados estatísticos

Ao longo dos anos a educação a distância vem registrando um significativo crescimento e, também, a confiança do público. Contudo, não se pode ignorar a posição contrária de algumas pessoas, inclusive de Conselhos de Classe com os quais a Associação Brasileira de Educação a Distância – ABED²¹ vem se posicionando e tomando medidas cabíveis, a exemplo da atual questão envolvendo a OAB – Ordem dos Advogados do Brasil, que é contrária à oferta de cursos nesta modalidade de ensino.

Esse crescimento vem abrangendo um público cada vez mais extenso e diversificado. Quando esta pesquisa se iniciou, em março de 2018, as informações disponíveis no censo da ABED (2016) eram de que, em 2014, havia 519.839 alunos matriculados em cursos regulamentados e oferecidos totalmente a distância. Já em 2015, houve uma pequena redução para 498.683; e em 2016, o número de matrículas foi de 561.667 (ABED, 2016, p. 79). Apesar dessa leve oscilação, o crescimento do número de matrículas em dois anos é expressivo – 12,63%.

O censo da educação superior apresenta os seguintes dados: no ano de 2016, em percentual na modalidade a distância: 621,2% matrículas, ingressantes 297,3% para 794,1% concluintes. Quanto à modalidade presencial, teve-se: 40,1% matrículas, 22,2% ingressantes para 27,4% de concluintes (MEC/INEP, 2016, p. 53). No relatório de estatística do INEP temos que:

O número de matrículas na modalidade a distância continua crescendo, atingindo quase 1,5 milhão em 2016, o que já representa uma participação de 18,6% do total de matrículas da educação superior. O número de matrículas em cursos de graduação presencial diminuiu 1,2% entre 2015 e 2016. Na modalidade a distância o aumento foi de 7,2%. A participação da educação a distância em 2006 era de 4,2% do total de matrículas em cursos de graduação e aumentou sua participação em 2016 para 18,6% (MEC/INEP, 2016, p. 7).

Dois anos depois, o mesmo Censo relativo ao ano de 2018 informa que o número de matrículas pulou de 1.320.025 para 2.358.934. A seguir, na Figura 05, é apresentado o gráfico que registra as matrículas em cursos regulamentados do ano de 2009 até 2018. Com a realidade imposta pela pandemia, esses debates ficaram ainda mais recorrentes, especialmente pelo fato de o MEC ter liberado o ensino a distância para diferentes níveis de ensino.

²¹ Resposta ABED à ação ordinária da OAB contra os cursos a distância: http://www.abed.org.br/site/pt/midiateca/noticias_ead/1650/2019/11/resposta_abed_a_acao_ordinaria_da_oab_contra_os_cursos_a_distancia

Figura 05 – Matrículas em cursos regulamentados totalmente a distância

Fonte: CENSO ABED 2019, p. 62

Ao acompanhar as pesquisas apresentadas pelo referido Censo, uma questão chama a atenção: só na edição 2019 a ABED demonstra interesse pelo público com idade acima dos 40 anos – “também seria interessante investigar o público da melhor idade” (ABED, 2019, p. 52). Este interesse também foi comunicado na apresentação do referido Censo, realizada no 25º CIAED, onde houve um apelo para que as Instituições pensassem e olhassem com atenção para este público. Apesar do interesse em seus registros, não consta nenhuma informação quanto ao número de matrículas de pessoas acima dos 40 anos. Tem-se que 39,3% estão entre 26 e 30 anos, 37% entre 31 e 40 anos, que somados correspondem a 76,3% de alunos nesta modalidade. Havendo o interesse pelo o que chamou de alunos da “melhor idade”, por que não foram apresentados números, ainda que baixos? É relevante fazer este registro para acompanhar o comportamento deste público e identificar demandas e interesses por esta modalidade de ensino, para que as Instituições e a própria ABED possam pensar em novas e adequadas estratégias.

A que se atribui este crescimento tão elevado? O Censo ABED 2016 relata que este crescimento está relacionado “à maturidade das instituições, à melhoria da qualidade e à percepção da sociedade sobre a modalidade” (ABED, 2016, p. 24). A cada edição do CIAED são apresentados trabalhos sobre iniciativas diferenciadas, estratégias para melhorar a estrutura, a utilização de novas metodologias, recursos e objetos de aprendizagem colocados à disposição,

uma área de exposição com *stands* de empresas com seus produtos cada vez mais diversificados, realidade aumentada, simuladores, telas interativas, novos *LMSs*²², etc.

Esse crescimento da EAD tem sido acompanhado pelo número de alunos ingressantes em idade acima dos quarenta anos? Para responder esta questão é necessário ampliar o universo pesquisado, sendo esta uma proposta para outra pesquisa.

2.2 O que é Educação a Distância?

Uma questão que causa bastante controvérsia é a nomenclatura, pois os pesquisadores têm posições diversas, alguns convergem. Litto (2010), ao se referir a esta questão, afirma haver uma grande variedade de termos, embora não perceba distinção clara entre eles. O autor, na tentativa de clarear um pouco mais a questão, elenca alguns que ele considera corretos e que são utilizados em todo o mundo, embora afirme que “começar uma briga semântica é inútil” (LITTO, 2010, p. 34). Dos termos listados pelo autor, dois são aqui destacados: 1 - Educação a distância: termo mais amplo, genérico e historicamente mais usado, cuja abreviação é EAD; 2 – “*e-learning*: o uso de computador conectado a redes eletrônicas [...] essencialmente sinônimo de *online learning*”.

No 24º CIAED, ocorrido em 2018, também se discutiu a possibilidade de a ABED adotar uma nova nomenclatura, mas à época não houve consenso e até a presente data ainda se usa Educação a Distância. O tema voltou ao debate em 2019, no 25º CIAED, onde Stavros Panagiotis Xanthopoylos apresentou uma nova indicação – *Educação por Aproximação Digital*, mantendo assim a sigla EAD. É uma sugestão interessante e que dá um outro sentido, mais próximo ao que realmente esta modalidade de ensino realiza – aproxima pessoas.

A Educação a Distância – EAD é tema de inúmeros debates em diversos eventos, com destaque para o CIAED – Congresso Internacional ABED de Educação a Distância, já em sua 25ª edição em 2019; o SENAED – Seminário Nacional ABED de Educação a Distância, em sua 15ª edição em 2019; e JOVAED – Jornada Virtual ABED de Educação a Distância.

Em 2019 a JOVAED inovou em seu formato. Foram palestras *on-line*, síncronas, durante cinco dias, que contaram com a ilustre presença do professor José Manoel Moran como um dos mediadores e palestrantes de destaque. O ponto alto foi a participação ao vivo do

²² *Learning Management System* (Sistema de Gestão de Aprendizagem).

público, perguntas respondidas em tempo real e muitas participações no *chat*. Este evento aconteceu na plataforma *Youtube* e está disponível²³.

Destaque também para o V Congresso Regional de Formação e Educação a Distância – Concefor, ocorrido em 2018, iniciativa do Centro de Referência em Formação e em Educação a Distância (CEFOR), do Instituto Federal do Espírito Santo (IFES), dentre outras iniciativas de universidades públicas e privadas.

Atualmente, além das redes sociais, ela tem se destacado em grupos de *WhatsApp*, alguns são: 1 - Troca de Experiências EAD; 2 - Tudo sobre EAD; 3 - Mercado EAD; 4 - TalkEED; 5 - Classificados EAD; e 6 - Esquenta CIAED. Esta é exatamente a sequência em que foram surgindo, e dois são dissidentes do primeiro. Alguns destes grupos resultaram em produções coletivas apresentadas nas duas últimas edições do CIAED – 2018 e 2019, e outros projetos estão em andamento, inclusive gerando a criação de novos grupos, cada um com o seu projeto. A história destes grupos reforça uma característica marcante da educação a distância, que é conectar e aproximar pessoas para a troca e produção coletiva de saberes. Também já existe um grupo de *WhatsApp* que nasceu justamente para estudar este fenômeno, não só os citados acima, entre os profissionais da área, mas, também, como vem sendo utilizado para fins didáticos. Realmente são fatos que merecem um estudo à parte.

A educação a distância *on-line* acontece em ambiente virtual, denominado AVA – Ambiente Virtual de Aprendizagem ou *LMS – Learning Management Systems*. Mattar (2012) faz uma breve apresentação sobre os diversos tipos de *LMS* de origem internacional, destacando também os *LMS* brasileiros. O AVA ou *LMS* são salas de aula virtual, onde docentes e discentes interagem e desenvolvem atividades de ensino e aprendizagem. Vilaça (2013) propõe um entendimento sobre dois tipos de Ambientes Virtuais de Aprendizagem: ambiente *stricto sensu*, planejado e desenvolvido especificamente para o uso educacional e, ambiente *lato sensu*, que não foi pensado ou desenvolvido para fins educacionais, mas que são assim utilizados. O autor cita como exemplo para o primeiro o *Moodle* e para o segundo o *Facebook*, atualmente nesta segunda categoria pode ser incluído o *Instagram*.

O *LMS* gratuito mais utilizado e conhecido é o *Moodle*, especialmente por instituições públicas, a exemplo da UNIFEI – Universidade Federal de Itajubá, o Consórcio CEDERJ, a UFF/LANTE, dentre outras, bem como algumas instituições privadas. O AVA é um “ambiente fértil às aplicações dos princípios andragógicos”, afirma Mendes (2015, p. 89). A EAD coloca os profissionais em constantes desafios, não é possível fazer mais do mesmo. A aprendizagem

²³ JOVAED – Jornada Virtual ABED de Educação a Distância - 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZHOx3r3HNYg&list=PL7Sby5_IdXxelQQ01F0UgKoiUbt_yz04G>.

se constrói com a diversidade de experiências, conceitos, reflexões, inquietações e trocas entre alunos e professores, ou seja, uma aprendizagem colaborativa. Para Mendes (2015) a “EAD é construção coletiva, é interação, participação ativa, jamais reativa” (MENDES, 2015, p. 90). Dessa forma, tais definições coadunam com o propósito deste tópico, que é exclusivamente pontuar a existência dessas nomenclaturas, sem, contudo, eleger uma delas como única e correta.

A EAD tem como uma forte característica a possibilidade de o aluno poder estudar no seu ritmo e onde quer que deseje. Belloni (2012, p. 60) ressalta esta autonomia do aluno contrastando com a ausência de autonomia quanto aos prazos. Sem dúvida estas são duas realidades bem marcantes. As atividades têm prazos definidos que devem ser cumpridos para evitar prejuízos nos resultados do aluno. Para a avaliação presencial, de maior peso e que permite a mudança de nível, costuma haver uma segunda chance, uma reposição, desde que a ausência seja devidamente justificada.

A EAD vem evoluindo ao longo dos anos e dois fatores devem ser considerados, o primeiro atrelado ao desenvolvimento da tecnologia, especialmente o advento da internet. E o segundo, o comportamento da sociedade que tem mudado significativamente.

2.3 As gerações da Educação a Distância

Embora não haja consenso sobre qual foi a primeira realização de um curso a distância, uma breve pesquisa permite conhecer as diversas gerações desta modalidade de ensino. Por volta dos anos 1960, esta acontecia por meio de correspondências via Correios e a comunicação acontecia entre professor e aluno. Ainda nesta década iniciou-se o uso de rádio e televisão, e assim a evolução foi se dando. Dois exemplos merecem destaque: o Projeto Minerva²⁴ e o Telecurso 2º Grau²⁵. O Telecurso 2º Grau, hoje conhecido como Telecurso 2000, depois de algumas transformações, agora com parceria entre a Fundação Roberto Marinho e o MEC, é considerado o maior projeto de EAD que ainda ocorre no Brasil.

²⁴ Projeto Minerva, criado em 1970 e mantido até o início dos anos 80, criado pelo Governo Militar. Disponível em: <<https://www.educabrasil.com.br/projeto-minerva/>>.

²⁵ Telecurso 2º Grau, criado em 1978 pela Fundação Roberto Marinho e produzido em parceria com a TV Cultura. Disponível em: <<https://www.educabrasil.com.br/telecurso-2o-grau/>>.

Pela representatividade destes Programas, através do rádio e da televisão, ambas iniciativas pioneiras em Educação a Distância, é dado o destaque que merecem, apresentando um breve resumo de suas especificidades no Quadro que segue:

Quadro 03 – Projeto Minerva e Telecurso 2º Grau

Projeto Minerva	Telecurso 2º Grau
Programa de educação a distância por meio do rádio, implantado pelo Governo. Sua implantação foi possível por meio de decreto presidencial e por Portaria interministerial nº 408/70. A obrigatoriedade veio com a Lei 5.692/71. Iniciou nos anos 1970 e funcionou até meados dos anos 1980. Destinava-se à educação supletiva de adolescentes e adultos e à educação continuada. Tinha o propósito de atender todo o território nacional.	Programa de educação a distância por meio da televisão, implantado em parceria entre a Fundação Roberto Marinho e a Fundação Padre Anchieta, veiculado pela Rede Globo e, a partir de 1978, pela TV Cultura. Ensino supletivo que abrangia da 1ª a 3ª série do ensino médio. Voltado para pessoas com mais de 21 anos de idade que desejam obter o certificado de conclusão do segundo grau. Em 1998 sua denominação mudou para Telecurso 2000, é considerado o maior projeto de educação a distância em prática no Brasil.

Fonte: Adaptado de Educa Brasil; Bernardi (2014).

Ao longo dos anos, a Educação a Distância tem acompanhado a evolução tecnológica, do modelo baseado em correspondências ao advento da *internet*. Moore e Kearsley (2007) apresentam uma pesquisa detalhada das cinco gerações da EAD, inclusive com diversos exemplos.

Em 1990, com o surgimento da *internet*, a Educação a Distância ganha espaço na Era digital. Já não é mais necessário sair de casa para ter acesso à educação. Esta, agora, pode ser realizada de qualquer lugar onde possa contar com um computador ligado à rede – *internet*.

Maia e Mattar (2007) relatam que a Educação a Distância tem a idade da escrita, sob a alegação de que com o advento da escrita liberta-se a comunicação da presencialidade do emissor e do receptor. Abre-se espaço para a comunicação assíncrona, muito utilizada na EAD.

Chegou-se a uma importante diferença entre educação a distância e educação *on-line*. Embora o termo seja, ainda, amplamente empregado, inclusive pelo Decreto 9057/2017, há

diversas discussões acerca da sua utilização. Surgem modelos diversos para a promoção de uma educação que acontece geograficamente a distância, mas que, por sua natureza de interação e mediação, em nada possuem de distante.

Em linhas gerais, a primeira geração, para os estudiosos, proporcionou o fundamento da educação a distância, porém de forma individualizada. Ou seja, o aluno recebia o conteúdo e estudava sozinho, sem interação com professor e colegas. Segundos os autores Moore, Kearsley (2007) e Mattar (2011), a segunda geração, por rádio e TV, também com uma significativa ausência de interatividade, entretanto, contribuiu para a apresentação oral e visual aos alunos. Já a terceira geração integra áudio, vídeo e correspondência, “agora com orientação face a face” (MOORE; KEARSLEY, 2007, p. 47). A teleconferência surge na quarta geração, que acontecia por áudio, ou vídeo e computador, “primeira experiência em tempo real” (MOORE; KEARSLEY, 2007, p. 47). A quinta geração, existente hoje, que acontece nos AVAs e que se utiliza de muitos recursos e objetos educacionais, é *on-line* e ganha novos contornos com a realidade aumentada (RA)²⁶ e os simuladores.

Ao analisar as contribuições dos pesquisados Moore e Kearsley (2007) e Maia e Mattar (2008), foi constatada uma importante diferença quanto às gerações da Educação a Distância, os primeiros autores apresentam cinco gerações, e os dois últimos apenas quatro. Percebeu-se que esta diferença se dá na passagem da segunda para a terceira geração. Moore e Kearsley (2007) trazem como terceira geração a abordagem sistêmica; Maia e Mattar (2007) apresentam como terceira geração a EAD *on-line*, e encerram com a EAD hoje.

As situações geradas pela pandemia provocada pelo COVID-19 poderão trazer contribuições para uma nova educação a distância? Tem-se visto muitas iniciativas para manter os alunos em aula, há os mais diversos modelos de ações. Surge com mais força a preocupação com a educação básica e o ensino médio.

A ABED tem promovido a divulgação de textos, vídeos e uma série de *webinars*²⁷ para tratar destes novos e desafiantes cenários. São questões que não fazem parte desta pesquisa, contudo, devido à relevância dos fatos, entendemos ser pertinente mencionar e trazer para esta dissertação.

²⁶ Realidade Aumentada na Educação - Conexão Futura - Canal Futura. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?time_continue=8&v=g1iQnZ6dTaw&feature=emb_logo>.

²⁷ O Coronavírus e a Educação a Distância: Disponível em: <http://www.abed.org.br/site/pt/midiateca/noticias_ead/1697/2020/05/o_coronavirus_e_a_educacao_a_distancia>.

Quadro 04 – Educação a Distância no Brasil

Ano	Proponente	Ocorrência
1904	Escolas internacionais e cursos por correspondência	Cursos pagos por correspondência em jornal.
1923	Rádio-Escola	Instalada no Rio de Janeiro, por Edgard Roquett-Pinto.
1939	Rádio Monitor	Instituto Monitor, fundado a partir da experiência de um curso a distância para a construção caseira de um rádio.
1941	IUB – Instituto Universal Brasileiro	Fundado por um ex-sócio do IUB. Depois foi criado o UNIUB com cursos <i>on-line</i> .
1943	A Voz da Profecia	Iniciada nos Estados Unidos, em 1929, passando a ser gravados e transmitidos em português em 1943.
1947	SENAC, SESC e Universidade do Ar	Os alunos estudavam nas apostilas e corrigiam os exercícios com o auxílio dos monitores. Outros projetos surgiram ao longo de alguns anos.
1961	MEB	Criada pela Diocese de Natal, chegando a promover o letramento de jovens e adultos.
1962	<i>Ocidental School</i>	Fundada em São Paulo, de origem americana, com foco na eletrônica.
1967	IBAM – Instituto Brasileiro de Administração Municipal	Educação pública, ensino por correspondência.
1967	Padre Landell	Criada pela Fundação Padre Landell de Moura, ensino por correspondência e rádio.
1967	Projeto Saci	Encerrado em 1976, foi uma iniciativa do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais. Tinha foco em meios de comunicação em massa por via satélite.
1970	Projeto Minerva	Convênio entre o Ministério da Educação, a Fundação Padre Landell de Moura e a Fundação Padre Anchieta, cujo objetivo era utilizar o rádio para a educação de adultos.
1977	Telecurso	Cursos supletivos a distância. Lançado em 1970 pela Fundação Roberto Marinho, hoje é denominado Telecurso 2000.
1981	CIER – Centro Internacional de Estudos Regulares	Ensino médio a distância, cujo objetivo é que crianças, que mudam de país em função do trabalho dos pais, continuem a ter sua formação pelo sistema educacional brasileiro.
1991	Salto para o Futuro	Concebido e produzido pela Fundação Roquette-Pinto. Em 1995 passou a chamar-se Salto para o Futuro e incorporado à TV Escola.

Fonte: Adaptado de Maia e Mattar (2008, p. 23-27)

Ainda que de forma sucinta, o Quadro 04 apresenta um panorama geral dos marcos da EAD no Brasil, adaptado de Maia e Mattar (2008), que traçam uma relação do seu desenvolvimento em nosso país.

Desde então muitas outras iniciativas surgiram, e hoje é uma realidade inquestionável que, por força da lei, tem garantido seu espaço, além de todo o empenho dos profissionais da área, das Instituições de Ensino e da ABED, que, pelo trabalho sério que vem desenvolvendo ao longo dos anos, tem feito esta modalidade de ensino resistir às investidas de seus críticos, pois, como já mencionado, a EAD tem sido alvo de críticas e ações com o intuito de vetar a oferta de cursos nesta modalidade.

As gerações apresentadas por Moore e Kearsley (2007) são: Primeira geração – Estudo por correspondência; Segunda geração – Transmissão por rádio e televisão; Terceira geração – Abordagem sistêmica (AIM e a UA)²⁸; Quarta geração – teleconferência; e Quinta geração – aulas virtuais baseadas no computador e na *internet*.

Quanto às gerações indicadas por Maia e Mattar (2008), temos: Primeira geração – cursos por correspondência; Segunda geração – novas mídias e universidades abertas; Terceira geração – EAD *on-line*; e, finalmente, a EAD Hoje, onde os autores fazem algumas considerações, no entanto, não definem uma característica para o que poderia ser uma nova geração da EAD.

Poderia ter sido incluída mais uma fonte sobre as gerações da EAD, porém, ficaria muito extenso e com redundância de algumas informações. Com duas fontes foi possível fazer uma breve comparação e entender como tem se dado a evolução desta modalidade de ensino.

2.4 Legislação da Educação a Distância

A evolução da educação a distância e sua legislação são assuntos relevantes para esta pesquisa, pois é importante conhecer os avanços e o que ainda é preciso evoluir para entender como estas questões podem afetar a procura e a permanência do aluno nesta modalidade de ensino. No que se refere à legislação, ainda é possível encontrar pessoas que desconhecem a legalidade da modalidade e a validade do diploma conferido na conclusão do curso²⁹. Saber que a educação a distância é prevista em lei e regulamentada confere segurança ao aluno, este é um dos pontos que merece atenção. São muitos aspectos a serem analisados, o que não será feito nesta pesquisa, portanto, será feita uma breve contextualização, sem aprofundar a questão.

²⁸ AIM – *Articulated Instructional Media Project* – Projeto Mídia de Instrução Articulada. UA – Universidade Aberta.

²⁹ As Instituições de Ensino costumam mencionar, em suas divulgações e propagandas, que o diploma é igual ao do presencial.

O que há de mais atual quanto à regulação da EAD é apresentado no Decreto nº 9.057, de 25 de maio de 2017, que regulamenta o Art. 80 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. O referido decreto traz alguns pontos relevantes, dentre eles, é importante destacar a nova definição apresentada para esta modalidade de ensino, que vem já no primeiro artigo, a saber:

Art. 1º Para os fins deste Decreto, considera-se educação a distância a modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorra com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com pessoal qualificado, com políticas de acesso, com acompanhamento e avaliação compatíveis, entre outros, e desenvolva atividades educativas por estudantes e profissionais da educação que estejam em lugares e tempos diversos (BRASIL, 2017).

A definição difere e amplia a válida até então, apresentada pelo Decreto 5.622, de 19 de dezembro de 2005:

Art. 1º Para os fins deste Decreto, caracteriza-se a educação a distância como modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos (BRASIL, 2005).

Faz-se importante conhecer ambas as definições, pois a atual, apresentada no Decreto 9.057/2017, é mais abrangente em relação à anterior, constante do Decreto 5.622/2005. Esta diferença merece destaque e atenção no seguinte trecho que menciona a necessidade de pessoal qualificado, políticas de acesso, acompanhamento e avaliação compatíveis.

Em 2003 foram publicados, pelo MEC³⁰, os Referenciais de Qualidade para a EAD, que foram revisados e atualizados em 2007. Vale ressaltar que este documento não tem força de lei, mas gerou muitos questionamentos, pois o mesmo não ocorre com a modalidade presencial, ou seja, não há um referencial de qualidade para a educação presencial, o que para muitos defensores da EAD revela-se um ato preconceituoso, assunto que também foi tratado este ano no 25º CIAED.

Um aspecto que também interessa é com relação às avaliações e outras atividades presenciais, conforme determina o Decreto 5.622, de 19 de dezembro de 2005:

§ 1º A educação a distância organiza-se segundo metodologia, gestão e avaliação peculiares, para as quais deverá estar prevista a obrigatoriedade de momentos presenciais para:
I - avaliações de estudantes;
II - estágios obrigatórios, quando previstos na legislação pertinente;

³⁰ MEC – Ministério da Educação. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/par/193-secretarias-112877938/seed-educacao-a-distancia-96734370/12777-referenciais-de-qualidade-para-ead>>.

- III - defesa de trabalhos de conclusão de curso, quando previstos na legislação pertinente; e
- IV - atividades relacionadas a laboratórios de ensino, quando for o caso (BRASIL, 2005).

Atualmente as Instituições de Ensino trabalham com avaliações *on-line*, que os alunos realizam normalmente pelo AVA, de forma assíncrona, onde estiverem. Podem ser avaliações com questões objetivas e discursivas, fóruns ou algum trabalho a ser entregue no próprio Ambiente Virtual, e, presencialmente, realizam uma avaliação que tem maior peso e possibilita a promoção do aluno a um novo período do curso.

A ABED mantém atualizado em seu site todo o histórico da legislação³¹ que trata da educação a distância, em um documento com mais de 470 páginas que reúne todos os documentos citados aqui e muitos outros, uma forma de consulta prática e rápida. São Deliberações, Pareceres, Decretos, Portarias e Leis, uma valiosa compilação à disposição do público e dos profissionais que vem permitindo, ampliando e validando a educação a distância no Brasil.

2.5 Mediação na Educação a Distância

A mediação é a essência da EAD, é onde tudo acontece. A interação entre docentes e discentes; discentes com discentes, na troca entre pares, na qual o ensino e a aprendizagem ganham significado. A mediação é um caminho para a motivação extrínseca, ou seja, aquela em que o professor busca caminhos e estratégias para tornar o ensino e a aprendizagem mais atrativa, mais prazerosa.

Para o contexto da pesquisa aqui proposta, destacamos a seguinte argumentação:

A mediação cognitiva se constitui como base no desejo de saber, de aprender. A mediação didática se constitui como sistema de regulação (que organiza e concede forma) na determinação de uma estrutura exterior e como modalidade de ação que procura tornar esse objeto desejável ao sujeito (D'ÁVILA; VEIGA et al., 2012, p. 19).

As ações docentes são fundamentais para se evitar o silêncio virtual³², ou seja, a ausência de vida, de troca, de interatividade no AVA. E nesse contexto de tecnologias e educação,

³¹ ABED - Compilação da legislação em Educação a Distância. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/documentos/ArquivoDocumento.440.pdf>>.

³² Conforme os autores Okada e Almeida (2006, p. 271), Silêncio virtual representa a ausência de participação do aluno no Ambiente Virtual de Aprendizagem.

Masetto (2010) ressalta que o papel do docente se realiza verdadeiramente, pois ele assume seu papel de mediador e facilitador entre o aluno e a sua aprendizagem.

Oferecer diretrizes claras, informar ao aluno o que se espera dele, apresentar orientações claras e objetivas, compreensíveis para a realização das atividades, e, na medida do possível, fazer a mesma comunicação em diferentes formatos: textos, vídeos, infográficos e, assim, atender as diferentes características dos alunos. Esta é uma das estratégias que utilizamos em nossas salas de aulas virtuais, pois cada aluno tem uma necessidade própria para entender e assimilar informações.

Também é essencial compreender que,

[...] a didática é, acima de tudo, a construção de conhecimentos que possibilitem a mediação entre o que é preciso ensinar e o que é necessário aprender; entre o saber estruturado nas disciplinas e o saber ensinável mediante as circunstâncias e os momentos; entre as atuais formas de relação com o saber e as novas formas possíveis de reconstruí-las (PIMENTA et al., 2013, p. 150).

Foi por meio da mediação, do olhar atento, do diálogo com os meus alunos, no dia a dia da sala de aula virtual, que cheguei ao interesse pelo tema desta pesquisa, que ganhou seus primeiros contornos no ano de 2018. Para isso, foi essencial ter afetividade, atenção e cuidado com o outro e, acima de tudo, respeito pelas suas inquietações, pelos seus receios, pelos seus temores.

A afetividade é um aspecto que se torna essencial para perceber o outro, suas inquietações, suas expectativas, suas dificuldades e seus pontos fortes. Portanto, mediação é a prática docente de conduzir os alunos no ambiente de aprendizagem, é colocar-se disponível e acessível ao aluno, o qual deve perceber que há alguém para lhe orientar, lhe acolher, dar diretrizes, enfim, o aluno percebe que não está sozinho.

A prontidão e assiduidade nas respostas às dúvidas e às solicitações são relevantes para uma mediação efetiva e que resulte no interesse e engajamento do aluno. Muito se fala em ensino centrado no aluno, e a mediação é um dos caminhos para que isso de fato aconteça. Pallof e Pratt (2004) listam oito princípios para sermos, de fato, centrados nos alunos:

Entender quem nossos alunos são; entender como eles aprendem; estar cientes das questões que afetam suas vidas e sua aprendizagem, bem como da maneira pela qual trazem tais questões para a sala de aula; entender o que eles precisam para que possamos apoiá-los em sua aprendizagem; entender como ajuda-los em seu desenvolvimento como agentes reflexivos; encontrar uma maneira de envolvê-los na elaboração do curso e da avaliação; respeitar seus direitos como alunos e seu papel no processo de aprendizagem; entender como desenvolver cursos e programas sem deixar de dar atenção a um melhoramento contínuo da qualidade, para que nossos

alunos continuem seu processo de aprendizagem e avancem suavemente em direção a suas metas, seus objetivos e seus sonhos (PALLOF; PRATT, 2004, p. 147).

Para os autores, estes princípios se aplicam também ao presencial, contudo, ressaltam que na EAD o prestar atenção ao aluno deve ser de forma muito mais deliberada, em função do distanciamento físico.

Outro fator relevante para uma boa mediação é o *feedback*, ou seja, a retroalimentação, informar ao aluno sobre as suas entregas, as suas participações. Sendo os *feedbacks* adequados, específicos, orientando onde obtiveram êxito e o que devem melhorar, indicando-lhes caminhos para efetivas correções e melhorias. A Educação a Distância permite criar laços e vencer barreiras, desde que ocorra uma mediação que promova aproximação, interação entre alunos e professores.

O docente, chamado de tutor, é quem está em contato direto com os alunos, mas conta com o suporte de uma equipe que prepara toda a infraestrutura da sala de aula virtual para que tudo funcione adequadamente. Esta especificidade da educação a distância *on-line*, que demanda uma equipe multidisciplinar e polidocente, não permite, conforme Mill et al. (2010), uma “unidocência”, “porque, via de regra, a quantidade de alunos ou a complexidade do processo de trabalho” (MILL et al., 2010, p. 24), a impossibilita.

Um dos maiores desafios da EAD, e muito cobrado dos docentes, é incentivar e manter o envolvimento do aluno. Há, inclusive, no dia a dia, uma tentativa de responsabilizar este docente pela evasão. Além da mediação, o *design* instrucional/educacional e o conteúdo são relevantes para a mediação. Um bom *design* instrucional/educacional poderá ajudar a reter os conhecimentos, pode influenciar no envolvimento e, conseqüentemente, coloca o aluno em ação.

A prática é uma das formas mais efetivas para reter o conhecimento, e o aluno adulto tende a preferir, especialmente se identificar aplicação em sua vida profissional ou pessoal. Um conteúdo interessante, útil e que os alunos percebam a sua relevância para suas vidas deve ser apresentado de forma a evitar a passividade e coloque o aluno em posição mais ativa, proporcionando o seu envolvimento com todos os recursos disponibilizados no AVA.

Percebe-se a preocupação com a qualificação dos profissionais envolvidos, e ressaltase aqui a peculiaridade da formação desta equipe polidocente. Mill, Ribeiro e Oliveira (2010) apresentam a “polidocência” como um coletivo de trabalhadores, que a despeito de uma formação e funções diversas, são responsáveis pelo processo de ensino-aprendizagem na EAD. Isto é percebido na prática, uma vez que para a oferta de um curso nesta modalidade de ensino faz-se necessária uma equipe de profissionais, a exemplo de: Conteudistas, *Designers*

Educacionais, Revisores, Professores Tutores, Tutores presenciais, Coordenadores de disciplina, Coordenador Pedagógico, etc.

Outro aspecto relevante é ter à disposição um bom *LMS*, pois as suas funcionalidades irão ajudar o docente a criar proximidade e personalizar o acompanhamento. Esta é uma experiência vivenciada do segundo semestre de 2014 até início de 2017, ao trabalhar com o *LMS Brightspace* (D2L). Foi possível fazer uso de vários recursos, um deles, que merece destaque, é o chamado “Agentes Inteligentes”. Este permitia a comunicação personalizada e programada. Conforme o desempenho do aluno, eram enviadas mensagens parabenizando ou alertando para questões importantes, como prazos, tarefas não realizadas, etc. Isso facilitou um clima de empatia e confiança, e os alunos passaram a expor mais suas dificuldades e necessidades.

As atividades que acontecem dentro do AVA podem ser síncronas ou assíncronas. Com relação a esta última, caracteriza a autonomia do aluno em decidir quando e onde estudará, uma vez que o conteúdo e as atividades estarão disponíveis para acesso a qualquer momento. Há exceção para as atividades com prazos de entrega determinados, que ficam disponíveis por um período, previamente definido e informado em calendário que é disponibilizado no início do período, proporcionando ao aluno programar a sua agenda de estudos e entrega de atividades.

Entende-se mediação pedagógica como:

Condições para incentivar e mobilizar as trocas entre alunos, organizar grupos, orientar ações, problematizar posicionamentos e entendimentos sobre o conteúdo em questão, administrar conflitos, realizar negociações, tendo por objetivo aproximar os alunos do conteúdo de forma ativa e coletiva, validando a construção de conhecimento (BEHAR, 2013, p. 169).

Também é possível criar um espaço para que o aluno possa montar seu portfólio ao longo do curso, assim ele poderá acompanhar seu desempenho e resgatar as atividades a qualquer momento. São muitas as possibilidades nesta *escola virtual*, como denomina Kenski (2015). Nas palavras da autora, trata-se de uma escola “fluida, mutante, um ícone de um novo tempo tecnológico do espaço educativo” (KENSKI, 2015, p. 55), e isso tem sido amplamente discutido nos eventos sobre a educação a distância, são diversos os relatos de experiências exitosas que demonstram a versatilidade desta modalidade de ensino.

Há questões inconclusivas quanto a quem é o tutor e quem é o professor. Não é o propósito discutir esta questão, o que interessa é enfatizar a importância da mediação no AVA, para isso é necessário que o tutor/professor tenha algumas competências, dentre elas as comportamentais e técnicas, afinal, ele deve ir além do domínio do conteúdo das disciplinas.

Com esta breve contextualização sobre a educação a distância, incluindo suas gerações e avanços, alguns aspectos legais e mediação, é importante discorrer sobre a educação de adultos, que é o tema do próximo capítulo. Vale lembrar que esta dissertação tem como foco a educação de adultos no ensino superior.

3 Trajetória, resultados e análise: perspectiva de uma educação para adultos

No que se refere à revisão de literatura, por ser um tema de interesse, já vinha realizando leituras e desenvolvendo alguns trabalhos, portanto, disponho de várias fontes bibliográficas, embora ainda houvesse a necessidade de identificar outras para atender a determinados aspectos da pesquisa. Foi possível encontrar algumas, bem como identificar escassez quanto a aspectos específicos, dificuldades que foram vencidas graças às diversas áreas que configuraram a interdisciplinaridade presente nesta pesquisa.

A revisão de literatura e as perspectivas conceituais permitiram tecer relações entre os temas que envolvem este estudo: longevidade e ciclo de vida, educação a distância, educação ao longo da vida, educação para adultos e andragogia em uma perspectiva contemporânea relacionada ao século XXI.

Neste Capítulo apresentamos a trajetória e os resultados da pesquisa. Iniciamos identificando o local e os caminhos percorridos para a sua realização. Apresentamos a nossa motivação, justificativa e relevância para o seu desenvolvimento.

Na sequência apresentamos os instrumentos de geração de dados, os respectivos dados obtidos e suas análises. Foi demonstrado o número de respostas obtidas ao questionário piloto, bem como na pesquisa oficial, sendo 96 respostas no primeiro e 225 no segundo. Importante destacar que os alunos do curso de Teologia, ao menos uma boa parte, responderam aos dois questionários.

O volume de dados superou às expectativas, obtivemos respostas de 225 alunos, dos quais 52 são os sujeitos efetivos da pesquisa, pessoas com idade a partir dos 40 anos. Este volume de dados foi um dos grandes desafios, identificar, analisar, codificar e separar, foram tarefas complexas, uma vez que foi necessário criar planilhas em *Excel* para dividir os dois grupos: G01-52, sujeitos da pesquisa, e G02-173, demais respondentes. Esse critério facilitou a comparação dos dados entre os dois grupos.

3.1 Local da pesquisa

O local da pesquisa me é caro, foi lá onde aprendi muito acerca do que sei sobre Educação a Distância e conheci pessoas que despertaram o interesse pelo tema pesquisado, os meus alunos adultos maduros. Como já mencionado, esta pesquisa foi realizada com alunos regularmente matriculados em cursos de graduação a distância *on-line* da Universidade do

Grande Rio Professor José de Souza Herdy – UNIGRANRIO, com a anuência da direção do Núcleo de Educação a Distância e previamente aprovada pelo Comitê de Ética sob protocolo nº 3.633.952.

A Unigranrio implementou seu primeiro curso de Graduação Tecnológica em Gestão de Recursos Humanos, na modalidade a distância, no segundo semestre de 2014, com investimento em um novo *LMS – Learning Management System* – em português, Ambiente Virtual de Aprendizagem –, especialmente preparado para esta oferta. Em 2017, esse *LMS* foi substituído, sendo esta mais uma ação da Instituição que demonstra sua atenção na melhoria da qualidade da oferta de cursos nesta modalidade de ensino. Atualmente são ofertados vinte e dois cursos em EAD, em 55 Unidades, entre Polos EAD e *Campi*. Ressalta-se que, até o final de 2016, a Unigranrio contava com apenas 10 unidades próprias, o que demonstra o interesse da Instituição em ampliar seus investimentos especificamente nesta modalidade de ensino. Os cursos EAD são ofertados em todas as 55 Unidades, já os presenciais mantêm-se nas 10 unidades próprias, informações atualizadas e disponibilizadas no Portal da Instituição. Portanto, considerando a atualidade desses eventos, entende-se que há necessidade de estudos avaliativos que possam contribuir para o desenvolvimento e o aprimoramento das suas práticas.

Enfim, poder realizar esta pesquisa na mesma Instituição que a originou e motivou foi gratificante.

3.2 Caminhos da pesquisa

Ao longo dos anos, na busca por fontes de pesquisa, foi possível perceber a escassez de publicações de autores da educação sobre o processo de aprendizagem do adulto no ensino superior. Uma parte significativa passa de dez anos e são abrangentes. Se a busca se dá por publicações relacionadas a Educação a Distância *on-line*, a disponibilidade é ainda menor.

Como primeira etapa, foi construído um referencial teórico alinhado com os objetivos da pesquisa. A revisão de literatura trouxe informações importantes e permitiu aprofundar as questões que norteiam os objetivos, permitindo, inclusive, defini-los mais adequadamente, sendo também importante para a elaboração dos capítulos teóricos.

Como etapas de pesquisa tivemos a elaboração e aplicação do questionário piloto; análise dos dados do questionário piloto; finalização da elaboração do questionário final; aplicação do questionário final; tabulação dos dados e análise e discussão dos resultados obtidos com o questionário final.

Para os autores Hill e Hill (2016), uma investigação empírica pauta-se em observações para buscar compreender determinado fenômeno que se estuda, bem como atender a três aspectos básicos: tem como objetivo o enriquecimento do conhecimento na área escolhida; demanda escolhas do tema, das hipóteses a serem testadas e exige o planejamento do método de geração de dados; por fim, é necessário planejamento para a análise dos dados antes de iniciada a parte empírica da investigação.

Também vale destacar algumas características apresentadas por Yin (2015): as principais questões da pesquisa são “como” ou “por quê”; o pesquisador tem pouco ou nenhum controle sobre eventos comportamentais; investiga um fenômeno contemporâneo.

Para atender a primeira característica, as perguntas abertas foram essenciais. No que se refere à segunda, sim, não houve nenhum tipo de controle por parte desta pesquisadora sobre os eventos comportamentais do sujeito da pesquisa. E, por fim, trata-se da investigação de um fenômeno contemporâneo, como já mencionado.

Minayo, Deslandes e Gomes (2010, p. 14) entendem que metodologia de pesquisa é o “caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade”, procedimento adotado para esta pesquisa. Foram pensadas alternativas e decidiu-se pelo caminho que melhor atendia aos seus propósitos. Os autores detalham ainda que “metodologia inclui simultaneamente a teoria da abordagem (o método), os instrumentos de operacionalização do conhecimento (as técnicas) e a criatividade do pesquisador (sua experiência, sua capacidade pessoal e sua sensibilidade)” (MINAYO; DESLANDES; GOMES, 2010, p. 14), sendo de responsabilidade do pesquisador utilizar-se adequadamente das concepções teóricas e desenvolver uma articulação e interpretações éticas e fundamentadas com a realidade.

O método, além de cientificamente recomendado, é também um importante aliado, desde o ponto de partida ao ponto de chegada. As regras, naturalmente, indicam o caminho e ajudam nas escolhas, conferindo ordem e disciplina dos pensamentos aqui apresentados e, também, corroboram para um trabalho ético e responsável.

Vale salientar que, aliado à toda importância de métodos e regras, esta pesquisa envolve pessoas, muito do que aqui se apresenta, especificamente na geração e análise dos dados, origina-se da experiência de vida dos sujeitos respondentes, o que conferirá um perfil próprio quanto aos resultados apresentados.

A abordagem qualitativa justifica-se pela natureza da pesquisa, tendo em vista que esta busca responder questões muito particulares, que revelam significados, motivos e valores do fato investigado. Segundo Minayo, Deslandes e Gomes (2010, p. 24) “O pesquisador que trabalha com estratégias qualitativas atua com matéria-prima das vivências, das experiências,

da cotidianidade e também analisa as estruturas e as instituições, mas entendem-nas como ação humana objetivada”, portanto, ratifica a sua aplicabilidade nesse trabalho. Tudo o que os autores afirmam se confirma no desenvolvimento desta pesquisa. A matéria-prima das vivências externalizadas nas respostas às perguntas abertas são de um valor inestimável, apesar do anonimato. As pessoas expuseram sua vida, seus temores, não precisamos de nomes, de identificação para lhe conferirmos o valor que tem.

Na seleção bibliográfica realizou-se uma análise das fontes encontradas, organização e separação do material, leitura, análise, interpretação e fichamento. Este procedimento, além de amparar e orientar a pesquisa, enriqueceu esta dissertação.

Quanto aos fins, esta etapa configura-se uma pesquisa descritiva, pois, como afirma Vergara (2011), esta expõe características de determinada população ou determinado fenômeno. Esta pesquisa tem como população os alunos de graduação a distância *on-line* e estuda o fenômeno do ingresso de pessoas acima dos 40 anos nesta modalidade de ensino, tendência influenciada também pela longevidade. Esses aspectos estão evidentes nos resultados analisados e apresentados.

Faz-se importante esclarecer que não foi possível identificar o número total de alunos que tiveram acesso ao questionário. A geração de dados ocorreu por meio de questionário semiestruturado disponibilizado *on-line*, com total sigilo quanto à identificação dos respondentes.

Para realizar a análise de dados, transferimos as respostas para uma planilha em *Excel*. Obtivemos 225 respostas ao questionário. Neste grupo estão inclusos alunos de todas as faixas etárias que estão regularmente matriculados em uma graduação *on-line* na Instituição, contudo, apenas 52 respondentes estão na faixa de idade que corresponde ao recorte da pesquisa, sendo, portanto, estes os sujeitos pesquisados. Foram geradas duas planilhas em *Excel*, uma com todas as 225 respostas e outra com as 52 respostas – esse procedimento objetivou facilitar a análise dos dados. Foram criados dois grupos: G01-52, correspondente aos sujeitos pesquisados, e G02-173, composto pelos demais respondentes.

Outro aspecto importante, e que facilitou apresentar a análise dos dados, foi criar uma identificação para todos os respondentes, assim convencionamos: A01-i50-59M, que significa A – aluno; 01 primeiro respondente; i50-59, indica idade na faixa dos 50-59; e M gênero masculino. A02-i40-49F, portanto, aluno 02, idade 40-49 e gênero feminino.

Durante todo o período de desenvolvimento da fundamentação teórica buscou-se identificar pesquisas ou publicações que tratassem sobre o adulto maduro no ensino superior, não fazendo distinção entre as modalidades presencial ou a distância por compreender que

ambas podem trazer contribuições importantes para o desenvolvimento e posterior delimitação específica quanto à modalidade a distância.

Rita Barros (2013) nos oferece um olhar sobre a educação de adultos pensada na realidade de Portugal, e não se furta a fazer uma análise global e dos marcos históricos da educação de adultos. Busca-se amparo nos seus estudos, pois representam importantes reflexões que nos permitem ampliar nossa percepção acerca da educação de adultos, contudo, não há relação direta com a educação a distância.

Para Barros (2013, p. 17), “A abordagem à temática Educação de Adultos remete necessariamente para uma questão de largo espectro, que a enquadra e que, simultaneamente, norteia os discursos e as práticas educativas da atualidade”. A autora segue fazendo considerações acerca da educação ao longo da vida, dentre outras questões relevantes que contribuirão para esta pesquisa.

Masetto (2015) tem o olhar voltado para a formação do professor universitário. Ele destaca três considerações que são tratadas ao longo da obra: refletir sobre a estrutura organizacional do ensino superior no Brasil; o impacto das tecnologias de informação e comunicação sobre a produção e socialização do conhecimento e sobre a formação de profissionais; carreiras profissionais (docentes). Aborda o apelo da Unesco, na Declaração Mundial sobre Educação Superior no Século XXI, afirmando ser um importante e atual debate “sobre a competência pedagógica e a docência universitária” (MASETTO, 2015, p. 20). Sem dúvida questões relevantes para uma educação de qualidade e que atenda aos anseios de uma efetiva aprendizagem.

3.3 Instrumento de geração de dados

Para a realização desta pesquisa e geração de dados, inicialmente foi elaborado um questionário piloto, semiestruturado, na ferramenta *Google Formulários*. Este questionário piloto foi disponibilizado para os alunos regularmente matriculados exclusivamente no curso de Teologia, de todos os períodos. A sua elaboração e aplicação foi essencial para a finalização do questionário oficial. Foi possível perceber que algumas perguntas precisavam ser mais bem elaboradas e outras incluídas para que fosse possível gerar as informações adequadas aos objetivos de pesquisa, com destaque para as perguntas abertas, pois estas permitem que o respondente possa se expressar, gerando, portanto, mais informações para compor as análises e os resultados da pesquisa.

Para desenvolver o questionário oficial fizemos uma cópia do questionário piloto, renomeamos e realizamos os ajustes necessários. Foram feitos testes com colegas de trabalho docentes da EAD no Ensino Superior, podendo oferecer *feedbacks* mais adequados, sendo a última revisão e ajustes realizados com o apoio do orientador.

3.3.1 Questionário Piloto

A elaboração do questionário piloto foi pensada e iniciada já no primeiro período do mestrado, que, desde então, foi revisado e testado antes da sua efetiva utilização. Ao longo destes meses, estas revisões e testes foram realizados pela própria pesquisadora, além de amigos, familiares e docentes, colegas de trabalho, também contou com a importante contribuição do professor orientador. Com estes testes foi possível identificar uma sequência lógica das questões, outras foram incluídas; também foram feitos alguns ajustes quanto a formulação das questões, obrigatoriedade de responder as fechadas, ficando as abertas como não obrigatórias, deixando a critério do respondente.

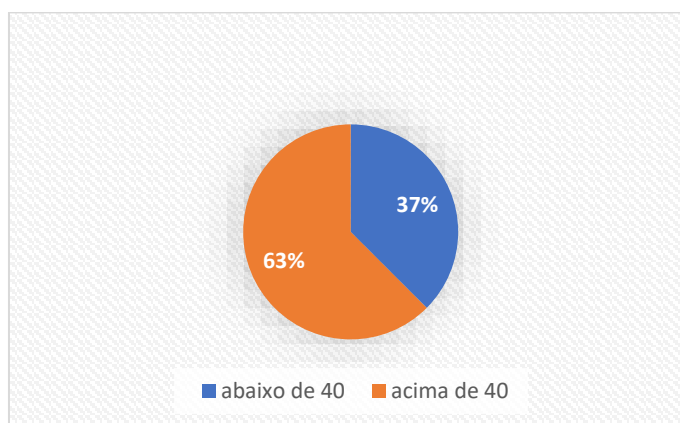
O questionário piloto foi estruturado como estratégia para que a aplicação do questionário oficial fosse a mais eficaz possível. Para atender a este objetivo, foram mantidas algumas perguntas abertas, conferindo ao respondente a oportunidade de respostas mais amplas e possíveis detalhes que poderiam vir a colaborar na composição do questionário oficial, o que de fato ocorreu. As respostas apresentadas ofereceram *insights* para novas perguntas.

Composto de 18 perguntas fechadas e 08 perguntas abertas, totalizando 26 perguntas, o referido questionário foi disponibilizado na Comunidade Virtual do curso de Teologia por dez dias, para todos os alunos desta graduação, independentemente do seu período letivo. Vale destacar que o número de respondentes foi expressivo. Foram obtidas 96 respostas e, portanto, os dados gerados foram relevantes para o andamento desta pesquisa, contribuindo significativamente para o desenvolvimento do questionário oficial. Gerando, também, expectativas quanto ao número de alunos que responderiam à pesquisa final.

O fator idade é essencial para esta pesquisa, portanto, essa informação, obtida no teste piloto, trouxe expectativas com relação ao resultado final, após aplicação do questionário oficial, pois revelou um número expressivo de alunos na idade observada na pesquisa. O teste piloto nos trouxe outras informações relevantes, contudo, vamos detalhar e analisar, prioritariamente, o resultado do questionário oficial de pesquisa.

A variável idade, pergunta aberta, obteve o seguinte resultado: 63% dos respondentes estão na faixa etária do recorte aqui proposto – a partir dos 40 anos. A idade máxima registrada é 73 anos. Do total de 96 respondentes, 37% estão na faixa de 18 a 39 anos. O gráfico 01, a seguir, apresenta os dados:

Gráfico 01 – Faixa etária dos respondentes



Fonte: Dados do teste piloto

A realização do teste piloto é fundamental para o pesquisador pensar e desenvolver seu instrumento de pesquisa de forma adequada e eficiente aos seus propósitos. Também contribui para identificar se a pesquisa está seguindo de forma adequada ao seu propósito, confere mais segurança e motivação por perceber que fez as escolhas certas. Isso foi o que ocorreu conosco, portanto, recomendamos que esta seja, sempre que possível, uma prática para futuros pesquisadores.

3.3.2 Questionário Oficial

Com o resultado obtido por meio do questionário piloto e outros testes que foram realizados, foi possível elaborar o questionário oficial com mais adequação ao propósito da pesquisa – identificou-se questões que deveriam ser incluídas, outras ajustadas. Com isso, foram incluídas 09 perguntas. Portanto, o questionário oficial foi composto de 25 perguntas fechadas e 10 perguntas abertas, totalizando 35 perguntas.

O questionário foi disponibilizado para os alunos com matrículas ativas nos cursos de graduação oferecidos, exclusivamente, 100% EAD na Unigranrio. Este acesso foi possível por

meio da Anuência desta Instituição, representada pela sua Direção do Núcleo de Educação a Distância.

Desconhecemos o número de alunos que efetivamente tiveram acesso ao questionário, fazendo uma estimativa com base no número de cursos ofertados, havíamos previsto que seriam respondidos no mínimo 100 questionários, no entanto, obtivemos 225 respostas, ou seja, 125% a mais do número estimado de respostas. Resultado excelente.

O referido questionário foi disponibilizado aos respondentes, no Ambiente Virtual de Aprendizagem, no dia 15 de dezembro de 2019, após aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa, que ocorreu no dia 10 de outubro do mesmo ano. Importante também informar que, antes de iniciar, o respondente deve aceitar participar da pesquisa, sem marcar a opção “sim” não é possível avançar, é uma resposta obrigatória.

A questão 3 merece atenção especial, pois refere-se à idade do respondente. Ela permitiu fazer o recorte para a análise adequada dos dados de acordo ao perfil proposto. Permitiu identificar, por exemplo, qual o percentual de alunos com idade acima dos quarenta anos dentro do total de respostas recebidas.

Há uma observação importante para pensar a elaboração desta questão para pesquisas futuras. Foram colocados intervalos de idades como opção de resposta, mas o ideal seria ter a idade específica do respondente. Infelizmente desconhecíamos esta funcionalidade do questionário no *Google Drive*, pois seria muito interessante saber a idade exata de cada respondente, isso poderia resultar em algumas percepções interessantes sobre o seu perfil, afinal, quanto mais detalhes sobre o sujeito da pesquisa, mais oportunidade há de os entender.

O questionário foi dividido em dois grandes blocos de perguntas, sendo a primeira parte corresponde ao Questionário de Perfil, cujas perguntas objetivam identificar o perfil dos respondentes; e a segunda parte o Questionário Temático, que objetiva gerar os dados que atenderam aos objetivos da pesquisa.

Parte das perguntas fechadas referem-se diretamente à experiência quanto às novas tecnologias, ao uso da *internet*, rede sociais e as possíveis facilidades ou dificuldades encontradas no uso dos recursos utilizados para estudar a distância, a exemplo do AVA. Importante destacar que constam três perguntas abertas que também objetivam verificar a desenvoltura com as novas tecnologias e o desempenho no AVA, são elas: 10) Comente como foi o seu percurso e experiência da sua inclusão digital; 23) Comente possíveis dificuldades tecnológicas e educacionais no início da atual graduação; e 25) Comente sobre a sua experiência com o Ambiente Virtual de Aprendizagem, do curso atual.

As questões abertas são essenciais para possibilitar a identificação dos desafios que estes alunos enfrentam, pois, por meio delas, obteve-se declarações que evidenciaram importantes aspectos, motivações e desafios vivenciados, o que é mais restritivo nas questões fechadas. Acreditamos que nas questões abertas, e protegidas pelo anonimato, as pessoas iriam sentir-se mais à vontade para relatar assuntos mais pessoais, e de fato isso ocorreu. Algumas respostas deixam isso evidente, a aluna A114-i50-59F deixou importantes depoimentos. Em resposta à pergunta “35 - Comente como se deu esta mudança e aponte possíveis dificuldades que tenha vencido”, informou: “Fui diagnosticada com depressão, resolvi mudar o que estava errado, a opção aos estudos só não ocorreu anteriormente por falta de verba”. Em seguida, para a pergunta 36 “Se desejar deixe aqui um depoimento sobre a sua experiência na graduação a distância”, a mesma afirmou: “Muito pouco tempo ainda, mas estou me divertindo muito comigo mesma, um dos desafios que me propus foi colocar meu cérebro em funcionamento contínuo, isso estou conseguindo!”.

São relatos como estes, e outros, que nos fizeram confirmar que fizemos a escolha certa ao desenvolver este trabalho. Infelizmente, só durante a análise dos dados percebemos que poderíamos solicitar um meio de comunicação com os respondentes, para uma entrevista com aqueles que desejassem participar, e assim aprofundarmos a pesquisa. Seria muito valioso um contato mais próximo com alguns respondentes.

As perguntas abertas são uma boa oportunidade para os respondentes se expressarem, e, também, por meio das respostas, de obtermos informações que atendam ao objetivo desta pesquisa. As questões objetivas também são relevantes, no entanto, elas não oferecem a oportunidade de o respondente expor suas ideias, suas experiências, suas vivências, são dados que ajudarão especificamente na identificação do perfil dos alunos adultos respondentes.

Também foi investigado como tem ocorrido a experiência destes sujeitos no decorrer da graduação, sua relação com a tecnologia, com os docentes e com seus colegas de turma, pois aí pode estar inserida parte dos desafios que vivenciam durante a graduação.

O Censo EAD apresenta dados quanto ao gênero, à raça, à escola de origem, à classe social e à idade. No Censo 2018 tem-se: a predominância do gênero feminino; a faixa etária mais recorrente é entre 26 e 30 anos – 47,7% e 30% estão na faixa etária entre 31 e 40 anos. E o menor índice para os com idade a partir dos 41 anos – 2% (CENSO EAD, 2018, p. 108). Não consta do referido Censo questões quanto ao domínio das tecnologias utilizadas nesta modalidade de ensino, bem como outras informações que esta pesquisa buscou identificar.

3.4 Análise geral dos dados

Conforme já apontado, surpreendentemente, 225 alunos responderam ao questionário final de pesquisa, destes 52 compõem o público sujeito desta análise. Em função do volume de dados gerados, tivemos que utilizar planilhas em *Excel* para organização das informações, além de contar com um material robusto para analisar e que trouxe diversos aspectos que decidimos incluir, exigindo mais dedicação de tempo e escrita.

Esse volume de dados é relevante e produziu importantes informações e uma significativa oportunidade de análise e discussão. Foi possível, inclusive, analisar o grupo de respondentes com menos de 40 anos de idade e, assim, identificar importantes relações de proximidade e diferenças entre os dois grupos.

O sistema de Formulário *Google Drive* gera os gráficos com o total dos respondentes, portanto os 225. Contudo, precisamos trabalhar separadamente os dados dos 52 respondentes, objeto da pesquisa, e isso nos colocou diante da necessidade de utilizar o *Excel* também para gerar os referidos gráficos. E, como já informado, codificamos os grupos: G01-52 e G02-173.

De posse dos resultados dos questionários, iniciou-se a análise do material gerado e, finda esta etapa, deu-se início à integração dos resultados encontrados nas respostas com o objetivo de extrair inferências necessárias e importantes para o atingimento do objeto central em resposta à questão do estudo, sempre tecendo ligação com os referenciais teóricos.

Ao pensar no público com idade a partir dos 40 anos fica mais difícil encontrar pesquisas que evidenciem o perfil destes alunos, especialmente para relacionar aos pontos abordados nas questões que compõem esta pesquisa.

3.4.1 O perfil do aluno EAD: o que dizem os autores e o que revelou nossa pesquisa

Em grande parte das publicações no contexto da Educação a Distância, identificar o perfil do seu aluno é recorrente. Também buscamos fazê-lo. Trouxemos a contribuição de alguns autores para traçar um paralelo com o perfil que encontramos com base nos 225 questionários respondidos. Foi importante considerar todos os sujeitos respondentes para dar mais fidedignidade à pesquisa. Se fizéssemos o recorte apenas com os 52 sujeitos de pesquisa, o resultado, por certo, seria parcial, pois estaria pautado em um grupo com similaridades em suas características.

Muitos autores descrevem os alunos EAD como adultos, é o que veremos no desenvolvimento deste tópico. Moore e Kearsley (2007), sob a alegação de que os alunos da EAD são adultos, dedicam um capítulo do seu livro para falar sobre o aprendizado deste sujeito, e o iniciam trazendo as contribuições da andragogia. Eles afirmam que “uma compreensão da natureza do aprendizado dos adultos constitui um fundamento valioso para compreender o aluno a distância” (MOORE; KEARSLEY, 2007, p. 173), posição que concordamos incondicionalmente, sendo este um dos motivos que nos interessa aprofundar sobre este tema.

Com base nas respostas obtidas, considerando os 225 respondentes, destes 74,7% estão na faixa etária de 20 a 39 anos, ou seja, 168 das 225 respostas obtidas. Para a faixa etária a partir dos 40 anos, foram 52 respostas, que correspondem a 23,2% dos respondentes; os demais estão na faixa etária até os 19 anos. Neste grupo 149 são mulheres, representando 66,22%, e 17 são homens, 101 são casados e/ou união estável e 124 declararam estado civil solteiro(a) ou divorciado(a).

Ao desenhar o perfil dos sujeitos do G01-52, podemos dizer que é eminentemente feminino (35/52) e casados(as) (29/52). Quanto à escolaridade dos 52 respondentes, 21 já possuem uma graduação, portanto, estão buscando uma nova formação em outra área. Iniciaram sua inclusão digital há mais de dez anos (37/52) por motivo de trabalho (25/52) ou acadêmico (18/52), utilizam as redes sociais (51/52) e estão na *internet* todos os dias (46/52). Fazem uso prioritariamente do *WhatsApp* (35/52), e todos (52/52) têm preferência em estudar sozinho(a). Têm preferência em atualizar-se por meio da *internet* (45/52). Grande parte tem uma ocupação profissional formal (30/52).

Esta pesquisa não buscou dados sobre raça, escola de origem e classe social. E, sim, buscou compreender a fluência tecnológica e outras questões inerentes à individualidade de cada respondente.

Para melhor traçar uma comparação entre os perfis dos alunos da educação a distância *on-line*, teve-se que ir além do Censo ABED, foi necessário buscar outras fontes, e nesta busca foi possível encontrar alguns artigos. A seguir mostraremos os dados apresentados na pesquisa realizada por Silva e Gonçalves (2019), que obteve 58 respostas dos 610 alunos do curso de pedagogia, na modalidade a distância, da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). A maior parte dos alunos está concentrada na faixa etária entre 33 e 45 anos, que representa 50% dos respondentes. Acima dos 46 anos, apenas 4 alunos. Com relação ao conhecimento prévio das novas tecnologias, obteve-se: 84% possui conhecimentos prévios e 16% responderam que não.

As autoras também trabalharam questões de raça, formação dos pais e outras questões que não fazem parte do escopo desta pesquisa. Porém, as informações obtidas confirmaram a tendência quanto à idade, bem como quanto aos conhecimentos prévios das tecnologias.

Outra contribuição importante sobre o perfil do aluno que busca a EAD, que ele denomina como “não tradicional”, vem de Guimarães (2012). O autor apresenta uma série de características, que listamos a seguir:

Matriculam-se tardiamente na educação superior, não no mesmo ano em que se formam no ensino médio; Não conseguem se dedicar à universidade em tempo integral, concentrando seus estudos no período noturno; São trabalhadores de tempo parcial ou integral; Têm independência financeira ou participação expressiva na renda familiar; Contam com dependentes, tais como esposos, filhos e outros parentes; Há uma elevada ocorrência de mães solteiras, com uma ou mais crianças dependentes; Os conhecimentos desenvolvidos na educação básica são inferiores aos do estudante universitário tradicional, havendo, inclusive, casos de analfabetos funcionais; São mais velhos, jovens adultos ou adultos; Buscam objetivos claros, tais como melhores salários ou mudar de profissão (GUMARÃES, 2011, p. 127).

Fazendo-se uma análise de cada característica apontada pelo autor, encontramos grande parte nos 225 respondentes desta pesquisa. Em nosso questionário não abordamos as questões financeira, dependentes, nível de conhecimento e se são analfabetos funcionais. Quanto às demais características, é possível identificá-las nas respostas, principalmente quanto aos 52 sujeitos pesquisados.

Comparando o resultado obtido pelas autoras Silva e Gonçalves (2019) e a apuração dos dados, considerando as 225 respostas que obtivemos, as diferentes questões quanto às tecnologias, foi possível identificar, com base nas respostas, que os respondentes têm relativa fluência digital. Ao considerar a faixa etária de interesse, não houve alteração significativa, prevalece a facilidade com as tecnologias. As dificuldades relatadas são específicas quanto ao funcionamento do Ambiente Virtual de Aprendizagem, o que nos remete a um novo entendimento do ser nativo ou imigrante digital, pois foram encontradas evidências de que a idade não é essencialmente determinante para esta categorização, outros aspectos devem ser considerados, a exemplo de acesso e interesse pelas tecnologias digitais e o que podemos chamar de dom, ou seja, a habilidade que cada indivíduo tem para o desempenho de determinadas atividades de forma mais natural.

Outra pesquisa que também analisou o perfil de alunos da educação a distância *on-line* foi realizada por Cristello (2018), exclusivamente com egressos do curso de Administração de uma Instituição privada, no estado do Rio Grande do Sul. A análise resulta de 35 alunos pesquisados. Confirma-se maior número do sexo feminino, 61%; quanto às idades, obteve-se

44% de 31 a 40 anos e 39% de 26 a 30 anos. Com relação às idades de interesse de nossa pesquisa, o autor identificou que 11% dos pesquisados estão na faixa dos 41 aos 50 anos e nenhum acima desta. Em nossa pesquisa obtivemos 14,7% com idade entre 40 e 49 anos, uma diferença que a princípio pode parecer pequena, porém, entendemos que não, em função do número de respondentes. Nosso universo de resposta é muito superior. Em números exatos na pesquisa de Cristello (2018), apenas 3 alunos estão na faixa etária de 41 a 50 anos; em nossa pesquisa são 33 alunos. Diferença relevante.

O autor também buscou saber a ocupação atual, mais de 50% trabalham em empresa privada. Quanto ao meio de comunicação mais utilizado, 78% indicaram a *internet*. Com relação à questão do motivo que levou a escolher um curso a distância *on-line*, 75% o fizeram em função da flexibilidade do horário; apenas 14% devido ao preço; e 6% por acreditarem que assim se aprende mais. Em nossa análise, as respostas também revelaram o significativo uso da *internet*. Tendência natural atualmente, independentemente da idade.

Concluimos que o perfil do aluno da nossa pesquisa não difere muito de outras, o que efetivamente se altera são as questões que cada estudo aborda. A nossa pesquisa apresenta um olhar sobre a idade destes alunos e as especificidades desta etapa de vida. Pudemos constatar que os adultos mais velhos, aqui denominados adultos maduros, estão cada vez mais presentes nos Ambientes Virtuais de Aprendizagem, tendência esta que tem despertado o interesse, inclusive da ABED, que já se propôs a desenvolver ações pensando neste público, tema discutido na apresentação do Censo 2018/2019 durante o 25º CIAED, ocorrido em outubro de 2019, em que estávamos presente.

3.4.2 Motivação para a escolha da graduação a distância *on-line*

Este é um dos tópicos mais relevantes para esta pesquisa, pois entendemos que pensar os desafios está atrelado à compreensão da motivação, uma vez que sem um propósito, uma razão de ser, uma motivação, por que estas pessoas iriam se impor determinados desafios?

Iniciamos a análise buscando compreender as respostas que nos permitem entender os desafios vivenciados durante a graduação a distância *on-line*, no entanto, saber o que levou à esta escolha, nos levou a analisar as respostas apresentadas à pergunta 21.

Em resposta à pergunta fechada, com opção “outro”, que gerou respostas que refletem as alternativas apresentadas, “21 - O que levou a escolher o atual curso de graduação, na modalidade a distância *on-line*?”, fez-se duas análises, uma considerando as 225 respostas e

outra considerando a faixa etária em estudo. Optou-se por este critério para verificar se havia diferenças dos motivos em função da faixa etária, ou seja, se os mais jovens tinham opiniões e percepções diferentes dos sujeitos da pesquisa, os mais velhos.

No grupo composto exclusivamente pelos respondentes com idade abaixo dos 39 anos, o baixo investimento, a flexibilidade de horário e a impossibilidade de estar em sala de aula presencialmente, em função de outros compromissos, são os motivos mais apontados para a escolha desta modalidade de ensino. Em matéria veiculada no site da ABMES – Associação Brasileira de Mantenedores de Ensino Superior, publicada em 09 de abril de 2019, são apresentados dados de uma pesquisa sobre números de alunos no ensino presencial em comparação ao ensino a distância. A pesquisa foi realizada com a participação de 1.012 pessoas, homens e mulheres, com idade entre 18 e 50 anos. A pesquisa ABMES apontou como pontos que favorecem a escolha pela EAD o preço mais acessível, horário flexível e o fator tempo, ou seja, a sua otimização.

Gráfico 02 – Motivos para a escolha de uma graduação a distância *on-line*



Fonte: dados da pesquisa

Chamaram a atenção algumas respostas de alunos na faixa etária de 30 a 39 anos, imediatamente abaixo à idade de recorte da pesquisa, que são apresentadas a seguir:

“Tenho um filho de 9 anos, assim não fico muito tempo longe dele, só mesmo durante o horário de trabalho” (aluna A30-i30-39F de Ciências Contábeis, 30 a 39 anos, divorciada, que diz ter escolhido esta modalidade de ensino por ter um filho de 9 anos).

“Meu trabalho exige que eu esteja em diferentes estados sendo assim consigo dar sequência na graduação independentemente do estado que eu esteja necessitando

estar presente somente no período de provas” (Resposta do aluno A81-i30-39M do curso de Engenharia da Produção, 30 a 39 anos).

“Escolhi essa modalidade por causa do meu filho e do trabalho como trabalho 6 horas consigo conciliar” (Resposta da aluna A125-i30-39F do curso de História, 30 a 39 anos).

As respostas acima trazem características apresentadas por Guimarães (2011), listadas no tópico 3.4.1 – Perfil do Aluno EAD, assim vai se confirmando uma tendência ao definir o perfil deste aluno.

Como resultado das respostas dos sujeitos da pesquisa, é possível confirmar que os motivos predominantes são os mesmos do primeiro grupo: baixo investimento (10/52) e a flexibilidade de horário (10/52), seguido de comodidade de estudar em casa, onde o primeiro grupo escolheu impossibilidade de estar em sala de aula, um motivo relativamente próximo, pois ambos resultam em estudar onde melhor lhe convier, estando desobrigado a estar em sala de aula.

Diante dessas respostas foi possível perceber que há uma tendência em buscar a Educação a Distância *On-line* para melhor administrar os compromissos cotidianos, otimizar o tempo de dedicação às atividades, especialmente às que impõem mais presencialidade, como o trabalho e o cuidado com a família. Está aí outro fenômeno social que merece um olhar atento.

O resultado reflete informações encontradas em diversas publicações especializadas acerca do assunto, inclusive do Censo ABED. Flexibilidade de horário e baixo investimento são os dois motivos mais recorrentes. Como esta questão contém a opção “outros”, alguns respondentes preferiram incluir uma resposta a marcar uma das alternativas indicadas; as afirmativas refletem a mesma inquietação – voltar à sala de aula depois de anos. Esta situação é uma realidade, também, para alunos fora da idade de recorte. Foi o que nos revelou a aluna A144-i20-29F ao declarar: “Tenho muitos anos sem estudar e não tenho segurança para estar em sala de aula presencial”. Ela não escolheu nenhuma das opções apresentadas, e sim, preferiu escrever o seu motivo, aproveitando a opção “outro”.

É possível identificar por meio destas respostas que estas pessoas estão buscando alternativas para se incluir em um processo que, a princípio, se percebem despreparados, inadequados, portanto, reflete insegurança que deve ser identificada e trabalhada pela IES e pelos docentes, afinal, “a inconclusão que se reconhece a si mesma implica necessariamente a inserção do sujeito inacabado num permanente processo social de busca” (FREIRE, 1996-2015, p. 54). Portanto, sendo este o papel da educação, acolher e atender às necessidades de aprendizagem do seu aluno, atenta às suas especificidades, observando as suas inseguranças e

promovendo o entendimento de pertencimento à comunidade educacional como alguém que tem direitos e capacidades para estar ali. Lembrando Paulo Freire e os significativos títulos de alguns de seus livros, sabemos que a educação é um veículo de mudança, é prática da liberdade e gera autonomia.

Estas respostas oferecem indícios quanto aos desafios que esta geração enfrenta e que, portanto, conforme evidenciado, buscam minimizá-los. Voltaremos a esta situação nas considerações finais.

3.4.3 Dificuldades tecnológicas e educacionais

Foram elaboradas sete questões – três fechadas (19 - *Já havia feito algum outro curso na modalidade a distância?*, 22 - *Como você avalia o seu domínio no uso das tecnologias e recursos digitais?*, e 24 - *Na graduação atual você encontrou alguma dificuldade para utilizar o AVA - Ambiente Virtual de Aprendizagem?*) e quatro abertas (23 - *Comente possíveis dificuldades tecnológicas e educacionais no início da atual graduação*, 25 - *Comente sobre a sua experiência com o AVA - Ambiente Virtual de Aprendizagem, do curso atual*, 35 - *Comente como se deu esta mudança e aponte possíveis dificuldades que tenha vencido*, e 36 - *Se desejar, deixe aqui um depoimento sobre a sua experiência na graduação a distância*), com o propósito de identificar a proficiência no uso das tecnologias e as dificuldades vivenciadas por estes alunos no decurso da atual graduação.

Com as perguntas abertas concedeu-se a oportunidade do aluno se expressar, e com isso obter informações que nos permitiram entender quais são as principais dificuldades vivenciadas por estes alunos na graduação *on-line* em curso.

As perguntas são: 19 - *Já havia feito algum outro curso na modalidade a distância?*, 23 - *Comente possíveis dificuldades tecnológicas e educacionais no início da atual graduação*, 24 - *Na graduação atual você encontrou alguma dificuldade para utilizar o AVA - Ambiente Virtual de Aprendizagem?*, 25 - *Comente sobre a sua experiência com o AVA - Ambiente Virtual de Aprendizagem, do curso atual*, 35 - *Comente como se deu esta mudança e aponte possíveis dificuldades que tenha vencido*, e 36 - *Se desejar, deixe aqui um depoimento sobre a sua experiência na graduação a distância*.

As perguntas 19 e 24 têm como alternativas de resposta “sim” e “não”. Já a pergunta 22, escala de medida, há opções de 01 a 05, onde 01 corresponde a menor nível e 05 a maior nível de domínio no uso das novas tecnologias e recursos digitais.

Diante da opção marcada nas perguntas fechadas, analisou-se as declarações feitas nas perguntas abertas para, assim, perceber e entender a coerência entre estas e, por conseguinte, analisar as dificuldades vivenciadas quanto às questões tecnológicas e educacionais.

As informações sobre estas dificuldades foram obtidas, também, em questões que não tinham este propósito. Foi observado que, para uma mesma pergunta aberta, muitas respostas atendiam ao solicitado, outras pareciam que os respondentes não as interpretaram corretamente. Podemos inferir que as perguntas foram mal elaboradas? Talvez, no entanto, como obteve-se para uma mesma pergunta respostas coerentes e outras não, acreditamos que em grande parte as respostas desconexas são resultantes de equívocos na interpretação.

Utilizamos a pergunta 23 como ponto de partida para esta análise, uma vez que esta é uma pergunta direta, onde se solicitou comentar, exatamente, sobre as dificuldades tecnológicas e educacionais vivenciadas por estes alunos. Na sequência analisaremos as respostas apresentadas à pergunta 25, que trata das dificuldades ou facilidades com o Ambiente Virtual de Aprendizagem.

Embora a questão “23 - *Comente possíveis dificuldades tecnológicas e educacionais no início da atual graduação*” tenha solicitado informar as dificuldades tecnológicas e educacionais vivenciadas, grande parte respondeu sobre a experiência com o Ambiente Virtual de Aprendizagem, que a princípio revela uma dificuldade tecnológica.

Existem variados *LMS* que oferecem diferentes experiências ao seu usuário, que, por sua vez, também dependem das escolhas de funcionalidades e recursos feitos pelas IES, especialmente os *LMS* pagos, que cobram em separado por determinados recursos, gerando, portanto, variadas experiências e percepções. No tópico 3.6.1, Acesso e utilização dos recursos do AVA, retomaremos estas questões.

Na sequência analisaremos as respostas dos alunos do grupo G01-52, que declararam não ter experiência em estudar a distância, que são 31/52, portanto, 60% do total de respondentes sujeitos da pesquisa. Lembramos que na pergunta “22 - *Como você avalia o seu domínio no uso das tecnologias e recursos digitais?*” há uma escala de 01 a 05, onde 01 significa menor domínio e 5 maior domínio.

Neste grupo, quanto ao domínio no uso das tecnologias e recursos digitais, 9 atribuíram 3, 8 atribuíram 4 e 13 indicaram 5, apenas um atribuiu 2 e nenhum para 1. Portanto, infere-se que este grupo acredita ter um bom domínio quanto ao uso das tecnologias e recursos digitais. A seguir faremos uma análise das respostas de alguns alunos, como mencionamos acima, partindo do que relataram na questão 23.

A aluna A69-i40-49F declarou não ter estudado na modalidade EAD, atribuiu 3 ao seu domínio no uso das tecnologias e recursos digitais, muito coerente à sua resposta à pergunta 23, onde relatou que sua maior dificuldade é em “usar programas de computador”. No entanto, informou não ter tido dificuldade com o AVA, o que parece contraditório. Finalmente escreveu “encontro muita dificuldade, tenho que ficar me virando no *Youtube* para entender as matérias, acho que os professores tinham que ser mais presentes em videoaula”. Diante destas respostas, concluímos que teria sido interessante uma entrevista para melhor identificar, detalhadamente, quais são as dificuldades desta aluna.

Podemos inferir, no entanto, que ela está tendo dificuldades em compreender o conteúdo estudado, uma vez que afirma buscar esclarecimentos em uma plataforma conhecida pelo seu volume de vídeos informativos, aulas, etc., que não vamos julgar aqui a qualidade e confiabilidade do conteúdo lá disponibilizado, pois isso varia enormemente. Entretanto, nos cabe pensar sobre a prática docente, posto que a aluna aponta dificuldade relacionada à ausência dos professores em videoaulas. Ao que parece, a aluna deseja que estas sejam feitas, que o professor esteja mais presente por meio deste recurso. Não ficou evidente se para ela são poucas as videoaulas ou se estas não acontecem.

Inicialmente seria pertinente uma análise sobre as diferentes formas de aprender, especificamente sobre a abordagem da aula, no modo como o conteúdo é trabalhado, uma vez que não é o recurso que incomoda a aluna. O que nos leva a considerar outros aspectos: as condições de trabalho docente; a proficiência deste profissional em utilizar o recurso tecnológico para ministrar sua aula; a duração da aula, uma vez que o tempo de gravação de uma videoaula costuma ser menor que uma aula expositiva, presencial; em sendo uma aula previamente gravada, o que impossibilita a interação do aluno com o professor, inclusive para possível esclarecimentos de dúvidas.

Surgem muitas questões, vale ressaltar, no entanto, que “é preciso respeitar as especificidades do ensino e da própria tecnologia para poder garantir que o seu uso, realmente, faça diferença” (KENSKI, 2016, p. 46). Significa dizer que a tecnologia por si só não atende às necessidades educacionais, e, sim, é um importante auxílio que facilita e dá suporte, ressaltando-se que cada uma deve ser escolhida e utilizada conforme os objetivos de ensino e de aprendizagem. “Em síntese, o professor precisa ter consciência de que sua ação profissional competente não será substituída pelas tecnologias. Elas, ao contrário, ampliam o seu campo de atuação” (KENSKI, 2016, p. 104), complementamos o entendimento da autora ressaltando que as Instituição e os docentes devem discutir juntos qual ou quais tecnologias são mais adequadas

para cada objetivo de aprendizagem, bem como considerar as habilidades docentes para a utilização dos recursos escolhidos.

Importante considerar os três estágios da competência tecnológica apresentados por Vilaça (2011): conhecer (e/ou reconhecer) a tecnologia; compreender funções, possibilidades, vantagens e desvantagens de uso de uma tecnologia; e dominar o uso, saber como e quando empregá-la.

Considerando o que afirma o autor, é relevante que o profissional da educação, ao planejar sua prática docente com o uso das tecnologias, busque primeiro conhecer a tecnologia que pretende usar, que tome conhecimento da sua existência, que compreenda a sua aplicabilidade, ou seja, para quais fins educacionais é mais adequada, analise e considere suas vantagens e desvantagens e qual a sua possibilidade de aplicação e, por fim, que qualifique-se para que tenha proficiência em seu uso, ou seja, para saber como usá-la e quando empregá-la, nesse sentido é importante testar e simular sua utilização.

Toda esta questão tecnológica e preparo docente para atuar na Educação a Distância traz uma questão muito importante e essencial, que é a formação docente para atuar nesta modalidade de ensino, afinal

Se pesquisadores discutem a necessidade de formação de professores para o ensino online, na realidade diária muitas vezes ela não tem a atenção merecida. Infelizmente não são raros casos nos quais professores são inseridos em práticas de ensino online sem a devida preparação para isso. O uso da internet no seu dia-a-dia não significa que o professor esteja preparado para o ensino online. É preciso que o professor seja capaz de usar as tecnologias disponíveis para fins didáticos (VILAÇA, 2011, p. 5).

A competência tecnológica aliada à competência didática é um aspecto relevante, especialmente quando discutida no contexto da Educação a Distância *On-line*, onde os recursos tecnológicos são amplamente utilizados, desde a sua implementação até a efetiva prática de ensino, sem os quais esta modalidade de ensino não aconteceria. E a competência didática dá sentido à sua aplicação, ao como será utilizada e para quais objetivos de aprendizagem.

A aluna A104-i40-49-F também declarou não ter estudado na modalidade EAD, atribuiu 4 ao seu domínio no uso das tecnologias e recursos digitais, confirmou que teve dificuldades quanto ao AVA (pergunta 24), especialmente no primeiro semestre, mas no decorrer do segundo período (em andamento no momento da pesquisa) as dificuldades vêm sendo vencidas.

Para a pergunta 23, relatou: “Não me adaptei com a leitura e por isso tive que imprimir as apostilas”. Essa dificuldade apontada pela aluna nos reporta à compreensão do conceito “sotaque digital”, que encontramos no texto de Prensky (2001). Para o autor, este sotaque dos

imigrantes digitais é facilmente percebido, são alguns antigos hábitos ainda mantidos apesar das facilidades que a tecnologia oferece, dentre eles a necessidade de imprimir um documento que poderia ser utilizado na tela do computador.

O autor entende que os imigrantes digitais, uns mais que outros, embora venham a se adaptar ao nosso ambiente das tecnologias digitais, ainda manterão alguns hábitos antigos – o sotaque digital – revelado por alguns comportamentos, ele cita, como seu exemplo favorito, quando um imigrante digital telefona à pessoa que enviou um *e-mail* para confirmar o recebimento do mesmo. O autor segue tecendo comparações entre os nativos digitais e os imigrantes digitais.

Para Prensky (2001), os nativos digitais estão acostumados a receber informações muito rapidamente e gostam de processar mais de uma coisa por vez e realizar múltiplas tarefas, enquanto os imigrantes digitais tipicamente têm pouca apreciação por estas novas habilidades que os nativos adquiriram e aperfeiçoaram através de anos de interação e prática.

Percebemos que o autor relaciona o ser nativo ou imigrante digital à idade, o que nos faz questionar se podemos caracterizar a familiaridade com as tecnologias digitais necessariamente em função da idade e se isto não levaria a deflagar uma espécie de preconceito em relação ao adulto maduro quanto a sua habilidade com estas tecnologias. É importante compreender que as pessoas têm mais facilidade ou dificuldade com esta ou aquela tecnologia independentemente da sua idade. Assim, é interessante considerar nativos ou imigrantes digitais quanto à sua imersão em relação ao uso destas tecnologias, portanto, entendemos ser importante ter cautela e relativizar ao trazer estes conceitos. Isso é algo que nos intriga e que merece uma atenção especial, e exatamente por isso não iremos nos aprofundar. No entanto entendemos ser importante trazer esta provocação na esperança que gere debates futuros, o que pretendemos fazer.

Ainda analisando a resposta da aluna A104-i40-49-F, agora para a pergunta 36, nada respondeu, e declarou em resposta à pergunta 35 que “Minha vida mudou totalmente, ler não era um hábito e hoje já não me vejo sem a leitura”. Essa resposta revela um avanço, a aquisição de um novo hábito.

Para esta aluna, a questão da leitura é o ponto alto, primeiro a dificuldade em ler na tela do computador, em seguida declara a descoberta do prazer de ler, o que nos leva a entender que uma das funções da educação formal se realizou, a aluna identificou um caminho para estudar, para aprender e acabou por adquirir gosto pela leitura.

O aluno A11-i50-59M declarou já ter estudado a distância e avaliou com 4 a sua proficiência tecnológica. Afirmou ter tido dificuldade com o AVA, esclarecendo que foi apenas

no início, até familiarizar-se com este recurso. Outra dificuldade apontada foi quanto à organização do tempo (pergunta 35); e concluiu dizendo que indica a EAD para a juventude (pergunta 36). Destacamos sua resposta à pergunta 23, na qual mencionou a falta de “Interação com outros alunos”, o que nos faz lembrar a importância do grupo enquanto “espaço de configuração em que trocas cognitivas e afetivas possibilitam a construção de uma rede de significados, que mobilizam a revisão de si mesmo, dos modos de pensar, sentir e agir” (PLACCO; SOUZA, 2003, p. 47). Também aí reside a importância da mediação docente, criar mecanismos de aproximação no Ambiente Virtual de Aprendizagem, criar espaços de trocas e diálogos que aproximem a todos os envolvidos.

Ainda seguindo a linha de comunicação, duas alunas relataram dificuldades de comunicação com professor e colegas, temos: A149-i40-49F “Familiarizar com troca de informações entre professor e aluno”; A53-i50-59F “Responder aos colegas no fórum e sanar as dúvidas com os professores”. A interação também fez parte da resposta de outros alunos, porém, alegando ausência do docente, o que evidencia o interesse em interagir com professores e colegas, portanto, revelando um importante aspecto – a mediação, que é discutida no tópico 2.5 e ao longo de todo este texto.

A questão “25 - *Comente sobre a sua experiência com o AVA - Ambiente Virtual de Aprendizagem, do curso atual*” é importante, pois as experiências ocorridas com o AVA são fundamentais, é por meio deste que a EAD acontece, afinal este é o ambiente de aula, onde ocorre a interação, a mediação e grande parte das práticas de ensino e aprendizagem. A afirmação sobre grande parte é por entender que existem algumas atividades que podem ocorrer fora deste ambiente, sejam elas virtuais ou não. E aqui nos referimos ao ambiente que foi pensado para este propósito, ou seja, *LMS* para fins educacionais, conforme Vilaça (2013) identifica como ambiente *stricto sensu*. Se a Instituição optar por um AVA não amigável, tende a afastar os alunos, pois havendo obstáculos de acesso, naturalmente vem o desinteresse, a desmotivação.

O mercado de *LMS* hoje tem muitas ofertas, e é importante que, dentro dos critérios financeiros de investimento, também haja critérios de navegabilidade, de funcionalidade. Com isso as Instituições podem buscar uma customização com o perfil do seu público.

Outro aspecto relevante é *layout*, e alguns cuidados são fundamentais: deve ser intuitivo, dialógico; deve-se evitar mudanças muito radicais em períodos/semestres seguidos; é importante manter uma certa padronização quanto às salas de professores, que eles possam personalizar seu espaço sem diferenças muito radicais em relação aos outros professores.

Percebe-se que o AVA possui um papel central na organização dos cursos e disciplinas, pois, é nele que são organizados os materiais educacionais de cada disciplina, congregando a maior parte dos recursos didático-pedagógicos do curso (MILL, 2012, p. 143).

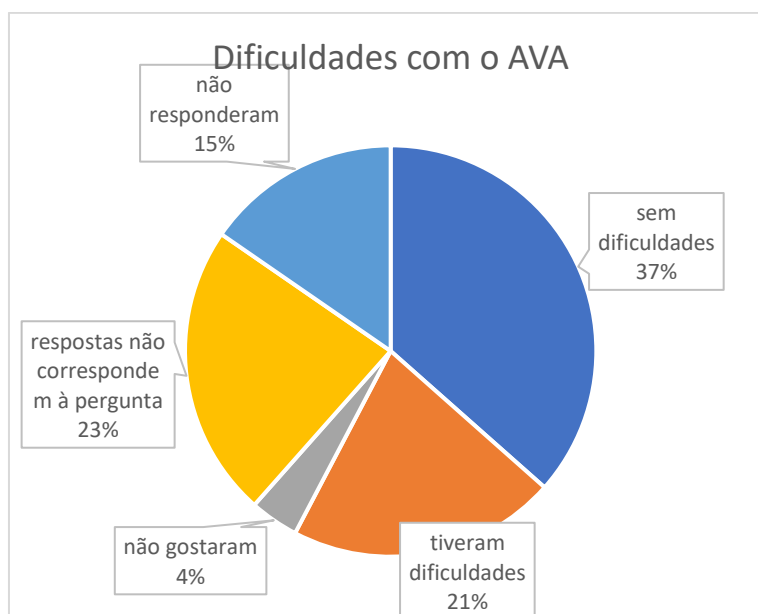
É neste ambiente que alunos e professores irão interagir durante todo o período de aula, portanto, deve ser adequadamente planejado, pois corresponde ao que seria a sala de aula física.

A pergunta “24 - Na graduação atual você encontrou alguma dificuldade para utilizar o AVA - Ambiente Virtual de Aprendizagem?”, fechada, cujas opções eram “sim” ou “não”, resultou em 18 sim e 34 não.

Seguindo a análise dos dados do grupo G01-52, a pergunta 25 retornou o seguinte resultado: 19 declaram estar satisfeitos e não ter havido dificuldades; 11 afirmaram ter tido dificuldades, mas já estão adaptados; 02 não gostam do AVA; 08 não responderam; e 12 apresentaram respostas que não correspondem ao que se pede na pergunta.

Para melhor evidenciar o resultado das respostas à pergunta 25 optamos por apresentar o gráfico 03, a seguir:

Gráfico 03 – Dificuldades com o Ambiente Virtual de Aprendizagem



Fonte: Dados da pesquisa

O gráfico anterior demonstra que para este grupo as dificuldades com o AVA são relativamente baixas. Ao somarmos o percentual dos que “não gostaram” (4%) com os que “tiveram dificuldades” (21%), teremos 25% do total. Este resultado demonstra que apenas $\frac{1}{4}$

realmente teve alguma dificuldade com o *LMS*. Surpreendentemente, 23% não responderam, o que nos leva a inferir que, possivelmente, não tiveram nenhum tipo de insatisfação com o *LMS*. Apesar deste resultado, devido à importância deste recurso para o perfeito funcionamento da EAD, resolvemos destacar algumas respostas apresentadas à pergunta 25.

Alguns poucos alunos apresentaram respostas relacionadas ao *layout* do AVA: A114-i50-59F “Descobrir o caminho para chegar em determinada tarefa”; A183-i50-59F “Conhecer todos os caminhos da plataforma”; A158-i40-49F “Foi boa, e o *layout* mudou para melhor”.

Por meio de outras respostas, também foi possível inferir que a Instituição pesquisada tem investido para melhorar o seu Ambiente Virtual de Aprendizagem: A53-i50-59-F “A experiência foi boa, pois o AVA está mais facilitado”; A172-i40-49-M “Cada semestre ficando mais agradável”. São apenas dois relatos, mas que enfatizam a mudança para melhor.

Para este grupo, as dificuldades foram superadas com relativa facilidade, não havendo nenhum relato que expusesse questões mais complexas. Há diversos *LMS* disponíveis no mercado, e para compreender melhor este fenômeno seria interessante que um mesmo grupo de alunos tivesse experiência com outros AVAs, para após responder às perguntas sobre acesso e funcionalidade e, então, termos um resultado mais real. Infelizmente isso não é viável, por várias questões.

Reconhecemos a importância de os *LMS* serem mais interativos e com boa usabilidade para todos os seus usuários, sejam professores ou alunos, que sejam exigidos menos cliques, que sejam mais leves, responsivos, além de essencialmente inclusivos. Falaremos mais sobre os Ambientes Virtuais de Aprendizagem.

As experiências geram satisfação ou insatisfação, especialmente diante da solução encontrada frente a determinados desafios, do apoio recebido ou da falta deste. Assim, seguindo com a análise dos dados, outro aspecto relevante é a satisfação com a modalidade de ensino, que será analisada a seguir.

3.4.4 Sobre a satisfação ou insatisfação em estudar a distância *on-line*

Importante ressaltar que no tópico 3.4.2 foram apresentados os motivos para a escolha por estudar a distância, e que 39% afirmaram que tinham preferência pela EAD. Agora, vamos analisar e discutir sobre a satisfação em estudar por meio desta modalidade de ensino, ou seja, se as expectativas foram correspondidas.

Vale destacar que para esta análise trouxemos depoimentos apresentados voluntariamente: “36 - *Se desejar, deixe aqui um depoimento sobre a sua experiência na graduação a distância*”.

Há depoimentos de quem, a princípio, não queria estudar pela EAD *on-line*, contudo, no decorrer do curso mudou de opinião:

“Voltei a estudar depois de 10 anos parada para fazer um curso de formação de professores e vi que era possível aprender muito. Hoje vejo que o preconceito com o EAD é derrubado quando vemos que é possível sim aprender muito com a modalidade” (A74-i40-49-F).

“Querida fazer presencial, mas não tinha condições, mas na modalidade EAD tive essa oportunidade e que gostei muito dessa experiência. Foi a melhor coisa que aconteceu para eu voltar a estudar, através da EAD” (A90-i40-49-M).

“A falta do curso que escolhi na modalidade presencial, no polo que optei (São João de Meriti). Mas, gostei de estudar a distância. Acreditava que o ensino presencial seria mais efetivo para minha formação, mas constatei estar errado” (A187-i40-49-M).

“Acabei gostando. Pra mim tornou se um desafio” (A204-i40-49-F).

As respostas apresentadas evidenciam que parte dos alunos, apesar de optarem por esta modalidade de ensino, ainda tinham certas ressalvas que foram vencidas. A questão do preconceito parece ainda existir, porém, vem sendo superada gradativamente, é o que indica o relato da aluna A74-i40-49-F, acima.

Outros que escolheram voluntariamente e confirmam a satisfação com a EAD, ou seja, as expectativas foram atendidas:

“Não me imagino estudando em outra modalidade” (A32-i50-59-F).

“Estou encantada, não pretendo parar em uma só graduação, isso se estendeu a familiares que pretendem voltar a estudar graças aos meus comentários sobre esse tipo de ensino. Estudar na modalidade ead nos permite uma maior concentração e o que mais me chamou a atenção é que realmente recebo uma total atenção dos professores. Esse tipo de modalidade permite um atendimento pessoal que muitas vezes não encontramos na modalidade presencial” (A129-i40-49-F).

“Graduação a distância ensina o indivíduo a planejar seu tempo, a ser pessoa organizada e dedicada aos estudos. Esses são pontos chaves para sucesso e a conclusão curso EAD” (A149-i40-49-F).

“O curso EAD é mais interessante” (A166-i50-59-F).

“Tem sido gratificante o estudo a distância. De início, pensei que seria monótono” (A209-i50-59-F).

Do grupo G01-52 apenas 15 deixaram seus relatos voluntariamente, dos quais 09 confirmaram a satisfação em estudar a distância *on-line*. O número pode parecer baixo, contudo, não houve relato expresso de insatisfação, e sim, sugestões de melhorias, parte, segundo as preferências de estudo: mais videoaulas, encontros presenciais, mais interação com o professor, mais agilidade na divulgação de notas, dentre outros.

Um dos aspectos que merece atenção é a satisfação que muitos evidenciaram por estar, finalmente, cursando uma graduação. Estes serão apresentados no tópico a seguir.

3.5 As vozes que “escutamos”

Para iniciar este tópico lembramos mais uma vez Paulo Freire (1979), que tem uma significativa relação com seu teor, diz ele: “Assim, como não há homem sem mundo, nem mundo sem homem, não pode haver reflexão e ação fora da relação homem-realidade” (FREIRE, 1979/2010, p. 17). É exatamente isso que ocorre neste tópico, são apresentadas as realidades dos sujeitos pesquisado. Eles tiveram a oportunidade de se expressar, de serem “ouvidos”, e como retribuição e agradecimento pela confiança, procuramos fazer uma análise ética respeitosa, validando cada aspecto e procurando associar a pesquisas já realizadas para conferir ainda mais valor às análises que se seguem.

É gratificante ler determinados relatos, ainda que breves. Demonstrem que as pessoas gostam de contar suas histórias, de falar sobre suas vivências, ainda que seja por meio de um questionário digital *on-line*, afinal trata-se de uma pesquisa sem interação, sem diálogo. É possível que o anonimato tenha proporcionado esta abertura, esta segurança de expor parte da sua vida, na certeza de que não seria identificado.

Algumas respostas são reveladoras e evidenciaram a essência que buscávamos com esta pesquisa. Ou seja, identificar os aspectos mais valiosos para essas pessoas, o que muitas vezes está por trás de uma resposta direta e objetiva, portanto, questões subjetivas e extremamente pessoais. Vale ressaltar que a maior parte veio das pessoas que se declararam do gênero feminino; um ou outro sujeito do gênero declarado masculino mencionou alguns destes aspectos mais pessoais.

A pergunta 34 e 35 têm relação, a primeira fechada e em escala, a segunda aberta para oferecer a oportunidade de o respondente esclarecer a resposta apresentada na pergunta anterior e, assim, termos mais dados para analisar.

Na sequência destacaremos as respostas que revelam aspectos pessoais que influenciaram em sua decisão para ingressar em uma graduação. Esses relatos, aliados a outras respostas, nos dão a oportunidade de perceber outras razões para a escolha da Educação a Distância *on-line*. No entanto, nesta etapa queremos exclusivamente entender o contexto e o momento de vida destas pessoas.

Muitos anos sem estudar; achar-se incapaz; priorizar a família, os filhos; que o tempo já passou, enfim, são alguns dos aspectos registrados nos relatos a seguir. Afinal, como afirma Hermann Hesse (1877-1962), também na idade mais avançada ainda há sonhos e desejos, bem como fortemente estimulados por realizações e decepções.

Esses aspectos nos levam à questão “35 - *Comente como se deu esta mudança e aponte possíveis dificuldades que tenha vencido*”, cujas algumas respostas são listadas a seguir:

“Vontade de realizar um sonho antigo. A maior dificuldade foi vencer o medo de voltar a estudar após longos anos longe das salas de aulas” (A52-i40-49-M).

“Tudo mudou, tenho outra visão de vida, tinha muita insegurança em relação ao que eu seria capaz ser, fazer, hoje sei que sou capaz de evoluir” (A53-i50-59-F).

“Tomei coragem a dificuldade de voltar depois de muitos anos sem estudar” (A69-i40-49-F).

“Deixar de trabalhar por causa dos filhos e hoje voltar a fazer uma graduação é a realização de um sonho” (A74-i40-49-F).

“Fui diagnosticada com depressão, resolvi mudar o que estava errado, a opção aos estudos só não ocorreu anteriormente por falta de verba” (A114-i50-59-F).

“Venci a ideia que eu tinha do tempo que passou e eu ainda não tinha feito a graduação” (A166-i50-59-F).

“Enxerguei novas oportunidades nesta mudança, e venci a barreira do desânimo em ter que começar do zero” (A183-i50-59-F).

“Me senti incluída na sociedade, principalmente no diálogo com meus filhos, que são estudantes universitários. Dentro de sala de aula pude explorar os temas que planejados com maior segurança e conhecimento” (A209-i50-59-F).

“Essa mudança se deu por conta de almejar um emprego em uma multinacional, e venci a mim mesma e todo preconceito de achar que já estava velha para me formar” (A217-i40-49-F).

Estas respostas apresentadas às perguntas abertas estão alinhadas com o que observaram Oliveira, Rego e Aquino (2016, p. 393) em sua pesquisa, “os relatos autobiográficos evidenciam que o desenvolvimento deve ser entendido como um processo que inclui, simultaneamente, avanços e retrocessos, ganhos e perdas e, principalmente, ambiguidades, rupturas e descontinuidades”. A vida do ser humano está refletida nestas respostas e nas constatações feitas por esta pesquisadora.

A vida não é linear, não segue um curso padronizado. É, sim, um vai e vem repleto de experiências positivas e negativas que, por fim, constituem o sujeito que a vive. “O *eu* de cada pessoa é um eterno aprendiz, e essa aprendizagem não tem época, porque ocorre desde o nascimento até a morte” (BALBINOTTI, 2003, p. 69). A aprendizagem mencionada pela autora refere-se às aprendizagens resultantes das experiências vividas ao longo da vida, e não à aprendizagem formal, embora esta também esteja implícita na vida das pessoas.

Consideramos que a aprendizagem formal, que é o contexto desta pesquisa, “desempenha um papel existencial na construção da pessoa, da sua identidade e o seu desenvolvimento cognitivo” (DANIS; SOLAR, 1998, p. 285), e os relatos apresentados ao questionário desta pesquisa o evidenciam. Pessoas que se descobriram, que se reencontram, e estão resgatando a autoestima.

As respostas obtidas por meio do questionário lembram os depoimentos de meus alunos, no exercício da docência nesta mesma Instituição, e que me despertaram o interesse por esta pesquisa. Projetos adiados, expectativas em retomar os estudos. Enfim, chegou o meu momento. É isso o que lemos nas entrelinhas.

Estas respostas abrem possibilidades para que sejam pensadas importantes ações que visem a aproximação com estes alunos. Manter o exercício da empatia, do olhar atento ao outro, que está por trás da tela do computador, do exercício da afetividade, do gostar de estar com o outro, de amar a docência, do querer fazer mais e melhor, aprimorar-se sempre, estes são alguns dos ingredientes essenciais para esta relação docente-discente.

3.6 Compreensões e Encaminhamentos

Para desenvolver os encaminhamentos aqui propostos buscamos sustentação em algumas pesquisas que encontramos. Nesta etapa da dissertação faremos a análise de uma pesquisa de Machado e Behar (2015), que detalharemos a seguir.

Machado e Behar (2015) realizaram uma pesquisa sobre EAD e cybersêniors, pensando nas estratégias de ensino. Para isso, desenvolveram cursos que foram ofertados a pessoas com idade igual ou superior a 60 anos.

Vale ressaltar que a pesquisa das autoras foi realizada com cursos livres, porém, é possível obter algumas contribuições para a nossa pesquisa, uma vez que o foco das autoras foram as estratégias de ensino para o público mais velho no contexto da Educação a Distância. Elas categorizam as estratégias em 11 indicadores. São eles:

1 - planejamento, 2 - perfil do aluno virtual idoso, 3 - perfil do professor e do tutor-monitor virtual, 4 - uso de materiais complementares, 5 - utilidade do conteúdo, 6 - formato do conteúdo, 7- didática, 8 - tipos de atividades, 9 - tipos de recursos digitais, 10 - AVA e, 11 - objetos de aprendizagem (MACHADO; BEHAR, 2015, p. 137).

É importante, no entanto, esclarecer que temos posição contrária ao fato de as autoras referirem-se a “estratégias pedagógicas”, por se tratar de sujeitos adultos, portanto, nossa sugestão é que fosse utilizado o termo “estratégias andragógicas”. Como já mencionamos, é comum encontrar publicações que mencionam educação de adultos, porém referem-se única e exclusivamente à pedagogia. Já esclarecemos que não somos contrários à mesma, e sim, entendemos que deve haver espaço para que a andragogia seja incluída, e que, juntas, pedagogia e andragogia, estejam a serviço da educação de adultos.

Outro aspecto é que não iremos tratar os onze indicadores, iremos objetivar aqueles que compreendemos mais relevantes para esta pesquisa. Os indicadores *1- planejamento*, *3 - perfil do professor*, e *5 - utilidade do conteúdo* não são aqui discutidos por entendermos que são a base de qualquer curso pensado e desenvolvido com qualidade e que, necessariamente, não estão vinculados exclusivamente à faixa etária dos alunos, mas, sim, para qualquer idade. Não diminuimos a sua importância, mas queremos priorizar os que estão mais alinhados com a proposta desta pesquisa.

Fazemos uma ressalva quanto ao perfil do professor, pois este é fundamental neste processo e, portanto, merece uma atenção individualizada. Além de todos os aspectos já muito discutidos sobre a atuação docente, para este público é relevante que o profissional tenha uma atenção especial para perceber, identificar e, assim, conduzir este aluno, pois os docentes não são informados sobre o perfil e idade de seus alunos. Ou seja, a menos que informem no Fórum de Apresentação, que acontece no período de ambientação, só ficará sabendo se buscar voluntariamente a informação, o que aconteceu com esta pesquisadora anos atrás, quando identificou estes alunos em suas turmas e passou a dedicar-lhes a atenção específica.

Vamos iniciar discutindo o segundo indicador³³, “perfil do aluno idoso: necessidades, potencialidades e limitações biopsicossociais. Entendemos que este é o ponto de partida, uma vez entendido, identificado e reconhecido todos esses aspectos, abre-se caminho para pensar nos demais. Para as autoras “A análise do perfil do aluno idoso exige consideração de algumas variáveis que podem influenciar nas aulas virtuais, entre elas: diálogo, autonomia, resiliência, fluência digital e organização do tempo, além do aspecto afetivo” (MACHADO, BEHAR, 2015, p. 138). Concordamos integralmente com as autoras, cada uma destas variáveis tem sua importância e deve ser trabalhada cuidadosamente.

Na sequência, o quarto indicador, “uso de materiais complementares”, sem dúvida que ajudam aos alunos a entender e melhorar seu desempenho. As autoras citam os vídeos, recursos que também costumo utilizar com minhas turmas, não falo de videoaulas, mas também vídeos de orientação de atividades, de funcionalidade do AVA e seus recursos, para esclarecimentos de dúvidas e o que mais ocorrer, preferencialmente seguidos de material escrito com o mesmo conteúdo.

Formato de conteúdo é o sexto indicador. Na pesquisa que realizaram, Machado e Behar (2015) identificaram que os alunos pesquisados têm preferência, independentemente da mídia utilizada, que também sejam colocados à disposição conteúdo em PDF, pois têm a necessidade de material impresso para leitura. Diante dessa informação, percebemos que poderíamos ter pensado neste aspecto e não o fizemos, ou seja, não buscamos saber qual a preferência dos sujeitos que participaram da nossa pesquisa.

A didática, muito relevante, é o sétimo indicador. Já mencionamos a sua importância, ainda assim, vamos retomar, pois é, segundo o nosso entendimento e dos autores que pesquisamos, a essência da educação. É um dos aspectos mais relevantes quanto à participação de responsabilidade docente, afinal, a “Educação é um processo de humanização. Ou seja, é processo pelo qual se possibilita que os seres humanos se insiram na sociedade humana, historicamente construída e em construção” (PIMENTA; ANASTASIOU, 2010, 97). Portanto, caberia um capítulo totalmente dedicado a esta temática.

Como o nosso objeto de estudo é o aluno e não o professor, temos feito algumas inserções ao longo desta dissertação sobre a prática docente. Cabe a este profissional, dentre outras coisas, criar diferentes situações adequadas ao perfil do seu aluno e que facilitem a aprendizagem.

³³ Mantivemos a sequência apresentada pelas autoras.

Entendemos que tudo que é realizado nos bastidores, ou seja, pela equipe multidisciplinar que integra a Educação a Distância para oferecer suporte ao docente e recursos e objetos de aprendizagem aos alunos. No entanto, não funcionará se a mediação, o acompanhamento e a curadoria docente não forem eficientes, comprometidas e engajadas para conduzir as práticas de ensino objetivando a aprendizagem.

Uma questão relevante trata das competências docentes para atuar na Educação a Distância. Existem diversos caminhos para esta qualificação, que é fundamental. Em 2012, Daniel Mill já mencionava a falta de qualificação destes profissionais: “Nossas pesquisas indicam que a docência na EAD ainda não está profissionalizada” (MILL, 2012, p. 45). Hoje, em 2020, percebemos que os avanços ainda são insuficientes. É possível encontrar profissionais atuando sem nenhuma familiaridade e experiência com esta modalidade de ensino. Esta falta de profissionalização é facilmente identificada por esta pesquisadora no seu dia a dia, como docente e como aluna – graduanda de Pedagogia – desta modalidade de ensino.

Diante da sua importância, trazemos os relatos de alguns alunos – ainda que não estejam na idade de recorte – que apresentam evidências desta situação:

“Só acho que as aulas deveriam ser gravadas pelos professores. Passa mais segurança, sinto que os materiais em PDF ou os vídeos no *YouTube* passam uma ideia de que estou realizando uma pesquisa” (A60-i30-39F).

“Minha experiência com a EAD ainda está em fase de adaptação. Eu tinha em mente que EAD eram aulas a distância, ou gravadas, algo que lembrasse mais sala de aula. E quando iniciei que vi várias apostilas para ler e responder fóruns etc., estranhei bastante, principalmente ao fato de existir pouquíssima vídeo aulas independente da complexidade da matéria” (A76-i30-30F).

“No começo não tinha videoaulas, eu estudava apenas por apostila, as videoaulas da própria faculdade foram colocadas quando eu já estava no terceiro período, nunca assisti, até que em uma prova caiu questões que eu não tinha conhecimento do assunto, questionei ao professor o porque não tinha o assunto na apostila, e o mesmo disse que tinha na videoaulas. Como pode o material ser dividido entre apostila e videoaula? sendo que as videoaulas se trata de uma pessoa olhando para a câmera e lendo um texto. Sendo assim prefiro estudar pela apostila” (A118-i20-29F).

Os relatos evidenciam a importância de um alinhamento das estratégias e atividades utilizadas, algo que é facilmente resolvido com o diálogo com a equipe e a clareza de diretrizes. Um dos fatores para que isso ocorra está relacionado ao aproveitamento de profissionais que nunca tiveram contato com a EAD como docente, ou até mesmo como aluno. Há processos seletivos que exigem do candidato a docente já ter sido aluno desta modalidade de ensino.

Outro aspecto importante é o preconceito que vem dos próprios contratantes, pois há Instituições de Ensino que oferecem “um tratamento ainda inferior ao dado à docência presencial” (MILL, 2012, p. 45). Há quem considere que o professor da EAD não é docente. Não vamos apresentar detalhes, pois, como já mencionado, a formação docente, mesmo que para EAD, não é objeto desta pesquisa.

Não ignoramos as condições de trabalho e a desvalorização dos docentes, no entanto, este não é o nosso objeto de estudo, mas entendemos ser importante esclarecer que a responsabilidade é de toda a equipe, de todos os profissionais da educação, e não exclusivamente do docente. Cada um tem a sua amplitude de atuação e deve fazê-la com cuidado e seriedade.

Ressaltamos que, se todas estas questões não forem solucionadas, será difícil termos uma educação de qualidade, especialmente nesta modalidade – EAD, ainda sob muito preconceito. Com isso todos perdem, as IES, os profissionais e, principalmente, os alunos, independentemente de sua idade.

Os tipos de atividades são outro indicador que nos interessa. Na pesquisa das autoras elas relataram que os encontros síncronos foram uma das reivindicações dos sujeitos que pesquisaram. Não abordamos este aspecto em nossa pesquisa, mas, felizmente, em respostas apresentadas às perguntas abertas, foi possível identificar o que os nossos pesquisados pensam sobre o assunto.

O aluno A11-i50-59M escreveu: “A interatividade virtual entre os alunos deve ser estimulada constantemente”, as atividades síncronas facilitam esta interatividade, especialmente quando o recurso utilizado for a *webconferência*, pois as pessoas podem se ver, o *chat* também é um recurso síncrono, porém é mais frio, pois contempla apenas a interatividade por meio da escrita. Hoje é possível contar com os aplicativos de mensagens, que já são utilizados por alguns docentes. Tenho vivido esta experiência como aluna e posso testemunhar que ajudou bastante a aproximar alunos e professores. Inclusive, em nosso papel como docente, estou implantando com minhas turmas e acredito que teremos bons resultados.

Nossa contribuição aos indicadores apresentados na pesquisa de Machado e Behar (2015), com um olhar para o ensino superior, é incluir o indicador “Ambientação”, o que muitas Instituições já fazem, porém, priorizaria uma nova abordagem, novas estratégias, desde o modo de atrair os alunos a participarem até o mais importante, que é oferecer uma ambientação que atenda às necessidades que identificamos nesta pesquisa. Acreditamos, inclusive, que uma ambientação síncrona a distância é possível, desde que bem planejada e implementada. Isso é possível compreender na observação feita pelas pesquisadoras:

Para o público mais velho, na virtualidade, é sugerida uma explicação com detalhes requintados nas atividades, principalmente aquelas que utilizam determinada tecnologia, como foi o caso da maioria das Oficinas virtuais (MACHADO; BEHAR, 2015, p. 143).

Outro aspecto que surpreendeu as autoras é que grande parte (57%) dos seus pesquisados prefere estudar sozinho, sob o argumento que “cada um pode fazer na hora em que quiser ou puder e na sua casa”. Em nossa pesquisa, 100% tem a mesma preferência. Não perguntamos o motivo desta escolha, porém, em função de respostas apresentadas a outras perguntas, infere-se que possivelmente esta preferência esteja atrelada ao mesmo motivo e, acrescentaríamos, devido à insegurança, grande parte pelos muitos anos afastados dos estudos. Se tivéssemos incluído esta pergunta em nossa pesquisa, por certo enriqueceria a nossa análise.

O indicador “tipos de recursos digitais” vem atrelado a aspectos já tratados aqui, como, por exemplo, a interação, a orientação para utilização do AVA e suas funções, bem como para a realização de atividades, ou seja, os tutoriais.

Importante esclarecer que “a psicologia não tem sido capaz de formular, de modo satisfatório, uma psicologia do adulto” (OLIVEIRA, 2016, p. 369), no entanto, fornece importantes subsídios para as considerações aqui apresentadas. Para um melhor entendimento sobre os encaminhamentos aqui sugeridos, vamos pontuar as dificuldades a seguir.

Alguns aspectos que devem ser valorizados são as competências e as habilidades como meio de ampliar e aplicar os saberes em contextos que façam sentido para o estudante. Tem sido essencial o apoio oferecido pelas Instituições e, mais próximo, pelos docentes, com ações intencionais que orientem e apoiem os estudantes adultos maduros a se conhecer melhor e descobrir o seu potencial, e assim perceber quais os caminhos mais promissores para o seu desenvolvimento e realização integral com a graduação em andamento.

3.6.1 Acesso e utilização dos recursos do AVA

Já abordamos, ao longo desta dissertação, algumas questões sobre os Ambientes Virtuais de Aprendizagem, retomamos por termos identificado que esta é uma questão relevante e que algumas ações podem ser um diferencial na adaptação dos alunos em sua chegada à Instituição, ou seja, no primeiro período.

Ambientação, tutorial e tutores presenciais são iniciativas importantes, mas já recorrentes nas IES, entendemos faltar uma comunicação eficaz objetivando a conscientização

dos alunos para o seu uso, demonstrando que é um benefício para eles. Como sugestão, realizar um atendimento personalizado, individual, previamente agendado após uma conversa ao telefone, pois por e-mail pode parecer mais frio, distante. Criar estes elos gera confiança e aproximação, conquista o aluno e o fideliza à Instituição. Um questionário no ato da matrícula ou da inscrição ao vestibular buscando conhecer o quão inteirado o aluno está quanto ao uso das tecnologias também nos parece uma ação viável e com boas perspectivas de êxito.

A escolha do *LMS* também é algo importante e deve ser considerada pelas Instituições, bem como a sua customização. Embora seja uma questão que envolve investimento financeiro, é válido pensar empaticamente no seu usuário, os alunos. Palloff e Pratt (2004) afirmam que os alunos buscam em um curso *on-line* um programa que tenha capacidade para atendê-los em suas necessidades educacionais, que o foco esteja neles e não nos professores; que ofereça um bom custo benefício, cuja tecnologia seja confiável, de fácil navegação, com níveis de informação e interação humana. Foi exatamente o que identificamos nas respostas apresentadas pelos sujeitos desta pesquisa.

Foram apontados aspectos quanto ao *layout*, à padronização dos recursos, à disposição das atividades, à dificuldade de encontrar as ferramentas de comunicação com o professor e colegas. Sim, há os que não tiveram nenhuma dificuldade, contudo, a busca por melhorar e atender a todos deve ser uma questão sempre presente nos projetos de Educação a Distância *On-line*.

Embora estejamos imersos em um mundo repleto de tecnologias, desde um simples lápis até a realidade aumentada, é essencial lembrarmos que também existem, neste momento, pessoas com diferentes níveis de apropriação para uso de determinadas tecnologias. Há uma parte significativa da população que não tem acesso e outra cujo acesso acontece tardiamente.

Grande parte dos alunos matriculados nos cursos a distância *on-line* são imigrantes digitais. Do total de 225 respondentes, 62% estão com idade a partir dos 30 anos, ou seja, nascidos a partir dos anos 1990, quando a *internet* começou a fazer parte da vida das pessoas, começou a entrar em nossos lares.

Gabriel (2018) nos lembra que, em 1980, jovens com idade em torno dos 20 anos iniciaram seu contato com os computadores, já em 1990 as crianças com idade em torno dos 10 anos, e, na atualidade, os bebês de um ano já estão tendo esta experiência. A autora nos lembra que as pessoas com mais de 35 anos de idade são de uma época em que o desenvolvimento acontecia em um ritmo mais lento, bem diferente do que ocorre atualmente, quando as mudanças acontecem em ritmo muito mais acelerado.

Portanto, isso confirma que, hoje, temos em um Ambiente Virtual de Aprendizagem pessoas em diferentes faixas etárias e com variadas apropriações quanto ao uso das novas tecnologias e às mudanças impostas pela vida, pelos fatos, pelas tecnologias, especialmente as digitais.

3.6.2 Receio de enfrentar a sala de aula

Essa era uma questão que acreditava vir a encontrar nesta pesquisa. Embora não a tenha pontuado, a experiência docente na Educação a Distância *On-line* me concedeu a oportunidade de ter alunos com este temor, fato que só tomei conhecimento no decorrer do curso, em função da minha posição de empatia quanto a situações observadas no Ambiente Virtual de Aprendizagem e a iniciativa de buscar aproximação empática com os alunos envolvidos.

Se a empatia e a consideração são necessárias nas relações humanas cotidianas, então elas devem, da mesma forma, estar presentes nas relações de ensino. Essa foi e continua sendo a minha estratégia. Um dos recursos do AVA que utilizo para este objetivo é o *Chat*, estímulo a participação por meio de conversas informais, sem propor temas específicos, sem determinar a abordagem de conteúdos, e sim, uma conversa livre, o que surgir. Tem sido eficiente, é comum alguns alunos aproveitarem a oportunidade para expor determinadas questões, dificuldades, interesses, etc. Abre espaço para conhecer melhor o aluno e criar vínculos que facilitarão a condução das práticas dentro do ambiente de aprendizagem.

A EAD tem por característica nos colocar por trás da tela do computador, gerando uma relativa segurança. E nos previstos momentos presenciais – para uma avaliação, um evento, uma atividade mais dinâmica –, como proceder? Encorajar o aluno ou aluna a participar da aula inaugural é uma ação importante. Mais uma vez o diálogo, uma conversa prévia ajudaria significativamente. Estimular o agendamento de atendimento com a tutoria presencial é uma alternativa, e o telefone é um forte aliado para este objetivo.

O Núcleo de Apoio ao Estudante – cada Instituição tem a sua denominação – deve ser envolvido no atendimento a estas pessoas como uma alternativa de trabalhar a insegurança, os receios, os medos. “Se a aprendizagem alimenta o desenvolvimento, essencialmente pessoa, cognitivo e metacognitivo, o desenvolvimento, por sua vez, fomenta a aprendizagem” (DANIS; SOLAR, 1998, p. 294), portanto, este apoio especializado, oferecido pelas Instituições de Ensino, é essencial para a contribuição no que diz respeito às inseguranças, aos temores e aos medos vividos por estes alunos ao retornarem aos estudos.

Entendemos que a responsabilidade pela participação do aluno, pela sua permanência no curso, ou seja, questões sobre evasão, não são de responsabilidade apenas do professor. Há um conjunto de fatores que contribuem para que isto ocorra.

Na pesquisa realizada por Silva e Franco (2014), publicada na Revista da ABED, encontramos estas e outras informações sobre evasão. Em outra pesquisa, mais atual, sobre o tema, os autores constataram que “há maior permanência daqueles que têm experiência prévia em cursos EAD” (BIELSCHOWSKY; MASUDA, 2018, p, 177). Os autores ainda enfatizam que isso ocorre apesar de toda ambientação que fazem com os novos alunos.

Analizamos alguns trabalhos sobre evasão³⁴ e, diante dos resultados que estes apresentaram, sugerimos três grupos: aspectos relacionados à Instituição, inclusive quanto aos docentes; aspectos relacionados ao curso, a carreira propriamente dita; e aspectos pessoais, que inclui perceber que não consegue adaptar-se ao estudo *on-line*.

Existem diversas pesquisas sobre evasão, não vamos entrar no mérito, nosso propósito é enfatizar que a responsabilidade é de todos: da Instituição, dos docentes e dos próprios alunos, pois as questões pessoais também provocam a saída do curso, o abandono.

Fizemos esta breve reflexão sobre evasão, pois os temores que os alunos trazem podem, em dado momento, vir a passar despercebido e a evasão vir a ter uma justificativa que não corresponde à realidade de determinado aluno.

Enfim, chegamos a mais uma etapa, o encerramento desta dissertação. Sigamos para as considerações finais, onde trazemos uma reflexão geral sobre todo o andamento e resultado desta pesquisa.

³⁴a) Razões para a evasão na educação a distância. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2016/trabalhos/326.pdf>>.

b) Evasão nos cursos na modalidade de educação a distância: estudo de caso do Curso Piloto de Administração da UFAL/UAB. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ensaio/v22n83/a09v22n83.pdf>>.

c) Um estudo sobre as possíveis causas de evasão em curso de licenciatura em Pedagogia a Distância. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/%20download/9753/6415>>.

d) As tecnologias educacionais na evasão dos cursos de educação a distância: uma pesquisa do tipo estado da arte. Disponível em: <<https://repositorio.uninter.com/bitstream/handle/1/71/PATRICIA-ELIZA-DVORAK.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>.

Considerações Finais

Finalmente, chegamos às considerações finais, que se constitui nesta etapa. A educação de adultos no ensino superior, especialmente na modalidade a distância, é um tema extremamente relevante, porém pouco discutido. Pudemos perceber que há uma carência no que condiz à compreensão das especificidades do aluno adulto maduro na educação.

Esta última etapa da dissertação apresenta algumas reflexões finais para, de forma mais objetiva, proporcionar a compreensão de todo o trabalho desenvolvido, desde a sua motivação até à sua conclusão.

O objetivo geral desta pesquisa foi identificar quais são os desafios vivenciados pelo aluno adulto maduro, com idade a partir dos 40 anos, ao cursar uma graduação a distância *on-line* amparada pela *internet* e suas percepções quanto às mudanças proporcionadas em sua vida. Os objetivos específicos, já apresentados na introdução e no capítulo de metodologia de pesquisa, foram identificar qual a compreensão dos sujeitos pesquisados quanto às mudanças ocasionadas em suas vidas com a retomada dos estudos e analisar os sentidos atribuídos por estes alunos à sua trajetória na graduação a distância *on-line* e comparar os resultados entre os grupos respondentes com idade acima dos 40 anos e os com idade abaixo dos 40 anos.

O leitor pode estar se perguntando o motivo pelo qual nosso recorte de idade ser tão elástico, o que esclareço agora. Nosso desejo era fazer o recorte a partir dos 60 anos, que é reconhecido como a terceira idade, conforme Art. 1º do Estatuto do Idoso, que apresenta relativa incongruência, uma vez que, no Art. 34 do Capítulo VIII, menciona “idosos a partir de 65 anos”.

No trabalho acadêmico, uma pesquisa científica deve seguir alguns critérios, dentre eles está respaldar sua escrita em pesquisas e publicações anteriores. A autora principal desta pesquisa é Helena Balbinotti, que em seus livros orienta que a idade madura, como já mencionado anteriormente, se inicia aos 40 anos indo até à morte.

Também gostaríamos de compartilhar com o leitor que os 225 respondentes nos prestigiaram com um rico material que nos trouxe uma vontade enorme de esquecer o recorte de idade e trabalhar com todos os dados gerados. Material riquíssimo que utilizaremos para publicações futuras, afinal merece ser compartilhado e ficar à disposição de futuros pesquisadores.

Diante deste esclarecimento, é importante relatar que, em função do entendimento que conquistei com este trabalho, ousou recomendar uma nova subdivisão de faixa etária. Não para criar rótulos ou dicotomias, tão pouco qualquer indício de pré-conceito, e sim, para melhor entendermos as especificidades das etapas de vida do ser humano, uma vez que cada época de

nossas vidas guarda em si um importante e valioso universo de experiências, emoções e aprendizados. Essa é uma questão que merece um estudo específico e aprofundado, por impor o cuidado de não rotular ou encaixar as pessoas nesta ou naquela categoria.

A iniciativa de entender os desafios da experiência educativa de adultos maduros que buscaram uma educação formal no ensino superior, assim como as suas percepções e motivações frente a este desafio, confirmaram a importância de ações de ensino, mediação, acolhimento e acompanhamento voltadas para este público.

Na prática diária desta pesquisadora como docente de cursos totalmente a distância ao longo de anos, com alunos de faixas etárias variadas, foi possível perceber a satisfação por ter seus anseios e expectativas atendidos por uma mediação alinhada às suas especificidades.

Esse estudo proporcionou evidenciar algumas questões relevantes com relação aos desafios que estes adultos enfrentam ao retomarem os bancos das universidades. Uma delas é a questão da inserção, de perceberem-se pertencentes àquele mundo, vencer os temores, as inseguranças, em função dos muitos anos longe do espaço de aprendizagem, da sala de aula. Também existem questões inerentes ao seu processo de aprendizagem, que podem vir a ser utilizados por docentes que trabalham com este nível de ensino e, especificamente, nesta modalidade – EAD.

Nesse sentido, é importante buscarmos estratégias para contribuir com a integração deste sujeito nesta modalidade de ensino, por meio de ações específicas e efetivas, coerentes com o perfil deste público, lançando mão dos princípios andragógico, pois a educação a distância *on-line* tem sido um caminho de acesso à educação, de oportunidades, de novas e significativas conquistas.

Algumas conclusões proporcionadas por esta pesquisa mostraram o quanto precisamos nos preparar para os desafios, para a grande jornada, caminhando e a cada dia absorvendo as ricas experiências que a docência nos revela através da interação com o outro, especialmente com discentes adultos maduros e suas ricas histórias de vida, que, por meio delas, nos permitem trabalhar nossas competências, habilidades e gerar atitudes que nos permitam vencer a insegurança quanto ao desconhecido. É encorajador ter no outro o apoio para nos melhorarmos como pessoas e como profissional da educação, afinal, a educação é trajeto que nunca se faz sozinho, mesmo os mais solitários acabam se reunindo com outros sujeitos do aprender e vivem a troca de experiências e desfrutam da importante companhia do outro.

Nesse sentido, a empatia é fundamental, ter um olhar atencioso, perceber suas inquietações e necessidades, ter uma postura do cuidado, do interesse legítimo. E isto não só por parte do docente, e sim de todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem.

As respostas e os depoimentos evidenciaram o que buscava esta pesquisa. Há a compreensão de que a educação a distância deve preparar-se para receber este novo aluno de forma eficaz, de modo a contribuir para o seu aprendizado com o uso adequado das tecnologias e com uma mediação que atenda aos seus anseios, para que se sinta acolhido e integrado ao grupo.

Ficou ainda o entendimento de que este estudo seria mais rico se houvesse um segundo momento, com entrevistas com aqueles que aceitassem em participar. Seria uma importante oportunidade para estender o entendimento quanto às questões mais pessoais, que em uma geração de dados virtual, por meio do preenchimento de um questionário, de forma fria e distante, em grande parte das vezes não se consegue aprofundar. É potencialmente mais efetivo, para este objetivo, uma entrevista face a face, favorecida pela empatia de quem a realiza. Entretanto, como fazer?

Esclarecemos que não o fizemos porque não nos veio esta possibilidade em mente durante o processo de submissão ao Comitê de Ética, a alteração implicaria na extensão do prazo podendo comprometer o cumprimento do cronograma, uma vez que demandaria mais tempo para a elaboração da entrevista, sua aplicação e a respectiva análise dos dados gerados.

Os objetivos desta pesquisa foram atingidos. Tinha-se por hipótese que eram variados os motivos que impediram estes adultos maduros de buscar a formação no tempo regular, sendo, então, comum que busque, nesta etapa da vida, realizar este desejo. Os depoimentos dos respondentes confirmaram e nos trouxeram aspectos muito pessoais que não deixam dúvidas de que há uma tendência a mais pessoas ingressarem em uma graduação a distância *on-line*, e três fatores contribuem significativamente: a longevidade; a afirmação da EAD enquanto oportunidade efetiva de educação; os novos contornos sociais resultantes da pandemia.

Os resultados evidenciaram que há um grupo de pessoas, aqui denominamos adultos maduros, que precisa efetivamente de uma atenção diferenciada, inclusive com acompanhamento especial do Núcleo de Atendimento ao Aluno, em função das suas inseguranças, dos seus temores e problemas outros, identificados por meio das respostas apresentadas, como alunos com depressão, com baixa autoestima, dentre outras questões, que buscam na educação um apoio para vencerem as dores da vida.

É relevante mencionar que, a cada questionário analisado, foi possível confirmar que os objetivos desta pesquisa estavam presentes. Cada relato, cada resposta representa uma riqueza muito relevante para este trabalho, aqui apresentado nesta dissertação. Para evidenciar, são destacados dois depoimentos que confirmam termos atingido este objetivo: *“Me senti incluída na sociedade, principalmente no diálogo com meus filhos, que são estudantes universitários.*

Dentro de sala de aula pude explorar os temas que planejados com maior segurança e conhecimento” (A209-i50-59-F); “Voltei a estudar depois de 10 anos parada para fazer um curso de formação de professores e vi que era possível aprender muito. Hoje vejo que o preconceito com o EAD é derrubado quando vemos que é possível sim aprender muito com a modalidade” (A74-i40-49-F).

Este estudo também buscou identificar qual a compreensão dos sujeitos pesquisados quanto às mudanças ocasionadas em suas vidas com a retomada dos estudos. Mais uma vez as respostas apresentadas evidenciaram que este objetivo foi alcançado, que pode ser comprovado ao ler os seguintes depoimentos: *“Fui diagnosticada com depressão, resolvi mudar o que estava errado. Muito pouco tempo ainda, mas estou me divertindo muito comigo mesma, um dos desafios que me propus foi colocar meu cérebro em funcionamento contínuo, isso estou conseguindo!” (A114-i59-59-F); “Tudo mudou, tenho outra visão de vida, tinha muita insegurança em relação ao que eu seria capaz ser, fazer, hoje sei que sou capaz de evoluir” (A53-i50-59-F).*

Como sugestão para futuros pesquisadores sobre a mesma temática, recomendo analisar se desejam limitar-se a um questionário virtual, sem contato com o sujeito de pesquisa, pois esta foi uma das coisas que mais senti falta e gostaria de fazer diferente. Ficou a vontade de realizar entrevistas, fossem elas virtuais ou presenciais, desde que permitissem um diálogo direto com os respondentes.

Antes de finalizar, importante registrar algumas recomendações para os adultos maduros que desejam ingressar em uma graduação a distância on-line e, também, para as Instituições de Ensino que ofertam esta modalidade.

Para o adulto maduro, potencial aluno da EAD, recomendamos que faça uma pesquisa detalhada, busque conhecer mais de perto a Instituição onde pretende fazer o curso e, ao decidir, que faça uma visita, exponha seu desejo de estudar lá, relate as suas dificuldades e pergunte o que podem fazer por você. Outra recomendação é fazer um ou dois cursos de curta duração para que possa se familiarizar com a modalidade e seus recursos e poder perceber se será confortável fazer uma graduação neste modelo, se possível na Instituição onde pretende cursar a graduação.

Para as IES recomendo ir além da oferta de *Bolsa Maturidade*. Buscar conhecer quem é este candidato que poderá vir a ser aluno da Instituição e, a matrícula se confirmando, buscar saber mais sobre este calouro. No capítulo 3, tópico 3.6, indico a inclusão da Ambientação dentre os indicadores da pesquisa de Machado e Behar. Reforço a importância de proporcionar uma Ambientação customizada para este público, bem como ações de investigação desde a inscrição no vestibular, e especialmente na matrícula. ou seja, um acompanhamento mais

personalizado, especialmente no primeiro período, e analisar a evolução deste aluno a cada etapa do curso, podendo, inclusive, vir a ser material de estudo e análise para a melhoria dos processos de gestão e das práticas docentes. Objetivamente, que as Instituições olhem para estes alunos para além da oferta de bolsa maturidade, ou seja, que pensem neste aluno dentro da academia, que haja uma postura do cuidado, do acompanhamento, do orientar, que busquem reconhecer as suas necessidades, com afetividade e empatia, oferecendo-lhes oportunidade de participar de um universo acadêmico que lhes permita sentirem-se naturalmente integrados ao grupo e ao ambiente, proporcione-lhes realizar o que pode ser o seu maior objetivo – ter uma graduação, e, além disso, estar integrado ao ambiente acadêmico, produzindo e sendo reconhecido. Esse posicionamento demonstrará que a Instituição está indo além da bolsa maturidade e, naturalmente, trará resultados positivos para todos.

Acredita-se que esta pesquisa apresenta resultados e contribuições para novas e importantes abordagens no processo de ensino e aprendizagem dos adultos maduros, nos cursos de graduação da Unigranrio e em qualquer outra Instituição que lance mão dos dados que aqui são apresentados. Sem dúvida, há algo muito maior que nos move a todos: a conquista do aprender, a dimensão do sonho realizado, o desejo de superação e, principalmente, a vontade de chegar ao destino almejado.

Ser adulto maduro é ter percorrido uma longa cainhada, vivenciando todas as etapas anteriores e feito sínteses: de cada momento, das experiências, das lembranças, aprendizados, renúncias, sabedoria e erudição (BALBONOTTI, 2003, p. 76).

Espero que a leitura desta pesquisa possa servir de inspiração a muitos profissionais envolvidos com a educação de adultos em nível superior, afinal não há atalhos fáceis para uma educação de qualidade e que atenda às especificidades dos alunos. Trata-se de um desafio vivido a cada dia por todos os profissionais que atuam direta ou indiretamente com educação, especialmente o docente que está no dia a dia com seu aluno, ensinando e aprendendo, como nos conscientizou Paulo Freire.

Há, sim, um caminho de muito trabalho, que, combinado com a vontade e a capacidade de adequação às mudanças da sociedade, especialmente as inerentes à longevidade, certamente nos conduzirá às respostas que buscamos para a nossa evolução enquanto educadores.

Que esta pesquisa seja útil a todos os estudantes e profissionais da educação que tenham a oportunidade de ter entre seus alunos estes adultos maduros, para que possam reconhecer e lidar com as situações aqui relatadas. Da identificação e compreensão das especificidades de

situações dependerá a adoção de ações preventivas e assertivas para uma adequada condução nos espaços de aprendizagem.

Para esta pesquisadora ficou a crença de que a educação é um caminho especial que cria possibilidades, muda destinos, resgata e aproxima pessoas. A educação tem um potencial inestimável de fazer o bem.

Que este olhar sobre a educação de adultos com idades mais avançadas contribua para uma importante mudança e transformação social, pois acredita-se que por meio da educação permite-se a plena realização do potencial que cada ser humano carrega em si.

No momento de finalização desta dissertação o mundo está passando por importantes mudanças oriundas da pandemia provocada pelo COVID-19, como já mencionado no Capítulo 02, que afetou também, significativamente, a educação, e trouxe a educação a distância para um novo cenário. Fala-se em Educação 5.0, em uma nova onda que proporcionará a esta modalidade de ensino uma nova e significativa expansão, dentre outros aspectos que a envolvem. Não foi possível adentrar ao assunto, mas entendemos importante fazer este registro.

Referências bibliográficas

ABED. **Censo EaD**: relatório analítico da aprendizagem a distância no Brasil. São Paulo: Pearson, 2016.

ABED. **Censo EaD**: relatório analítico da aprendizagem a distância no Brasil. São Paulo: Pearson, 2018.

ABED. **Censo EaD**: relatório analítico da aprendizagem a distância no Brasil. São Paulo: Pearson, 2019.

ABREU, M. C. D. **Velhice**: uma nova paisagem. São Paulo: Ágora, 2017.

ABMES. Ensino a Distância vai superar alunos dentro de sala de aula. Disponível em: <<https://abmes.org.br/noticias/detalhe/3268>>. Acesso em: 06 jan. 2020.

ALMEIDA, M. D. S. **Elaboração de Projeto, TCC, Dissertação e Tese**. São Paulo: Atlas, 2011.

ALMEIDA, M. G. D.; FREITAS, M. D. C. D. **A escola no século XXI**: atores responsáveis pela educação e seus papéis. São Paulo: Brasport, 2011.

BALBINOTTI, H. B. F. **ADULTO MADURO**: o pulsar da vida. Porto Alegre: WS, 2003.

BALBINOTTI, H. B. F. **A vida a partir dos 40**: conflitos, desafios e reconstruções. São Borja: Conceito, 2007.

BALBINOTTI, H. B. F. **Ser adulto maduro hoje**: uma visão psicológica. São Borja: Conceito, 2005.

BALBINOTTI, H. B. F. **A personalidade do adulto maduro**: reflexões da clínica psicológica. São Borja: Conceito, 2012.

BARROS, R. **Educação de Adultos**: conceitos, processos e marcos históricos. Da globalização ao contexto Português. Portugal: Horizontes Pedagógicos, 2013.

BATES, A. W. **Educar na Era Digital**: design, ensino e aprendizagem. a. ed. São Paulo: Artesanato Educacional, 2016.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Vidas Desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BEAUVOIR, S. **A velhice**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

BEHAR, P. A. **Modelos pedagógicos em Educação a Distância**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BEHAR, P. A. **Competências em Educação a Distância**. Porto Alegre: Penso, 2013.

BELLONI, M. L. **Educação a distância**. São Paulo: Autores Associados, 2012.

BERNARDI, J. R. **Ditadura Militar, Projeto Minerva e a Educação a Distância**.

Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/semanacsoc/pages/arquivos/GT3-%202014/GT3_Jose%20Ricardo%20Bernardi.pdf>. Acesso em: 06 jan. 2020.

BIAGGIO, A. M. B. **Psicologia do Desenvolvimento**. 2ª reimpressão Petrópolis: Editora Vozes, 2016.

BIELSCHOWSKY, C.; MASUDA, M. O. Permanência dos alunos nos cursos do Consórcio CEDERJ. In: Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância. v17, 2018. p. 145-191

BRASIL. Ministério da Educação. Decreto Nº 5.622, Regulamenta o art. 80 da Lei nº 9.394/96. Disponível em: <<http://www2.mec.gov.br/sapiens/portarias/dec5622.htm>>. Acesso em: 16 out. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Referenciais de Qualidade para a EAD**, 2007.

Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/legislacao/refead1.pdf>>. Acesso em: 16 out. 2019.

BRASIL. Planalto do Governo. Lei ° 13.446, de 12 de julho de 2017. Altera os arts. 3º, 15 e 17 da Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, que dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/L Lei/L13466.htm>. Acesso em: 16 out. 2018.

BRASIL. Planalto do Governo. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm> Acesso em: 31 jul . 2017.

BRASIL. Senado Federal. Projeto de Lei nº 126 de 2016. Dispõe sobre o uso de símbolos desprovidos de caráter pejorativo na identificação de pessoa com deficiência e de idoso. Disponível em: <<https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/125262>>. Acesso em: 16 out. 2018.

BRASIL. Planalto do Governo. Decreto nº 9.057, de 25 de maio de 2017. Regulamenta o art. 80 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Decreto/D9057.htm>. Acesso em: 06 dez. 2018.

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

CRISTELLO, E. O perfil do aluno egresso no curso de Administração na modalidade de Educação a Distância e suas percepções de qualidade: uma realidade de uma instituição privada do Rio Grande do Sul/Brasil. **Revista online de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, v.22, n.1, p. 336-350, jan./abr. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/download/10414/7340>>. Acesso em: 06 jan. 2020.

DANIS, C.; SOLAR, C. **Aprendizagem e Desenvolvimento dos Adultos**. Lisboa: Horizontes Pedagógicos, 2001.

D'AVILA, C. M.; VEIGA, I. P. A. **Didática e docência na educação superior**: implicações para a formação de professores. Campinas: Papirus, 2012.

DEAQUINO, C. T. E. **Como Aprender**: andragogia e as habilidades de aprendizagem. 1. ed. São Paulo: Pearson, 2009.

DIÁRIO DOS CAMPOS, Ensino Superior conquista a terceira idade. Disponível em: <<https://www.diariodoscamos.com.br/noticia/ensino-superior-conquista-a-terceira-idade>>. Acesso em: 22 jun. 2018.

EBOLI, Marisa. **Educação Corporativa no Brasil**: mitos e verdades. São Paulo: Editora Gente, 2004.

ECONOMIA: Em 5 anos, cresce a participação de idosos no mercado formal de trabalho. G1, 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/concursos-e-emprego/noticia/em-5-anos-cresce-a-participacao-de-idosos-no-mercado-formal-de-trabalho.ghtml>>. Acesso em: 06 Dez. 2017.

ELIAS, N. **A solidão dos moribundos seguido do "Envelhecer e morrer"**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

ERIKSON, E. H. **O Ciclo de Vida Completo**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

FERREIRA, A. B. H. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 3. ed. 2ª impressão Curitiba: Editora Positivo, 2004.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 27. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, P. **Educação e Mudança**. 32. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2010.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes Necessários à Prática Educativa. 51. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2015.

FREUD, S. Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

GABRIEL, M. **Você, eu e os robôs**: pequeno manual do mundo digital. São Paulo: Atlas, 2018.

GADOTTI, M. **Educação de adultos como direito humano**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2009.

GOMES, M. R. O. Terceiro relatório global sobre aprendizagem e educação de adultos. **Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO)**, Brasília, p. 156, 2016.

GUIMARÃES, L. S. R. O aluno e a sala de aula virtual. In: LITTO, F. M.; FORMIGA, M. (Org.). **Educação a Distância**: o estado da arte. v. 2. São Paulo: Pearson, 2012. p. 126-133.

GUSMÃO, N. M. M. A maturidade e a velhice: um olhar antropológico. In.: NERI, A. (org). **Desenvolvimento e envelhecimento: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas.** Campinas: Papirus, 2015, cap. 6.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

HESSE, H. **Com a maturidade fica-se mais jovem.** 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2018.

HILL, M.; HIL, A. **Investigação por questionário.** 2. ed. Lisboa: Edições Sílabo, 2016.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Estudos e Análises:** Informação Demográfica e Socioeconômica. IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e estatística. [S.l.]. 2016.

INEP/MEC. Resumo Técnico do Censo da educação Superior 2017. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/resumo_tecnico/resumo_tecnico_censo_da_educacao_superior_2017.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2020.

INEP/MEC. Censo da Educação Superior 2016. Notas Estatísticas. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2019/censo_da_educacao_superior_2018-notas_estatisticas.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2018.

INEMP/MEC. Censo da Educação Superior 2016. Principais resultados. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2016/censo_superior_tabelas.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2018.

JANTSCH, A. P.; BIANCHETTI, L. (Orgs) **Interdisciplinaridade para além da Filosofia do Sujeito.** 6. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

KENSKI, V. M. **Tecnologias e Ensino Presencial e a distância.** 9. ed. Campinas: Papirus, 2015.

KENSKI, V. M. **Educação e Tecnologias: o novo ritmo da informação.** 8. ed. Campinas: Papirus, 2016.

KNOWLES, M.; HOLTON III, E.; SWANSON, R. **Aprendizagem de resultados: Uma abordagem prática para aumentar a efetividade da educação corporativa.** Rio de Janeiro: Campus, 2009.

KOMATSU, R. S. **Aprendizagem baseada em problemas: sensibilizando o olhar para o idoso.** São Paulo: Reunida, 2003.

LIMA, A.; LOBATO, G. **Disruptura: metodologias ativas para a inovação em sala de aula.** Rio de Janeiro: Autografia, 2019.

LEMO, A. Cibercultura. Alguns pontos para compreender a nossa época. In: LEMO, A.; CUNHA, P. **Olhares sobre a cibercultura.** Porto Alegre: Editora Sulina, 2013.

LÉVY, P. **Cibercultura.** 3. ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Editora 34, 2014.

LIMA, L. C. **Educação ao longo da vida: entre a mão direita e a mão esquerda de Miró**. São Paulo: Cortez, 2007.

LITTO, F. M. **Aprendizagem a distância**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2010.

MACHADO, L. R.; BEHAR, P. A. Educação a Distância e Cybersênior: um foco nas estratégias pedagógicas. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, Jan./Mar., 2015. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/45563>>. Acesso em: 16 Out. 2017.

MARGIS, R.; CORDIOLI, A. Idade Adulta: meia-idade. In.: **O ciclo de vida humana: uma perspectiva psicodinâmica**. Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 159- 167.

MAIA, C.; MATTAR, João. **ABC da EaD: a educação a distância hoje**. São Paulo: Pearson, 2007.

MASETTO, M. T. Mediação Pedagógica e o uso da Tecnologia. In MORAN, J. M. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 17. ed. São Paulo: Papirus, 2010.

MASETTO, M. C. **Competência pedagógica do professor universitário**. 3. ed. São Paulo: Summus, 2015.

MASETTO, M. C. (Orgs). **Docência universitária**. São Paulo: Papirus, 1998.

MATTAR, J. **Guia de Educação a Distância**. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

MATTAR, J. **Tutoria e interação em educação a distância**. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

MAYO, P. **Gramsci, Freire e a educação de adultos: possibilidades para uma ação transformadora**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MAZZAFERRO, D.; BERNHOEFT, R. **Longevidade: os desafios e as oportunidades de se reinventar**. São Paulo: Editora Évora, 2016.

MENDES, M. C. S. Andragogia e Pedagogia: uma EaD mais acolhedora. In. **21º Congresso Internacional ABED de Educação a Distância**. Disponível em: <http://www.abed.org.br/congresso2015/anais/pdf/BD_131.pdf>. Acesso em: 16 out. 2017.

MENDES, M. C. S. Andragogia e EAD: uma parceria oportuna. In: BOLSONI, E. P. (Org.) **O Sucesso na EAD pelo olhar de quem faz**. Maringá: Linkania, 2015.

MENDES, M. C. S.; FAUSTINO, C. S. O Estudante Adulto Maduro na EaD: um olhar sobre o perfil do aluno do curso de Teologia. **Teologia em Diálogo**, Duque de Caxias, v. 1, n. 1, p. 148-161, Dez. 2017. Disponível em: <http://unigranrio.com.br/_docs/cursos/revista_teologia.pdf>. Acesso em: 16 out. 2017.

MENDES, M. et al. Andragogia e a Didática do Ensino Superior: novo lidar com o aprendizado do adulto em EAD. In.: **18º Congresso Internacional ABED de Educação a**

Distância. São Paulo, maio, 2012. Disponível em:
<<http://www.abed.org.br/congresso2012/anais/218c.pdf>>. Acesso em: 16 out. 2017.

MENDES, M. C. S. **Papo de Adulto Maduro**, 2017. Disponível em:
<<https://papodeadultomaduro.wordpress.com/2017/12/07/primeiro-post-do-blog/#comments>>. Acesso em: 04 Jan. 2018.

MENEZES, E. T. **Projeto Minerva**. Educa Brasil. 2001 Disponível em:
<<https://www.educabrasil.com.br/projeto-minerva/>>. Acesso em: 20 dez 2019.

MENEZES, E. T. **Telecurso 2º Grau**. Educa Brasil. 2001 Disponível em:
<<https://www.educabrasil.com.br/telecurso-2o-grau/>>. Acesso em: 20 dez 2019.

MILL, D.; RIBEIRO, L. R. C.; OLIVEIRA, M. R. G. (Orgs.) **Polidocência na Educação a Distância**: múltiplos enfoques. São Carlos, EduFSCaR, 2010.

MILL, D. **Docência virtual: uma visão crítica**. São Paulo: Papirus Editora, 2012.

MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F.; GOMES, R. (Org.). **Pesquisa Social**: Teoria, método e criatividade. 29. ed. Petropolis: Editora Vozes, 2010.

MOORE, M.; KEARSLEY, G. **Educação a Distância**: uma visão integrada. São Paulo: Thomson, 2007.

MOREIRA, M. A.; MASINI, E. F. S. **Aprendizagem Significativa**: a teoria de Ausubel. São Paulo: Centauro, 2011.

MUCCHIELLI, R. **A formação de adultos**. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

NERI, A.; CACHIONI, M. Educação e velhice bem-sucedida no contexto das universidades da terceira idade. In: **Velhice bem-sucedida**. Campinas: Papirus, 2014, cap. 2.

NERI, A. Qualidade de Vida no Adulto Maduro. In.: NERI, A. (org). **Qualidade de Vida e Idade madura**. Campinas: Papirus, 2016. cap. 1.

NOGEUIRA, M. **Metodologia do Ensino na Educação Superior**. Aprendizagem do aluno adulto: implicações para a prática docente no Ensino Superior. Curitiba: Editora IBPEX, 2009.

OKADA, A.; ALMEIDA, F. Avaliar é bom, avaliar faz bem: os diferentes olhares envolvidos no ato de aprender. In.: SILVA, M; SANTOS, M. (Org.). **Avaliação da aprendizagem em educação online**. São Paulo: Loyola, 2006.

OLIVEIRA, M. K. D. **Cultura & Psicologia**: questões sobre o desenvolvimento do adulto. São Paulo: Hucitec, 2016.

OLIVEIRA, M. K. D.; REGO, T. C.; AQUINO, J. G. Desenvolvimento Psicológico e Constituição de Subjetividades: ciclos de vida, narrativas autobiográficas e tensões da contemporaneidade. In: OLIVEIRA, M. K. D. **Cultura & Psicologia**: questões sobre o desenvolvimento do adulto. São Paulo: Hucitec, 2016.

OSORIO, A. R. **Educação Permanente e Educação de Adultos**. Porto Alegre: Horizontes pedagógicos, 2005.

OZÓRIO, P. Relatório Global sobre Aprendizagem e Educação de Adultos. **Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO)**, Brasília, p. 156, 2010.

PALLOFF, R. M.; PRATT, K. O aluno virtual. Porto Alegre: Artmed, 2004.

PIMENTA, S. G.; ANASTASIOU, L. G. C. **Docência no Ensino Superior**. 4. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2010.

PINTO, Á. V. **Sete lições sobre educação de adultos**. São Paulo: Cortez, 2010.

PLACCO, V. M.N. de S.; SOUZA, V. T. Aprendizagem do adulto professor. São Paulo: Loyola, 2006.

PRENSKY, Marc. Nativos digitais, imigrantes digitais. Tradução de Roberta de Moraes Jesus. **On the Horizon**, v. 9, n. 5, 2001, pp. 1-6. Disponível em: < <http://poetadasmoreninhas.pbworks.com/w/file/60222961/Prensky%20-%20Imigrantes%20e%20nativos%20digitais.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2020.

ROCHA, I. M. S. N. **Velhice, Planificação e Políticas Públicas**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2016.

ROGERS, J. **Aprendizagem de adultos: fundamentos para a educação corporativa**. 51. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

ROLLA, A. M. S. Prefácio. In: BALBINOTTI, H. Ser adulto maduro hoje: uma visão psicológica. São Borja: Conceito, 2005.

ROMÃO, J. E.; GADOTTI, M. **Educação de adultos: cenários, perspectivas e formação de educadores**. Brasília: Liber Livro, 2007.

SILVA, M. B. S.; FRANCO, V. S. Um estudo sobre a evasão no curso de física da Universidade Estadual de maringá: modalidade presencial versus modalidade a distância. In: Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância. v17, 2018. p. 123-146

SILVA, P. A.; GONÇALVES, S. C. Uma análise do perfil do aluno: curso de Pedagogia a distância da Universidade Federal de Juíz de Fora. **Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, Juiz de Fora, n. 28, 2019. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=31&ved=2ahUKEwiKy_m9uNmAhVLD7kGHf_xA_w4HhAWMAB6BAgCEAE&url=https%3A%2F%2Fperiodicos.ufjf.br%2Findex.php%2Fconline%2Farticle%2Fview%2F17502%2F14740&usg=AOvVaw1CPI8TzbxKo59_AO1fkBc_>. Acesso em: 20 dez. 2019.

SANTAELLA, L. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo: Paulus, v. 6, 2016.

SCHNEIDER, E.; FUJII, R.; CORAZZA, M. J. Pesquisa Quali-Quantitativas: contribuições para a pesquisa em ensino de ciências. **Revista Pesquisa Qualitativa**, v.5, n.9, 2017.

Disponível em: <<http://rpq.revista.sepq.org.br/index.php/rpq/article/view/157>>. Acesso: 24 abr. 2018.

SILVESTRE, C. A. S. **Educação, Formação de Adultos como dimensão dinamizadora do sistema educativo/formativo**. Porto Alegre: Horizontes Pedagógicos, 2003.

SILVESTRE, C. A. S. **Educação e Formação de Adultos e Idosos: uma nova oportunidade**. 2ª ed. Porto Alegre: Horizontes Pedagógicos, 2011.

SIMÕES, C. C. S. Breve Histórico do processo demográfico. In.: Brasil: uma visão geográfica e ambiental no início do século XXI. **IBGE**, 2016. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=297884>>. Acesso em: 19 dez. 2019.

SOLAR, C. Da ruptura à transformação: o caso da iniquidade. In. DANIS, C.; SOLAR, C. **Aprendizagem e Desenvolvimento dos Adultos**. Lisboa: Horizontes Pedagógicos, 2001.

TARDIF, M.; LESSARD, C. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

UNESCO. **Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura**, 2017. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/agencia/unesco/>>. Acesso em: 06 dez. 2017.

VEIGA, C. M. (Orgs.) **Didática e Docência na Educação Superior: implicações para formação de professores**. Campinas: Papirus Editora, 2012

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de Pesquisa em Administração**. 13. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

VILAÇA, M. L. C. Tecnologia e educação: introdução à competência tecnológica para o ensino online. **E-scriita Revista do Curso de Letras da UNIABEU**, Nilópolis, v. 2, n. 5, Mai./Ago. 2011 Disponível em: <https://revista.uniabeu.edu.br/index.php/RE/article/viewFile/176/pdf_69>. Acesso em: 19 fev. 2020.

VILAÇA, M. L. C. Ambientes Virtuais de Aprendizagem: tecnologia, educação e comunicação. **Cadernos do CNLF (CIFEFIL)**, V. XVII, p. 16, 2013. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xvii_cnlf/cnlf/10/02.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2019.

APÊNDICE A – Instrumento de geração de dados – Questionário Oficial

Questionário Adulto maduro na EAD (on-line)

Olá!

Sou Mônica Campos (monica.campos@outlook.com.br), mestranda do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes - PPGHCA - Mestrado Acadêmico em Humanidades, Culturas e Artes, da UNIGRANRIO. Estou desenvolvendo uma pesquisa, sob a orientação do Prof. Dr. Márcio Luiz Corrêa Vilaça, cujo propósito é identificar o que motiva o adulto maduro a procurar um curso totalmente a distância (on-line). Os resultados da pesquisa serão utilizados, exclusivamente, para a elaboração de dissertação de mestrado e publicações acadêmicas resultantes da pesquisa. A privacidade da identidade dos participantes será preservada, respeitando todos os critérios éticos. Ao enviar este questionário, você sinaliza aceitar participar voluntariamente desta pesquisa por meio deste instrumento de geração de dados. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UNIGRANRIO com o protocolo 3.633.952.

Agradeço a sua colaboração!

Peço que confirme sua participação

() Sim, aceito participar desta pesquisa

Bloco 01 Questões de perfil

Marcar apenas uma oval.

- () Administração
- () Análise e Desenvolvimento de Sistemas
- () Ciências Contábeis
- () Ciências Econômicas
- () Engenharia de Produção
- () Física
- () Gestão Ambiental
- () Gestão Comercial
- () Gestão de Recursos Humanos
- () Gestão Financeira
- () História
- () Letras – Português
- () Logística
- () Marketing
- () Matemática
- () Pedagogia
- () Processos Gerenciais
- () Redes de Computadores
- () Serviço Social
- () Teologia

2 - Qual período você está cursando? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ 1º período
- ☐ 2º período
- ☐ 3º período
- ☐ 4º período
- ☐ 5º período
- ☐ 6º período
- ☐ 7º período
- ☐ 8º período
- ☐ Outro: _____

3 - Qual a sua idade? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Até 19 anos
- ☐ De 20 a 29 anos
- ☐ De 30 a 39 anos
- ☐ De 40 a 49 anos
- ☐ De 50 a 59 anos
- ☐ De 60 a 69 anos
- ☐ De 70 ou mais

4 - Gênero *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Feminino
- ☐ Masculino
- ☐ Outro: _____

5 - Estado civil: *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Solteiro(a)
- ☐ Casado(a)
- ☐ Divorciado(a)
- ☐ Viúvo(a)
- ☐ Outro: _____

6 - Qual a motivação inicial para uso da internet? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Motivos de trabalho
- ☐ Motivos acadêmicos
- ☐ Motivos de lazer

7 - Há quanto tempo você utiliza a internet? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Poucos meses
- ☐ Aproximadamente 1 ano
- ☐ Há dois anos
- ☐ Há mais de dois anos
- ☐ Mais de cinco anos
- ☐ Mais de dez anos
- ☐ Outro: _____

8 - Com que frequência utiliza a internet? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sempre (todos os dias)
- ☐ Com bastante frequência (em média, 5 vezes por semana)
- ☐ Com frequência razoável (em média, 3 vezes por semana)
- ☐ Com pouca frequência (em média, 1 vez por semana)
- ☐ Raramente (em média, 1 vez por mês)

9 - Como iniciou sua inclusão digital? *

Marque todas que se aplicam.

- ☐ Utilizando e-mail
- ☐ Na rede social Orkut
- ☐ No Facebook
- ☐ Pesquisas em sites de busca
- ☐ Aplicativo de mensagem instantânea (ICQ, MSN, Skype, etc.)
- ☐ Internet - visita páginas em geral
- ☐ Outro: _____

10 - Comente como foi o seu percurso e experiência da sua inclusão digital

11 - Você usa Redes Sociais? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim
- ☐ Não

12 - Caso tenha respondido sim à pergunta anterior, indique qual a que mais usa:

*

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Facebook
- ☐ Instagram
- ☐ LinkedIn
- ☐ Twitter
- ☐ WhatsApp
- ☐ Youtube
- ☐ Outro: _____

13 - Qual o seu lazer preferido? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Leitura
- ☐ Cinema
- ☐ Teatro
- ☐ Clube
- ☐ Bibliotecas
- ☐ Exposições de Arte
- ☐ Visita a museus
- ☐ Esportes
- ☐ Outro: _____

14 - Qual é o seu hábito de estudo? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sozinho(a)
- ☐ Em dupla ou em grupo

15 - De que forma você se atualiza? *

Marque todas que se aplicam.

- ☐ Internet - sites diversos
- ☐ Televisão
- ☐ Jornal impresso
- ☐ Rádio
- ☐ Redes Sociais Digitais
- ☐ Outro: _____

16 - Qual a sua situação profissional atual? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Empregado com carteira assinada
- ☐ Trabalhador informal - autônomo
- ☐ Trabalhador formal (MEI - Microempreendedor Individual)
- ☐ Em busca de uma oportunidade
- ☐ Aposentado(a)
- ☐ Outro: _____

17 - Qual a sua escolaridade? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Ensino médio completo (Segundo grau)
- ☐ Já possuo uma graduação
- ☐ Outro: _____

18 - Qual o ano da formação indicada na resposta anterior?

19 - Já havia feito algum outro curso na modalidade a distância? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim
- ☐ Não

20 - Se respondeu sim, gostou da experiência?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Outro: _____

Bloco 02 Questões temáticas**21 - O que levou a escolher o atual curso de graduação, na modalidade a distância (online)?**

Marque a opção mais relevante: *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Comodidade de estudar em casa
- ☐ Baixo investimento - valor da mensalidade
- ☐ Flexibilidade de horário
- ☐ Tenho outros compromissos e assim posso estudar no meu tempo e ritmo
- ☐ Economia de tempo em deslocamentos
- ☐ Material de estudo incluso no valor da mensalidade
- ☐ Já ter feito curso nesta modalidade de ensino e ter gostado da experiência
- ☐ Posso estudar em qualquer lugar que tenha internet
- ☐ Todo o conteúdo fica disponível para acesso a qualquer dia e horário
- ☐ Tenho minhas dúvidas esclarecidas com mais rapidez; não é preciso aguardar a próxima aula
- ☐ Tenho muitos anos sem estudar e por isso prefiro fazer de casa

- () Tenho muito anos sem estudar e com a EaD posso estudar no meu ritmo
 () Tenho muitos anos sem estudar e não tenho segurança para estar em sala de aula presencial
 () Outro: _____

22 - Como você avalia o seu domínio no uso das tecnologias e recursos digitais: *

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Onde 1 muita dificuldade e 5 nenhuma dificuldade

23 - Comente possíveis dificuldades tecnológicas e educacionais no início da atual Graduação

24 - Na graduação atual você encontrou alguma dificuldade para utilizar o AVA – Ambiente Virtual de Aprendizagem? *

Marcar apenas uma oval.

- () Sim
 () Não

25 - Comente sobre a sua experiência com o AVA - Ambiente Virtual de Aprendizagem, do curso atual

26 - Qual o local de acesso para realização dos estudos EAD? *

Marcar apenas uma oval.

- () Em casa
 () No trabalho
 () Na biblioteca da Universidade
 () Polo de apoio presencial
 () Lan House
 () Outro: _____

27 - Antes de iniciar esta graduação, qual era a sua expectativa quanto a retomar os estudos?

28 - O retorno aos estudos está vinculado a algum projeto específico? *

Marcar apenas uma oval.

() Sim

() Não

29 - Caso tenha respondido sim à pergunta anterior, informe aqui, se desejar, qual o projeto?

30 - Se respondeu não, relate aqui se o retorno aos estudos despertou algum novo interesse ou projeto?

31 - Você tinha preferência em fazer esta graduação na modalidade EaD? *

Marcar apenas uma oval.

() Sim

() Não

32 - Comente sua resposta à questão 31

33 - Se desejar deixe aqui algum comentário que entenda relevante e que não abordamos acima:

Escala de opinião

Abaixo você encontrará afirmações. Gostaria de saber sua opinião a respeito delas.

Escolha entre 1 a 5 na escala para determinar o grau de importância.
Marque 1 para a menos importante e 5 para a mais importante.

34 - Qual a mudança mais significativa em sua vida ao retornar os estudos?

a) Realizar o sonho da graduação: *

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Onde 1 menos importante e 5 mais importante

b) Melhorou minha autoestima: *

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Onde 1 menos importante e 5 mais importante

c) Promoção no trabalho: *

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Onde 1 menos importante e 5 mais importante

d) Retornar ao mercado de trabalho: *

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Onde 1 menos importante e 5 mais importante

e) Melhoria da minha renda: *

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Onde 1 menos importante e 5 mais importante

f) Conseguir iniciar uma atividade empreendedora *

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Onde 1 menos importante e 5 mais importante

35 - Comente como se deu esta mudança e aponte possíveis dificuldades que tenha Vencido

36 - Se desejar deixe aqui um depoimento sobre a sua experiência na graduação a distância.

Agradecimento!

Agradeço por ter dedicado parte de seu tempo para responder a este questionário. Espero que seu resultado possa vir a contribuir para uma adequação dos cursos ON-LINE ao público desta pesquisa.

UNIGRANRIO

Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes - PPGHCA Mestrado Acadêmico em Humanidades, Culturas e Artes

Aluna: Mônica Campos Santos Mendes

e-mail: monica.campos@outlook.com.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7927571265136812>

LinkedIn: <https://www.linkedin.com/in/monica-campos-edu-ead/>

ANEXO 01 – Oferta de Bolsa Maturidade

Oi, *|PRIMEIRO_NOME|*! Tudo bem com você?

👉 Estou aqui para te contar uma novidade!

O Grupo Unis é uma Instituição de Ensino que acredita em sonhos e se orgulha por fazer parte de tantas histórias inspiradoras. Ao longo da nossa trajetória de mais de 50 anos, tivemos a oportunidade de ajudar inúmeras pessoas na superação do grande desafio que é concluir uma faculdade.

Sabemos também que, para muitos, não foi possível realizar esse sonho na juventude. Pode ser o caso dos seus pais, avós, tios e amigos que já alcançaram a melhor idade.

Por isso, lançamos a **Bolsa Maturidade UniSênior 60+!** Funciona assim: pessoas de 60 ou mais anos, a partir de agora, possuem um desconto para cursos de graduação e pós-graduação a distância! Essa bolsa maturidade (desconto), em percentual, corresponde à idade do aluno no ato da matrícula. Exemplo: 65 anos no ato da matrícula = 65% de bolsa maturidade durante todo o período do curso.

Essa pode ser a grande chance para as pessoas que você ama finalmente conquistarem o diploma! Não é incrível? 🤩

Contamos com você para nos ajudar a espalhar essa notícia, *|PRIMEIRO_NOME|*!

Um abraço, Ane

Fonte: https://app.rdstation.com.br/mail/c5f90979-504f-4286-a883-2f350823bd47?utm_campaign=divulgacao_unis_senior_60_graduacao&utm_medium=email&utm_source=RD+Station. Acesso em: 04 ago. 2019.

ANEXO 02 – Símbolo de preferência do idoso

Fonte: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2017/02/06/simbolo-de-preferencia-deve-respeitar-idosos-segundo-projeto-em-pauta-na-cdh>. Acesso em: 04 ago. 2019.

ANEXO 03 – Blog Papo de Adulto Maduro

Fonte: Link: <https://papodeadultomaduro.wordpress.com/>. Acesso em: 31 jul. 2019.

ANEXO 04 – Aos 73 anos, idoso faz ENEM para tentar vestibular

Fonte: <http://noticiasdesantaluz.com.br/aos-73-anos-idoso-faz-enem-para-tentar-curso-de-direito-na-bahia-minha-mente-e-jovem/>. Acesso em: 04 ago. 2019.

ANEXO 05 – Idoso se forma em História aos 79 anos de idade



Idoso se forma em História aos 79 anos e sua trajetória inspira instituição de ensino

Fonte: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/idoso-se-forma-em-historia-aos-79-anos-trajetoria-do-aluno-inspira-universidade-do-rj-que-cria-projeto-de-alfabetizacao.ghtml>. Acesso em: 31 out. 2019.

ANEXO 06 – Idosa de 86 anos cursa último ano de Educação Física

19/03/2017 10h03 - Atualizado em 19/03/2017 10h03

Idosa de 86 anos cursa último ano de Educação Física em Porto Ferreira, SP

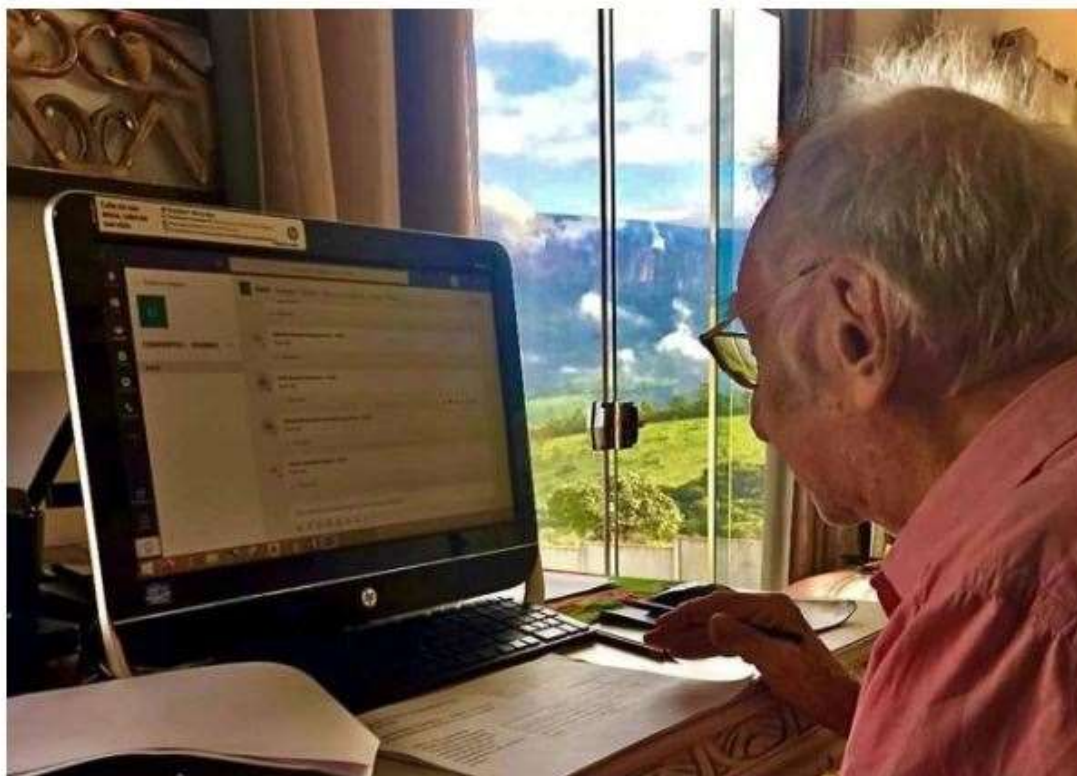
Ela faz natação e vôlei adaptado e nunca esqueceu do amor pelo esporte. Nilcea Barroso prestou vestibular com 83 anos e passou em primeiro lugar.

Do G1 São Carlos e Araraquara



Fonte: <http://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2017/03/idosade-86-anos-cursa-ultimo-ano-de-educacao-fisica-em-porto-ferreira-sp.html>. Acesso em: 01 set. 2019.

ANEXO 07 – Universitário de 92 anos se adapta à tecnologia para assistir aulas na quarentena: ‘vai passar’



Carlos Augusto Manço passou alguns dias da quarentena estudando na Serra da Canastra, em Minas Gerais Foto: Isabella Bucci

Fonte: <https://emails.estadao.com.br/noticias/comportamento,universitario-de-92-anos-se-adapta-a-tecnologia-para-assistir-aulas-na-quarentena-vai-passar,70003311519?>. Acesso em: 06 dez. 2019.

ANEXO 08 – Carta de Anuência



CARTA DE ANUÊNCIA da INSTITUIÇÃO SEDIADORA

Declaramos, para os devidos fins, que concordamos em disponibilizar o(s) setor(es) NEAD - Unigranrio desta Instituição, para o desenvolvimento das atividades referentes ao Projeto de Pesquisa, intitulado: "O adulto maduro e a motivação para cursar uma graduação Online", da pesquisadora Mônica Campos Santos Mendes sob a responsabilidade do Professor Angelo Santos Siqueira do curso de Pós-graduação em Humanidades, Culturas e Artes da Universidade do Grande Rio, pelo período de execução previsto no referido Projeto.

Rio de Janeiro, 15 de 04 de 2019

Marcia Loch

Nome, por extenso, do responsável pelo setor

Direção NEAD

Cargo e/ou função que exerce na instituição

Assinatura e Carimbo

022868909-64

CPF

Márcia Loch
Direção do Núcleo de Educação a Distância
UNIGRANRIO

marcia.loch@unigranrio.com.br

E-mail